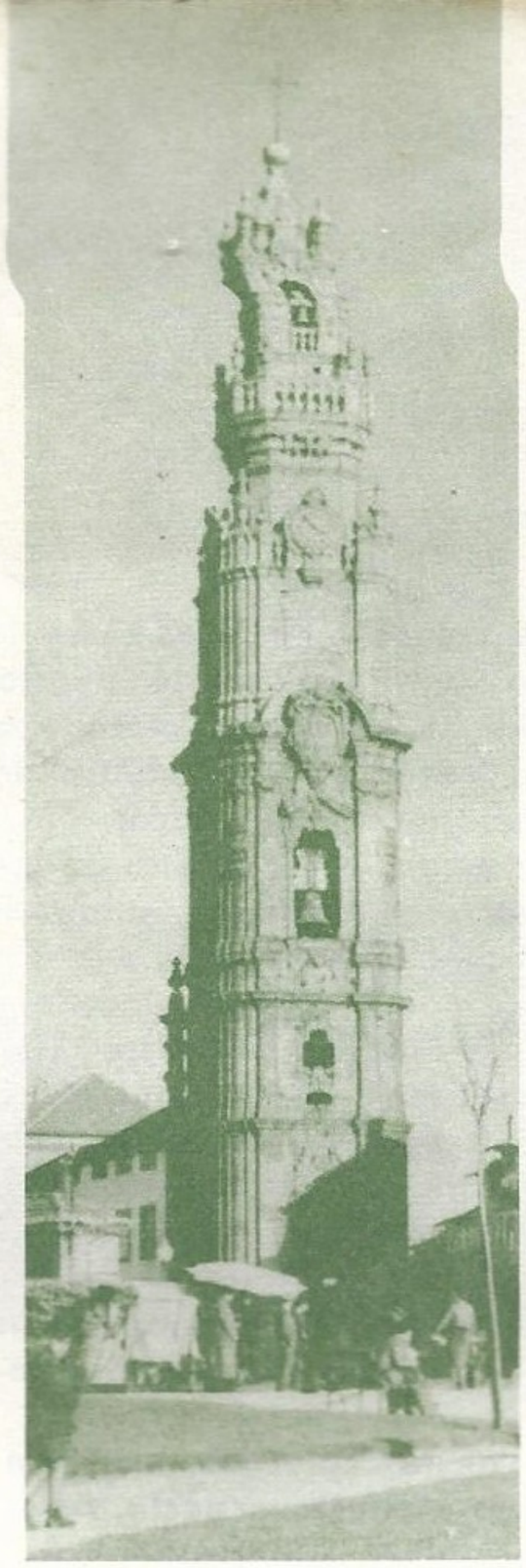
COLECÇÃO
CULTURA
7

Maravilhas de PORTUGAL

colecção de 260 cromos



Ó mar salgado, quanto do teu sal
são lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar,
para que fosses nosso, ó mar!

FERNANDO PESSOA

maravilhas de PORTUGAL

Colecção de 260 Cromos

EDITORIAL IBIS, LDA.
RUA DE HENRIQUE DE PAIVA COUCEIRO - VENDA NOVA - AMADORA

fotografias em kodacromo
F. DE TITO DAVID

AS LEGENDAS PARA OS CROMOS QUE COMPÕEM ESTA COLECÇÃO, FORAM COMPILADAS DOS SEGUINTES LIVROS, QUE RECOMENDAMOS AOS LEITORES:

— Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira
— Roteiro de Lisboa e Arredores
— Guia de Portugal
— A Velha Lisboa e os estudos arqueológicos da capital
— Description de la ville de Lisbonne
— Descrição geral de Lisboa
— Lisboa Pitoresca
— Lisboa Antiga, de Júlio Castilho
— Lisboa antiga e moderna, de Angelina Vidal
— Tempos passados, de Matos Sequeira
— Lisboa doutros tempos, Pinto de Carvalho
— Luxo e magnificência da corte de El-Rei D. João V, de Vilhena Barbosa
— Arquivo Pitoresco
— Monumentos Nacionais, de Mendes Leal
— Sumário de vária história, de Ribeiro Guimarães
— Notas sobre Portugal, de João Barreira
— Lissabon und Cintra, de Haupt
— Arte e Natureza em Portugal de Ramalho Ortigão
— Ilustração Portuguesa
— Portuguese architecture, de Watson
— Antiguidades de Mafra, de Estácio da Veiga
— Monumentos e esculturas, de Vergílio Correia
— Guia Ilustrado
— Notas históricas, da Sociedade de Geografia
— Quadros da minha terra, de Oliveira Parreira
— O Arqueólogo Português
— Notícia dos monumentos nacionais e edifícios e lugares notáveis de Setúbal (1892), de Manuel Maria Portela
— Portugal old and new, de Oswald Crawfurd
— Excursions botaniques en Espagne et au Portugal (1909), de Robert Chodat
— A Arquitectura da Renascença em Portugal, de Haupt
— Trajo popular em Portugal, nos séculos XVIII e XIX
— Jornadas em Portugal, de Antero de Figueiredo
— História de Portugal, de Alexandre Herculano
— História das Instituições em Portugal, de Fortunato de Almeida
— A Renascença Portuguesa, de F. A. da Costa Cabral
— Monumentos e Lendas de Santarém, de Zeferino N. G. Brandão
— Do Minho ao Algarve, de Eduardo de Noronha
— De Angola à Contra-Costa, de H. Capelo e R. Ivens
... e todas as outras que mencionamos ao longo dos textos.

Copyright by
EDITORIAL IBIS, LDA. — LISBOA
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
PARA PORTUGAL
Composto e Impresso na
LITOGRAFIA NACIONAL — PORTO

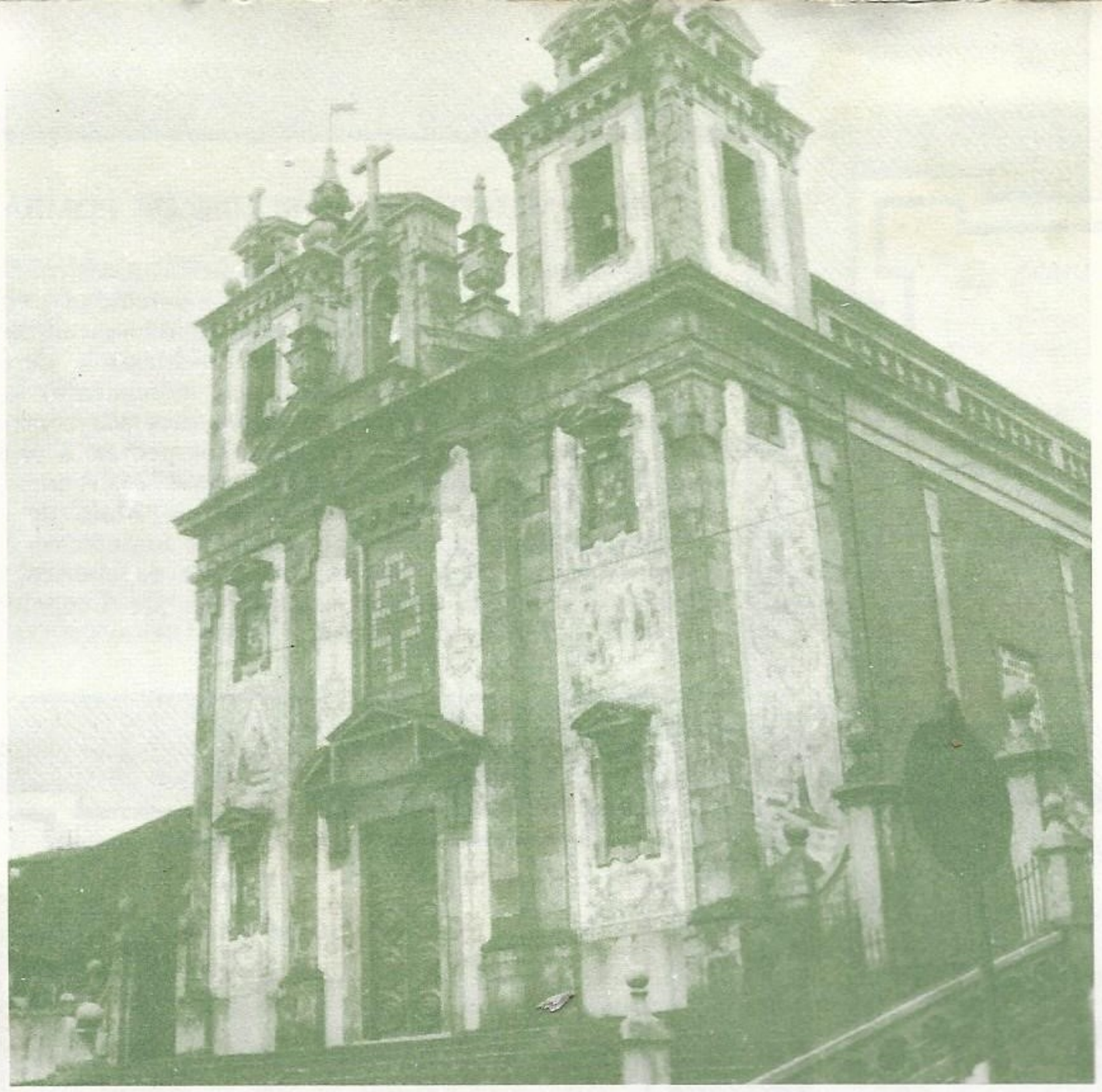
COM esta colecção, EDITORIAL IBIS, LDA. lança-se num novo rumo dentro das suas colecções de cromos, evoluindo ao encontro de um autêntico padrão de utilidade: procurando divertir e simultâneamente educar. «MARAVILHAS DE PORTUGAL» abre este rumo e mostra ao leitor até que ponto pode ir esse esforço editorial, emanado de uma vontade firme de servir o leitor e o País.

Não foi fácil completar esta colecção. Para além de ter obrigado o fotógrafo, o artista Tito David, a deslocar-se por quase todo o Portugal, levou também mais de um ano de longos e minuciosos cuidados para a sua preparação e selecção de textos, de onde depois as legendas foram compiladas — livros que indicamos e para os quais remetemos os leitores curiosos, que se preocupem em abrir o seu conhecimento às verdades eternas de Portugal. Todos eles são preciosos e indicativos seguros de cultura.

Portugal está nesta colecção, convém desde já acentuá-lo, apenas em modesto aspecto. As suas belezas naturais, as suas maravilhas históricas e paisagísticas, os seus costumes, as suas gentes, são demasiado grandiosas e sublimes para se condensarem nesta meia centena de páginas. Ultrapassa largamente tão modesto espaço. Mas de momento não era possível fazer mais. Se o leitor corresponder ao esforço empreendido e nos acarinhar na nossa boa vontade em servir, prometemos que a colecção será enriquecida com novo volume.

«MARAVILHAS DE PORTUGAL» é uma colecção que representa uma iniciativa cultural, imposta a nós próprios neste momento de fé patriótica que a Pátria atravessa. É nossa finalidade que todos ao reverem estes cromos de temas maravilhosos se lembrem com ternura da Terra-Mãe, e sintam orgulho em serem Portugueses!

OS EDITORES



"Esta é a ditosa pátria minha amada!"

COMO PORTUGAL é vário e vivaz, pitoresco e lindo! Tem de tudo: outeiros e montanhas; serranias e planícies; cachoeiras e ribeiros; píncaros alpinos e rias holandesas de terras salgadiças, sulcadas de canais de águas quietas, entre arrozais e salinas, onde florescem as velas brancas dos saveiros; tem jardins como a Itália e pomares como a França; tem matas espessas e mar chão; tem em Setúbal e Lagos baías de águas azuis como as de Nápoles e de Capri; tem, na costa da Areosa, veigas chãs e milheirais, que se estiram até à babugem das ondas, criando o perfume novo do feno dos campos, misturado com o sargaço dos mares; tem, nos estuários do Lima, do Cávado e do Sado, ao Sol, as pedrarias das águas venezianas que ensinaram cintilações de maravilha às pupilas dos Tintoretos e dos Veroneses; e, em noites brancas, as brumas misteriosas das terras flandinas, para os sonhos do luar nevado; tem no Sul a luz quente das Espanhas, para o reboliço colorido das touradas soalheiras e agitadas: tem no Norte luz escandinava para romarias pintalgadas de cores vivas; tilintadas de repiques de sinetas alegres, e rumores de descantes ao desafio, de bródios, de danças, de cornetas de barro, de gaitas de foles, de harmónios e requintes, de pregões, de gritos, de morteiros a troar, de foguetes a estralejar.

O Sol é cobre candente, e o luar escorre a luz das porcelanas aniladas, que nos vieram da Índia. Os pinheirais cheiram a caruma brava; os montados ao acre das giestas, os campos à terra lavrada; as leiras ao bafo dos bois; e a costa à babugem húmida da maresia e dos sargaços frescos e sadios.

Portugal, proa da Europa, que sulcaste mares «nunca dantes navegados», e descobriste, para além das névoas, remotos mundos de florestas verdes e virgens, de rios de safira, de palácios e pagodes, de ouro e pedrarias; Portugal de santinhos meigos, de fidalgos leais, de troveiros galhardos, de soldados destemidos, e mareantes audazes, de lavrantes primorosos, de lavradores humildes; campo soalheiro de pão; jardim de cravos, girassóis e camélias; terra de lendas, de história heróica, de soberbas glórias; Portugal da aventura, da paixão e da saudade; — Portugal, meu amor, quem te não estremecerá?

ANTERO DE FIGUEIREDO
«Jornadas em Portugal»

PORTUGAL É A TUA PÁTRIA: AMA-A, RESPEITA-A — LUTA POR ELA!

MONUMENTO AO MARQUÊS DE POMBAL

O Marquês de Pombal foi o primeiro ministro do rei D. José I. Foi ele quem, com ânimo e serenidade, enfrentou a catástrofe que assolou Lisboa quando sacudida pelo terramoto de 1755, que fez 50 000 vítimas e derrubou 9 000 prédios. A construção do seu monumento, que se ergue na praça do seu nome, sofreu diversos contratempos, tendo sido lançadas duas primeiras pedras: a primeira em 1882, por D. Luís, e a segunda em 1926. A inauguração, porém, só se verificou em 13 de Maio de 1934. O projecto do monumento pertence aos arquitectos Adães Bermudes e António Couto, e a parte escultórica, é de Francisco Santos, com a colaboração de Leopoldo de Almeida e Simões de Almeida.

PRAÇA DO COMÉRCIO

A Praça do Comércio também é chamada Terreiro do Paço, nome que lhe foi dado por D. Manuel I, por ali ter edificado os Paços da Ribeira onde veio a morrer em 1521. Engrandecida por Filipe I e D. João V, foi totalmente destruída pelo terramoto de 1755. Em 1 de Dezembro de 1640, de um dos seus edifícios foi lançado à rua o traidor Miguel de Vasconcelos. A praça é composta por um vasto parelelogramo de 182^{m},60×191^{m},50, no total de 34 968 ^{m2}, aberto do lado sul em frente do Tejo, e rodeada nos três restantes por edificações uniformes, que se compõem de pavimento térreo com 86 arcos, sobrelojas, andar nobre e segundo andar.

ALAMEDA DE D. AFONSO HENRIQUES

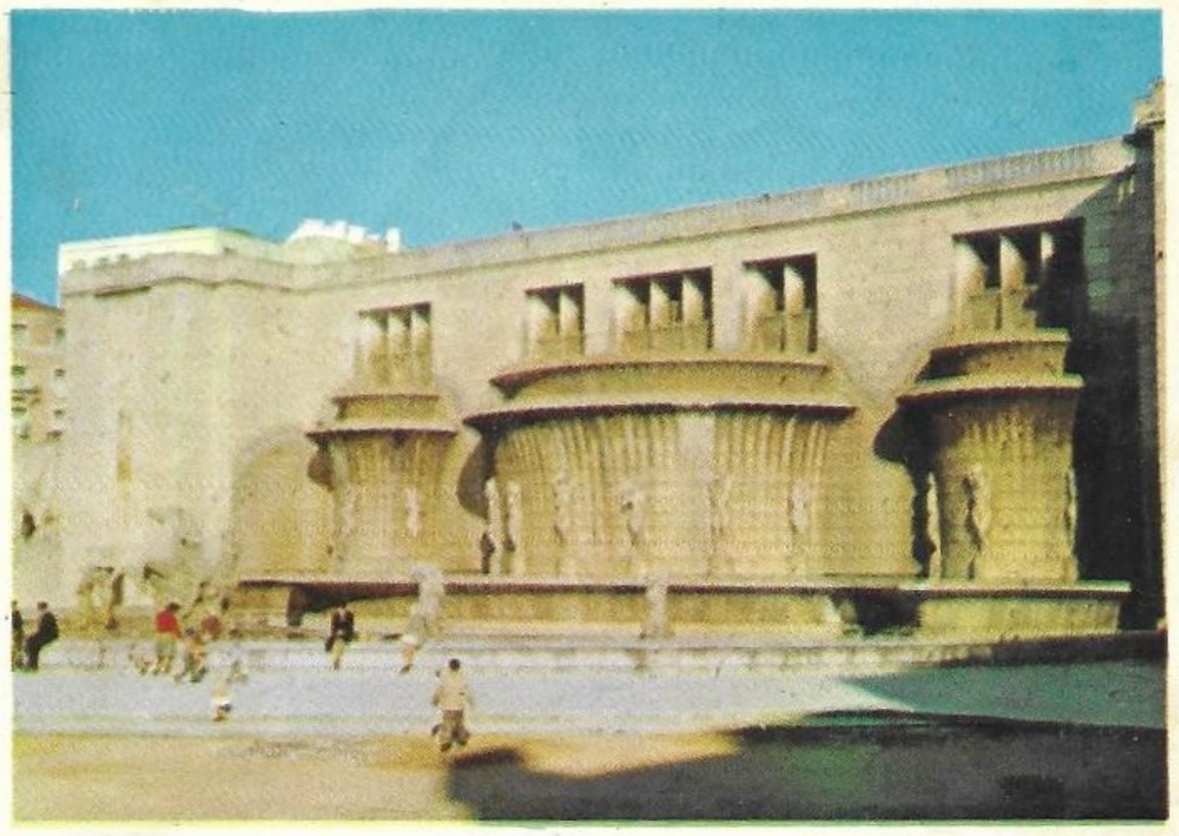
A Alameda de D. Afonso Henriques, homenagem da cidade ao seu Fundador, integrada na zona nova da cidade, compreende dois declives pouco acentuados e com grande cortina de relva. Tem 120 metros de largura e está embelezada, no topo direito com a Fonte Monumental, e no topo esquerdo com a fachada do Instituto Superior Técnico. Este último é composto por um conjunto de edificações erigidas sobre traçados do arquitecto Pardal Monteiro. Foi inaugurado em 1936, tendo sido Alfredo Bensaúde, o seu primeiro director. Este Instituto é uma das três escolas superiores em que se desdobrou o antigo Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, criado em 1852.

ARCO DA RUA AUGUSTA

Na Praça do Comércio, a meio dos edifícios do lado Norte, está o Arco da Rua Augusta, que tem a face principal voltada para o Tejo e a outra para a rua que lhe deu o nome. O primeiro projecto para a sua construção foi realizado em 1755, mas teve de ser alterado por o terreno não oferecer segurança. A conclusão da parte ornamental verificou-se em 1873.

FONTE MONUMENTAL

A Fonte Monumental nasceu de um projecto do arquitecto Rebelo de Andrade. Foi erguido em 1940 para comemorar a entrada na cidade do caudal de água fornecida pelo vale do Tejo. Mede 70 metros de comprimento por 15 metros de altura, e está apetrechada com jorros de água e sistemas luminosos que incidem sobre aqueles, proporcionando uma visão multicolorida difícil de esquecer. Os grupos escultórios que a compõem são de Diogo de Macedo, Maximiano Alves e Jorge Barradas. A água que a alimenta é accionada por seis máquinas eléctricas, que alimentando os repuxos, absorvem novamente a água. Foi inaugurada em 1948, por altura do 22.º aniversário da Revolução Nacional.

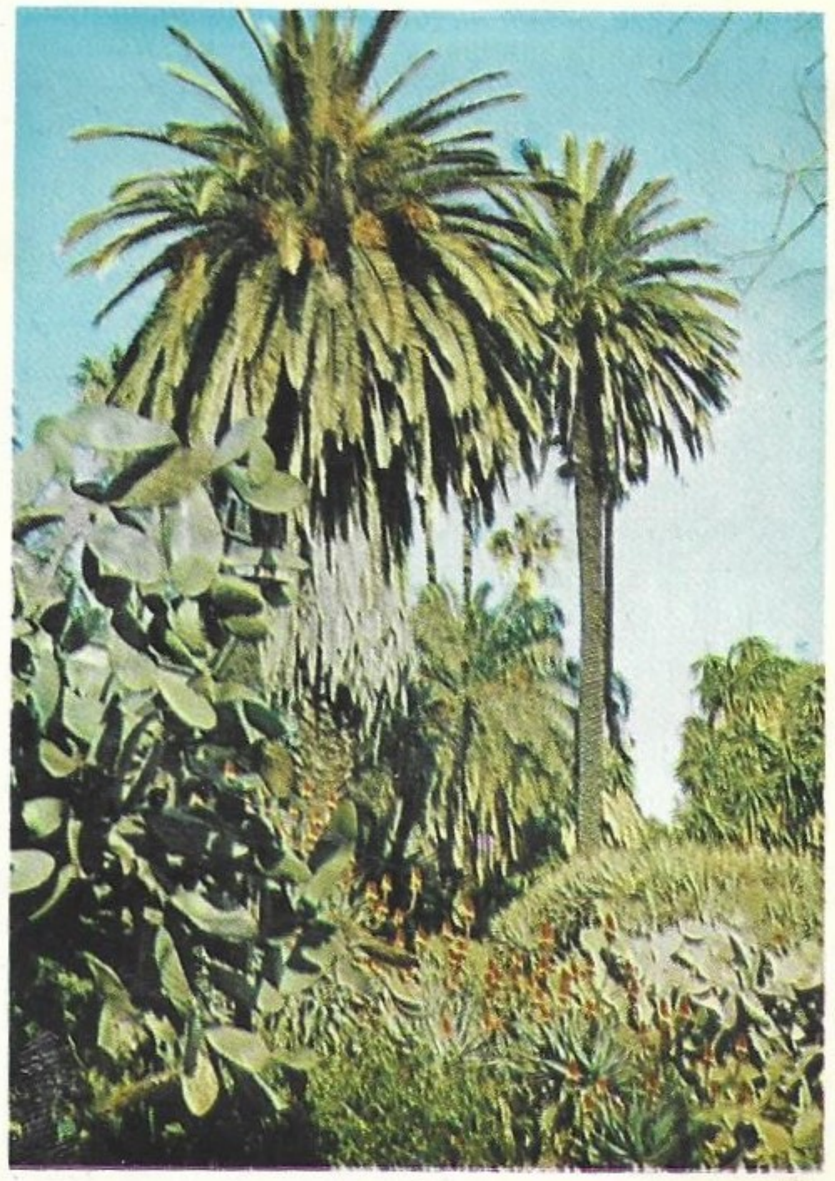


O CASTELO DE S. JORGE

O Castelo de S. Jorge deve o seu nome ao rei D. João I. O portal de entrada, erguido em 1846, ocupa o lugar da antiga *porta da Alcáçova,* chamada depois de *S. Jorge*. *O Paço da Alcáçova* foi moradia dos reis portugueses, desde D. Dinis até D. Manuel, e ali nasceu também o teatro português com a recitação do «Monólogo do Vaqueiro», por Gil Vicente. Na retaguarda dessa porta existe uma escada que dá acesso a uma varanda de vigia. As outras duas portas do castelo são as de *Martim Moniz* e da *Traição*. A primeira remota a sua construção ao reinado de D. Fernando. O seu nome deriva do feito lendário de Martim Moniz, um dos capitães de D. Afonso Henriques, sacrificado no assalto a Lisboa.

CASA DOS BICOS

A Casa dos Bicos está situada no Campo das Cebolas, que foi no passado, sítio de execuções pela forca. A Casa dos Bicos, agora totalmente desafogada de becos e ruelas, é constituída pelas traseiras do grande palácio que pertenceu a Brás de Albuquerque, filho natural de Afonso de Albuquerque. Edificada no primeiro terço do século XVI, foi também chamada a Casa dos Diamantes, segundo diz a lenda por ter tido um diamante no vértice de cada pedra. Era composta por três pavimentos (hoje tem apenas dois), além do térreo. Os pavimentos que ainda restam têm as dimensões de 20×60 de frente e 21×12 de fundo. A Casa dos Bicos teve muitas vezes por hóspede o escritor Fialho de Almeida.



JARDIM BOTÂNICO

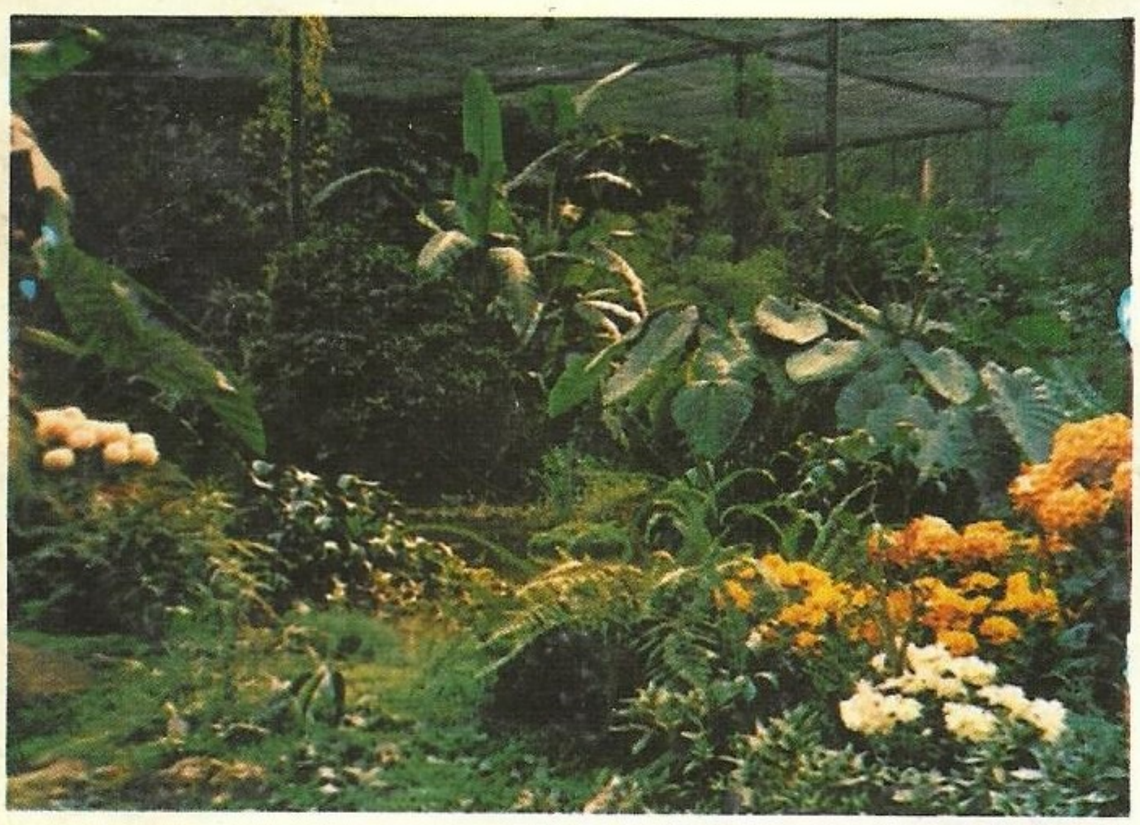
O Jardim Botânico começou a ser plantado em 1873, devido aos esforços feitos pelos professores Andrade Corvo e Conde de Ficalho, o segundo grande botânico. A sua área é muito vasta e todos os acidentes de terreno foram aproveitados. Apenas a parte superior é formada por talhões planos, onde estão erguidas as estufas que guardam uma extraordinária colecção de plantas pouco vulgares.

MIRADOURO DA GRAÇA

O Miradouro da Graça é um dos pontos de Lisboa de onde se contempla um panorama magnífico, abarcando quase toda a cidade, e ainda o porto e a margem sul do Tejo. Próximo fica a Ermida do Monte, fundada em 1148, data também em que ali foi colocado um velho padrão comemorativo da fundação da monarquia portuguesa. No interior da Ermida pode-se admirar uma imagem da Virgem, de execução ingénua mas de antiguidade notável, e uma cadeira de pedra em que São Gens, bispo de Lisboa, costumava sentar-se a ensinar doutrina. A lenda afirma que o bispo foi martirizado neste local, motivo que levou durante muitos séculos as mulheres em vésperas de dar à luz irem-se sentar na cadeira a fim de terem um bom parto. A rainha D. Maria Ana de Áustria, em 1723, seguiu a curiosa tradição.

PARQUE EDUARDO VII

O parque Eduardo VII é assim chamado em lembrança da visita que este monarca inglês fez a Lisboa no ano de 1903. Inicialmente destinado a constituir o mais fácil logradouro da população lisboeta, tem sofrido diversos traçados, tendo sido a última obra da Câmara Municipal sob a presidência de Salvação Barreto, que o integrou no vastíssimo panorama da Avenida da Liberdade, e como pano de fundo do majestoso Monumento ao Marquês de Pombal. É constituído por uma vasta placa central, inspiradamente ajardinada, que produz um efeito policromo de verdura, ladeado de dois amplos passeios, sendo encimado por um miradouro onde se erguem gloriosas torres coroadas de louros.



ESTUFA FRIA

A Estufa Fria foi criada de modo a criar num clima favorável a todas as plantas que ali se desenvolvem. Desta maneira, encontra-se ali uma temperatura tépida em pleno inverno, e fresca no auge da canícula. A Estufa, que dá a quem a visita, um panorama envolvente de prazer e suavidade natural, abre-se num jardim inicial onde o exotismo se mistura com a poesia e ao fundo, escondido, há um murmúrio de água que se «sente» mais do que se ouve. Os fetos arbóreos alternam com plantas tropicais, palmeiras de diversas famílias, bananeiras com os seus frutos, avencas delicadas, begónias, nenúfares emergindo de minúsculos lagos, nos quais se esparge uma luz difusa, que prosta e tranquiliza.

MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS (1)

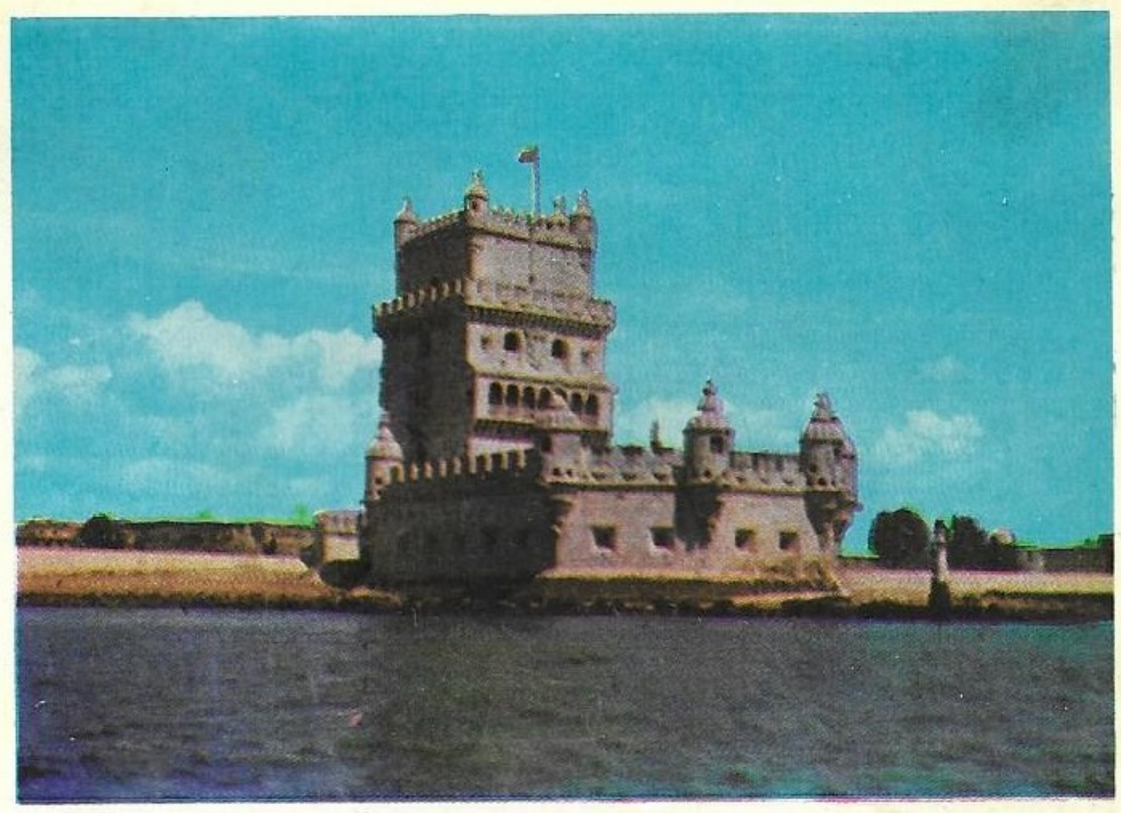
Diz-se erradamente que o Mosteiro dos Jerónimos foi erguido para comemorar o descobrimento do caminho maritimo para as terras do Oriente. E a prová-lo existe a bula papal que autorizou a sua fundação, que data de 1496, um ano antes da partida de Vasco da Gama, de cujos feitos só chegou noticia à cidade em 1499. A verdade é esta: querendo D. Manuel I levantar vasto panteão para si e para os da sua família e na qualidade de Mestre da Ordem de Cristo, adquiriu os terrenos onde mandou fazer o risco da igreja e do convento anexo, este para alojamento dos monges de S. Jerónimo, da Pena de Sintra, aos quais era afeiçoado. Como a sua construção foi lenta, só se veio a concluir depois do regresso de Vasco da Gama, tendo sido então alterado o plano primitivo e feito um monumento que orgulha Portugal.

MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS (2)

O traçado inicial do Mosteiro dos Jerónimos foi obra da Boytac, ou Boitaca, um mestre de pedraria estrangeiro que há muito vinha a trabalhar em Portugal. Dirigiu a obra de 1502 a 1516. Em 1517, até meados do século XVI, seguiu-se-lhe João de Castilho, a quem sucedeu depois Diogo da Torralva, e por último, Jerónimo de Ruão, filho do insigne João de Ruão do púlpito de Santa Cruz de Coimbra e outras maravilhas. Mais tarde, em diversas épocas e sobretudo após o terramoto de 1755, foram bastantes os restauros parciais do mosteiro. Muitos críticos de arte têm proclamado a sua grandiosidade e beleza, entre eles Martin Hume, Haupt. Em frente aos Jerónimos abre-se a vasta Praça do Império, de área superior à do Terreiro do Paço, onde em 1940 se realizou a Exposição do Mundo Português.

TORRE DE BELÉM

A Torre de Belém é um monumento de característica «Manuelina». A ideia pertence a D. João II, que pensou elevar no Restelo uma fortaleza para defesa do rio. Mas foi D. Manuel, vinte anos mais tarde, quem retomou a ideia, dando a sua concepção a Francisco de Arruda, designado em 1516 como «mestre do baluarte do Restelo». Foi construída em 1520, e até meados do século XIX, esteve rodeada de água. A plataforma do lado que olha para o rio é hexagonal, recortada de ameias formadas por escudos da Ordem de Cristo. Desta plataforma ergue-se a torre, que é de base quadrangular, e tem para o lado do rio um balcão e pequenas janelas. No interior, no quarto piso, há a «sala régia».

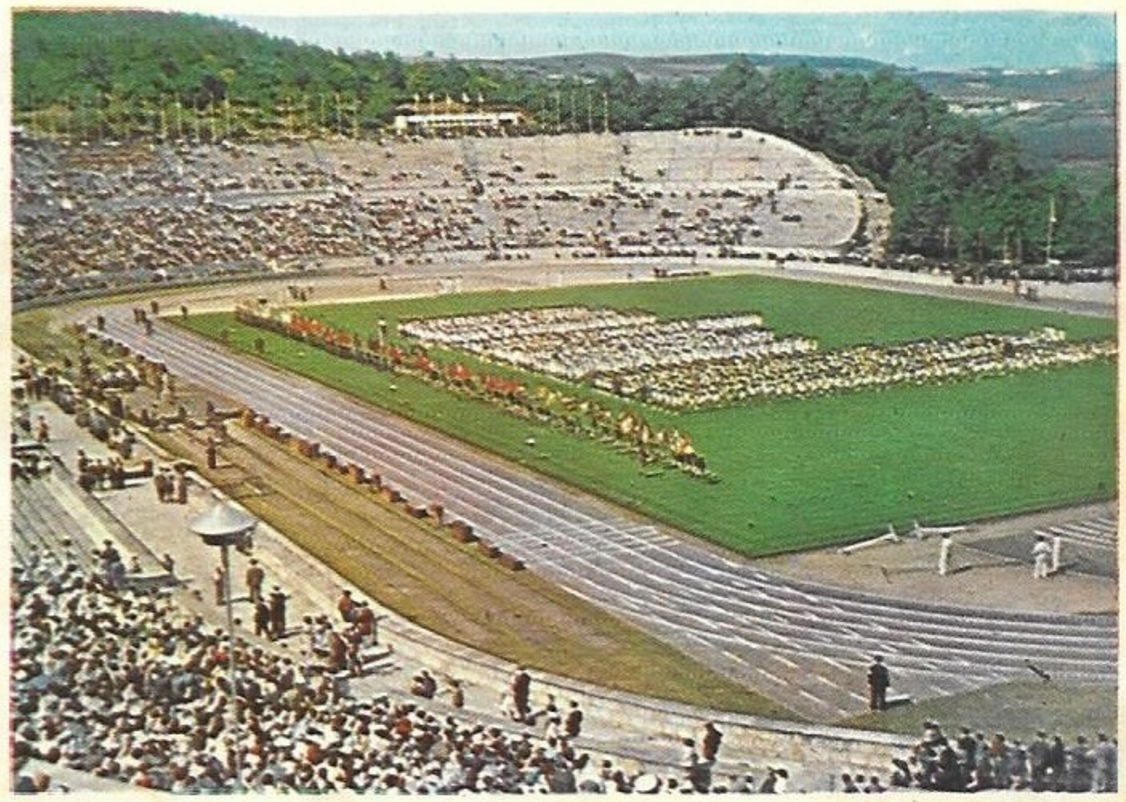


AQUÁRIO VASCO DA GAMA

O Aquário Vasco da Gama, ou Estação de Biologia Marítima, foi construído por ocasião do 4.º centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo da Índia, em 1898. Contém piscinas, tanques e aquários, uns com água doce e outros com água salgada, com variadas espécies de peixes, répteis, anfíbios, crustáceos, vermes, equinodermes e celenterados, na sua maioria exemplares de grande valor, e alguns únicos em estações deste tipo. Constituem uma grande variedade ictiológica, e foram adquiridos, quer por ofertas, quer das baías de Cascais e Setúbal. Uma visita ao Aquário Vasco da Gama, além de dar uma ideia da fauna marinha, traz ainda a visão exacta do que é a vida no fundo dos oceanos.

ESTÁDIO NACIONAL

O Estádio Nacional fica a cerca de um quilómetro da Cruz Quebrada que possui uma praia junto à foz do pequeno rio Jamor. O Estádio Nacional estende-se por uma vasta área, e a sua inauguração foi integrada no programa das Comemorações Centenárias de 1940. Comporta 70 000 pessoas. Os planos foram do artista arquitecto Jorge Segurado, e os trabalhos entregues a um arquitecto alemão, que os seguiu até final. Uma esplanada fronteira ao Estádio, permite descortinar-se um belo panorama fluvial e marítimo. A esplanada também serve para concentrações em massa de militares ou desportistas. Foi considerado dos mais belos do mundo, e abriu caminho para outros estádios com que o Estado Novo tem apetrechado o País, servindo o desporto e o povo.

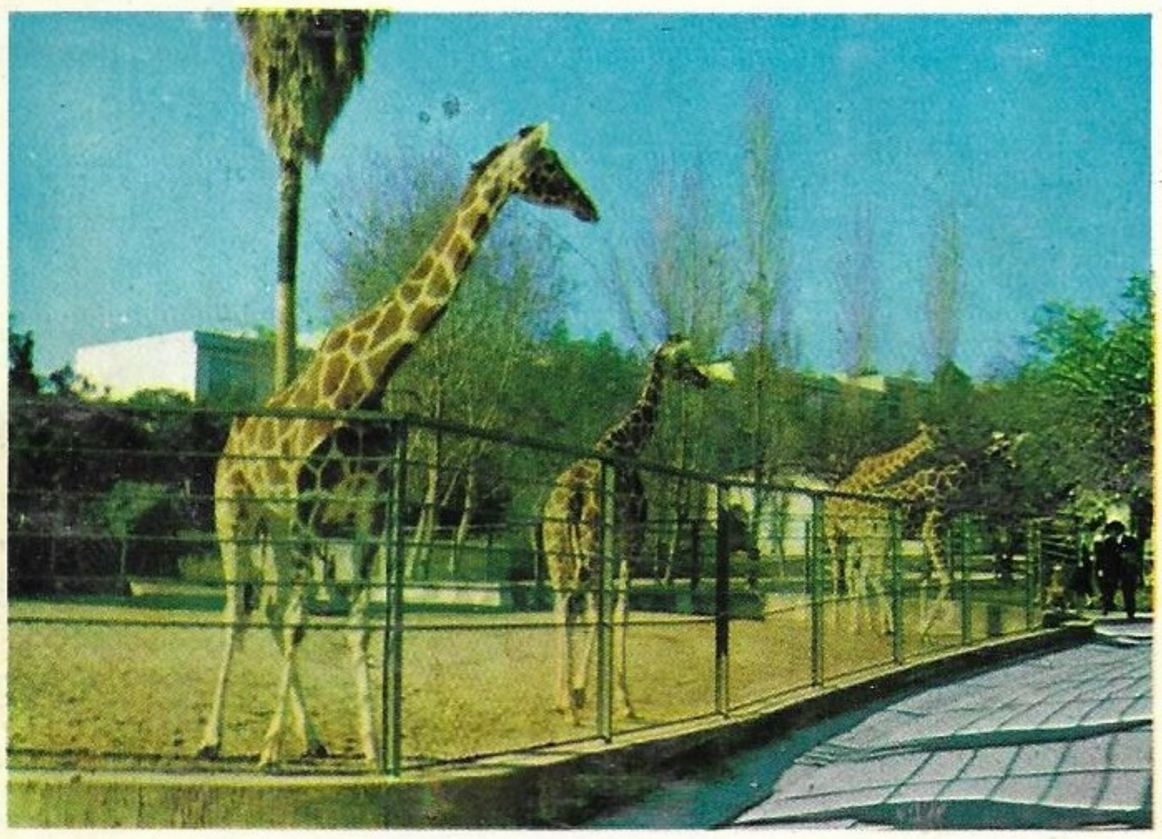


MUSEU NACIONAL DOS COCHES

O Museu Nacional dos Coches foi inaugurado em 1905. Interessaram-se pela sua realização a rainha D. Amélia e o coronel Alfredo de Albuquerque. O trabalho é do arquitecto italiano Giacomo Azzolini, executado em vida de D. João VI, sendo depois modificado e ampliado. As pinturas do tecto são de Francisco de Setúbal e Nicolau Delarive, mais tarde restauradas por Malhoa. O museu centém peças muito raras, sendo dos mais completos da Europa, superando mesmo os congéneres franceses e espanhóis. É de notar a colecção portuguesa de carruagens de todos os tempos, e ainda as tapeçarias que decoram as paredes do salão, que são francesas do séc. XVIII.

AEROPORTO DA PORTELA

O Aeroporto da Portela é das obras do Estado Novo, aquela de que Portugal mais se pode orgulhar, pois ela veio facilitar o seu intercâmbio internacional, e abriu caminho para uma corrente turística de grande valor. O edifício de gare do Aeroporto compreende três andares e nele está instalada a torre do comando e o contrôle de voo. À direita tem um edifício moderno para abastecimento dos aviões. Também conta com um eficiente serviço de incêndios. O Aeroporto tem quatro pistas, sendo a de 2 100 metros a maior. Entre as pistas tem faixas arrelvadas e pavimentadas.

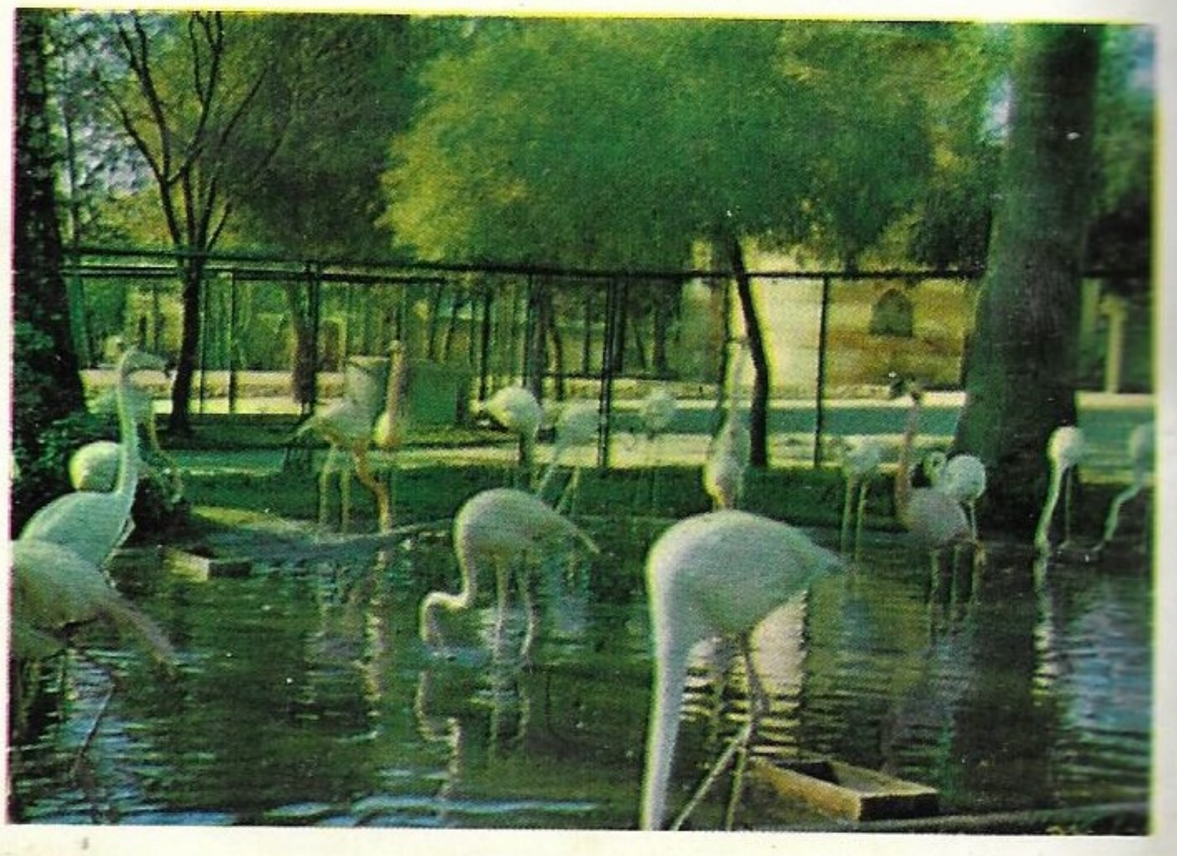


JARDIM ZOOLÓGICO (1)

O Jardim Zoológico está instalado no Parque das Laranjeiras, outrora propriedade do Conde de Farrobo, figura de relevo no regime constitucional pelo auxílio económico prestado a D. Pedro IV nas lutas contra seu irmão D. Miguel. O Jardim é dos mais vastos e completos da Europa. As suas colecções zoológicas estão particularmente enriquecidas com a fauna das nossas províncias ultramarinas. Cada espécie animal está integrada no seu «habitat», alguns dos quais verdadeiramente notáveis, como o «Solar dos Leões», que se deve à concepção do artista Raúl Lino.

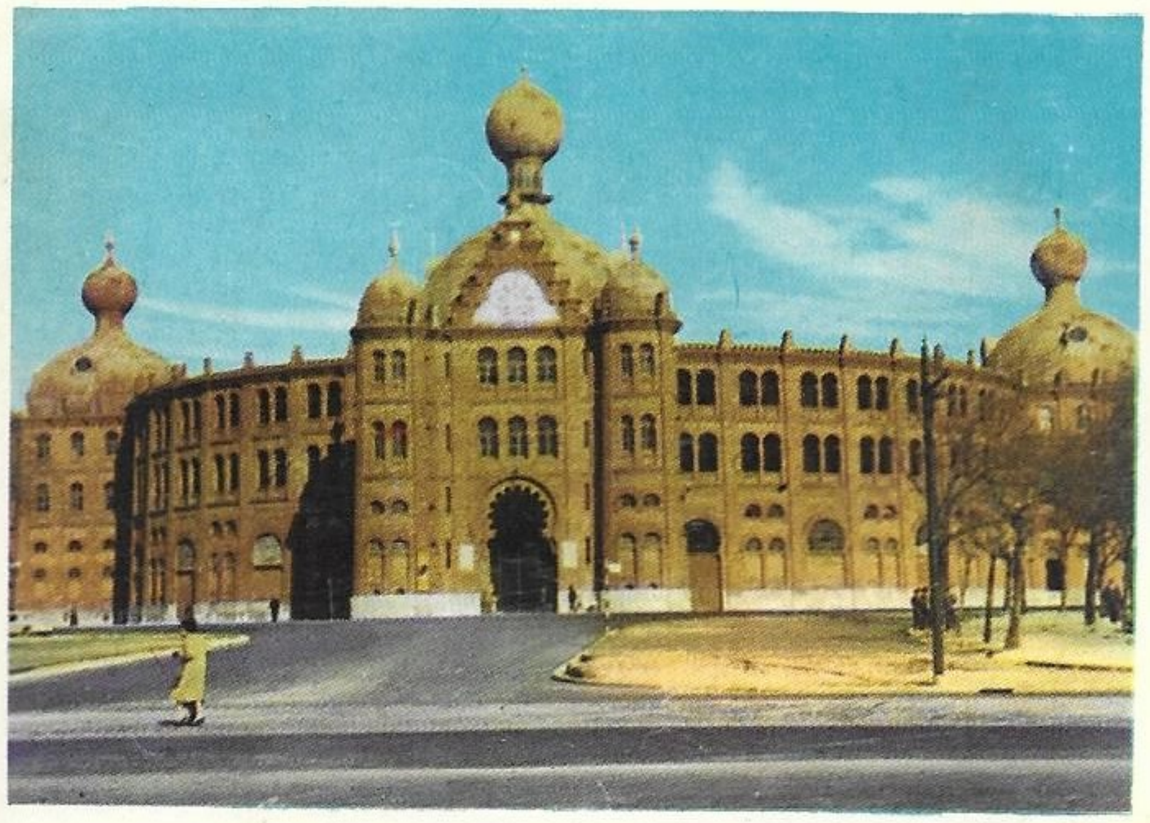
JARDIM ZOOLÓGICO (2)

O Jardim que conta com variadíssimas espécies, procura apresentá-las em ambientes próprios, de maneira a transformar cada passo dado nas suas ruas num itinerário que tem um pouco de todo o mundo. Assim, pode-se admirar o «Palácio dos Chimpanzés»; a cerca dos Camelos; o «Palácio Verde» dos macacos, onde circulam chacmas, mandris, papiões e dogueras; a célebre «Aldeia dos Macacos», que em tudo imita um povoado humano; a casa da girafa; a casa dos répteis; e a «Ilha dos Ursos». Conta ainda o Jardim com um vasto parque de merendas e um cemitério de cães. Por último, para as crianças se divertirem, tem o Jardim Zoológico dos Pequeninos.



PRAÇA DE TOUROS DO CAMPO PEQUENO

A inauguração desta praça de touros data de 1892, e foi edificada pela Casa Pia de Lisboa. Feita de tijolo, segundo o projecto do arquitecto A. J. Dias da Silva, imita o estilo árabe e ocupa uma área de 5 840 metros quadrados, tendo nas partes correspondentes aos quatro pontos cardiais grandes torreões. A arena, incluindo as trincheiras, tem 20m,35 de raio. A sua lotação é de 8 500 espectadores. As touradas em Portugal apresentam os touros embolados para os cavalos e em hastes limpas para o matador. Este regime foi implantado no reinado de D. José I, depois que em Salvaterra de Magos o conde de Arcos foi mortalmente ferido. Deve-se tal medida ao Marquês de Pombal.

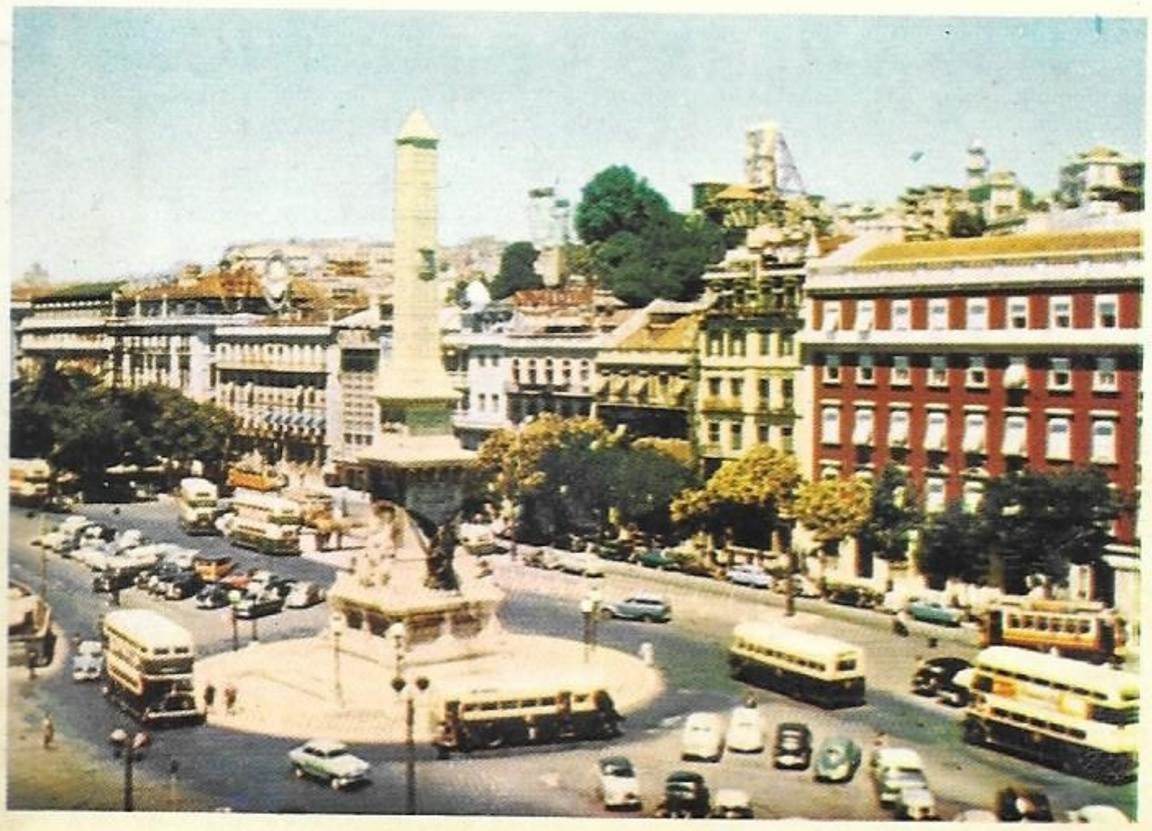


IGREJA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

A Igreja de Nossa Senhora de Fátima foi inaugurada em 12 de Outubro de 1938. O arquitecto Pardal Monteiro deu ao novo templo um traçado moderno. O crucifixo do altar-mor é de Barata Feio. A imagem da Senhora de Fátima é de Leopoldo Nunes.

ESTAÇÃO DOS CAMINHOS DE FERRO (ROSSIO)

O edifício é de estilo «manuelino» e foi construído segundo um projecto de José Luís Monteiro. Compõe-se de três pavimentos, o segundo dos quais comunica com a gare. A fachada principal dá para o Largo de D. João da Câmara e tem oito portas. À altura do primeiro andar tem dois medalhões de Simões de Almeida: o primeiro de Stephenson, o inventor dos caminhos de ferro; o segundo de Fontes Pereira de Melo, que introduziu os caminhos de ferro em Portugal. Por altura do segundo andar, o medalhão do rei D. Luís. Em cima, tem uma pequena torre quadrangular, onde está um relógio eléctrico sincronizado com os relógios interiores da estação. Foi restaurada interiormente em 1948.

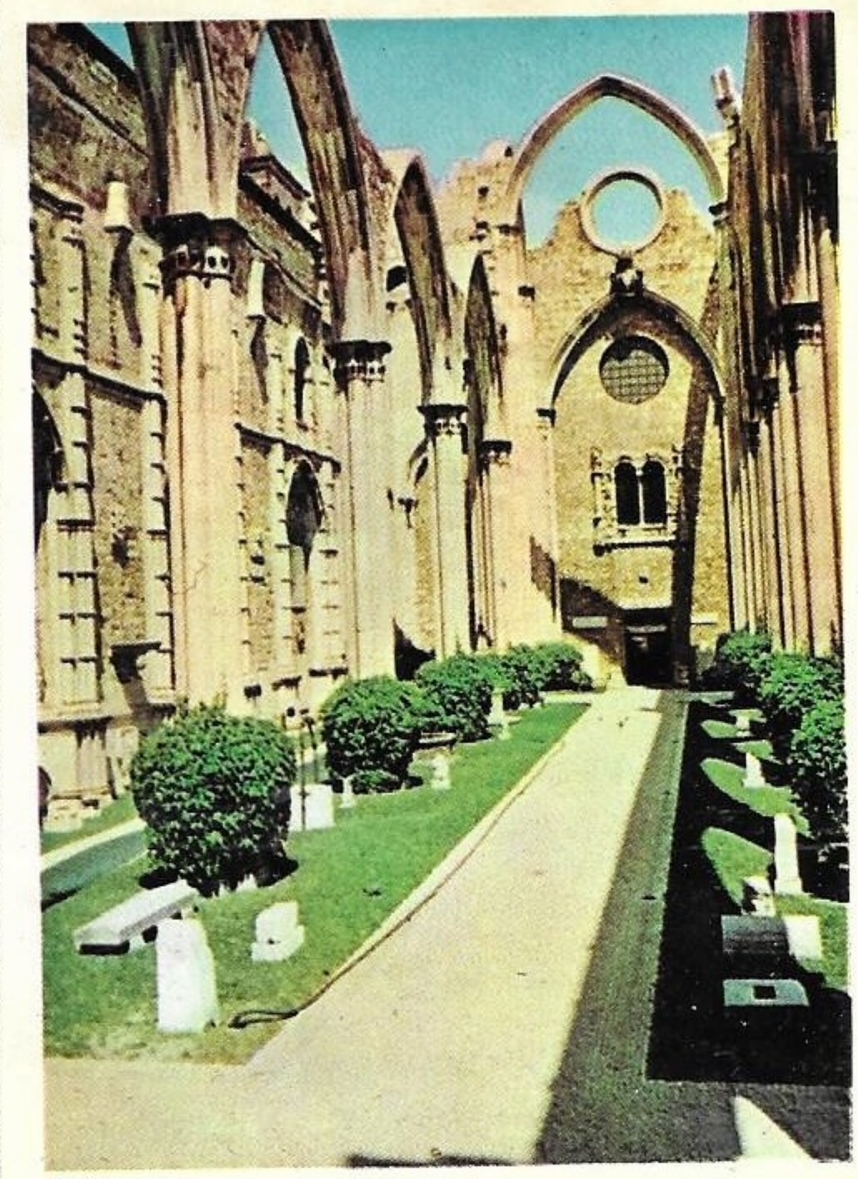


PRAÇA DOS RESTAURADORES

O centro da praça, foi construída e inaugurada em 1886, por iniciativa da Comissão Central do 1.º de Dezembro, como homenagem aos heróis da Revolução de 1640. O projecto é de António Tomás da Fonseca e a construção de Sérgio A. de Barros. O pedestal é ornamentado na face sul pela estátua de bronze do «Génio da Independência», obra de Alberto Nunes; na face norte pela «Vitória», de Simões de Almeida. A altura total do monumento é de 30 metros. À esquerda da praça, está o «Eden Teatro», inaugurado em 1914, e reconstruído mais tarde segundo um projecto modernista de Cassiano Branco. Mais adiante, vê-se o corpo principal do palácio Foz, uma construção que data do século XVIII, segundo um plano do italiano Fabril. Na face oposta está a estação dos Correios com painéis de Almada Negreiros.

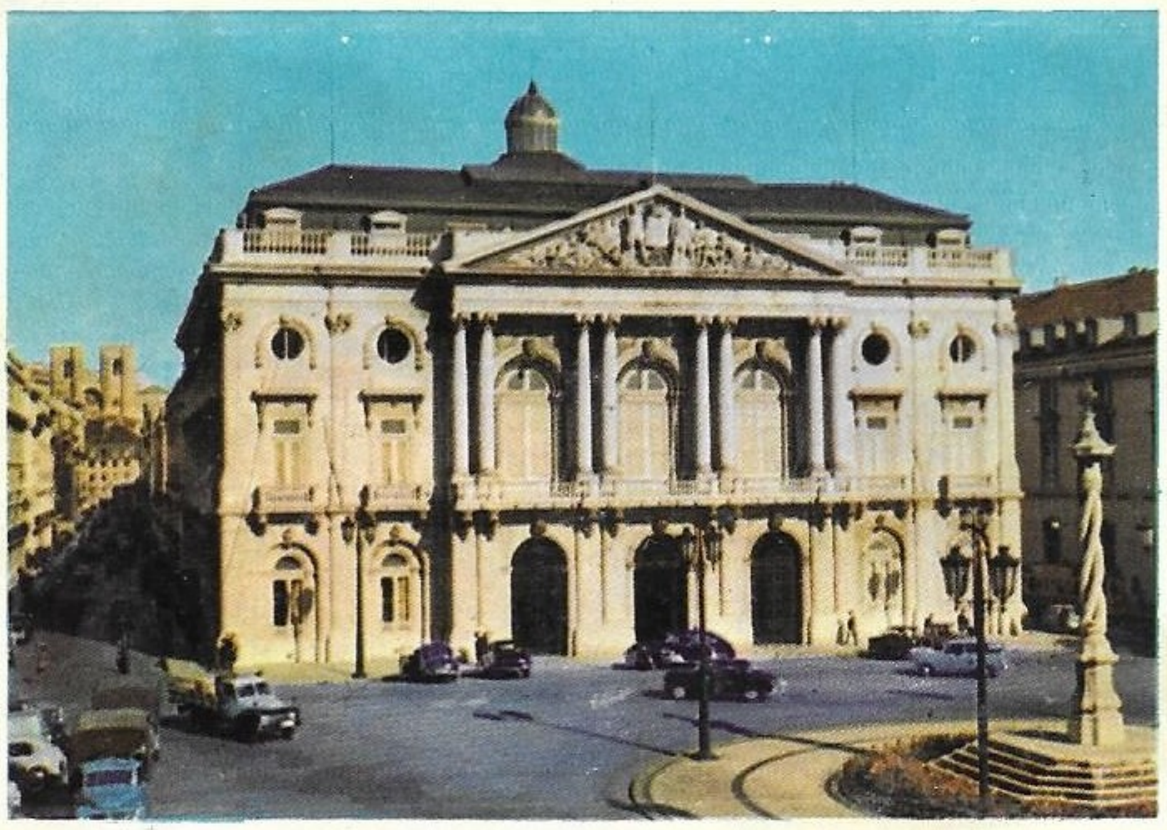
MONUMENTO AOS MORTOS DA GRANDE GUERRA

O Monumento aos Mortos da Grande Guerra, situado a meio da Avenida da Liberdade, foi inaugurado em 22 de Novembro de 1931, e é de autoria do escultor Maximiano Alves e do arquitecto Guilherme de Andrade. Sobre os quatro braços recurvos da Cruz de Guerra, condecoração criada para galardoar os heróis da guerra 1914-18, ergue-se a base do Monumento, onde se destacam duas figuras gigantescas que sustentam o altar da Pátria: a do lado esquerdo, traduz o ímpeto irreflectido; a do lado direito, a acção consciente. No altar pátrio encontra-se à frente um combatente, com um joelho em terra a lançar uma granada, e com a figura da Pátria a sustentar sobre a sua cabeça uma coroa de louros.



RUÍNAS DO CONVENTO DO CARMO

São consideradas como monumento nacional, as ruínas do convento do Carmo e o que resta da igreja ali mandada erigir em 1389 pelo condestável D. Nuno Álvares Pereira, em cumprimento de um voto feito à Virgem. Duas vezes esta construção ruiu, sendo preciso outras tantas para lhe reforçar os alicerces. Actualmente está ali o Museu Arqueológico.

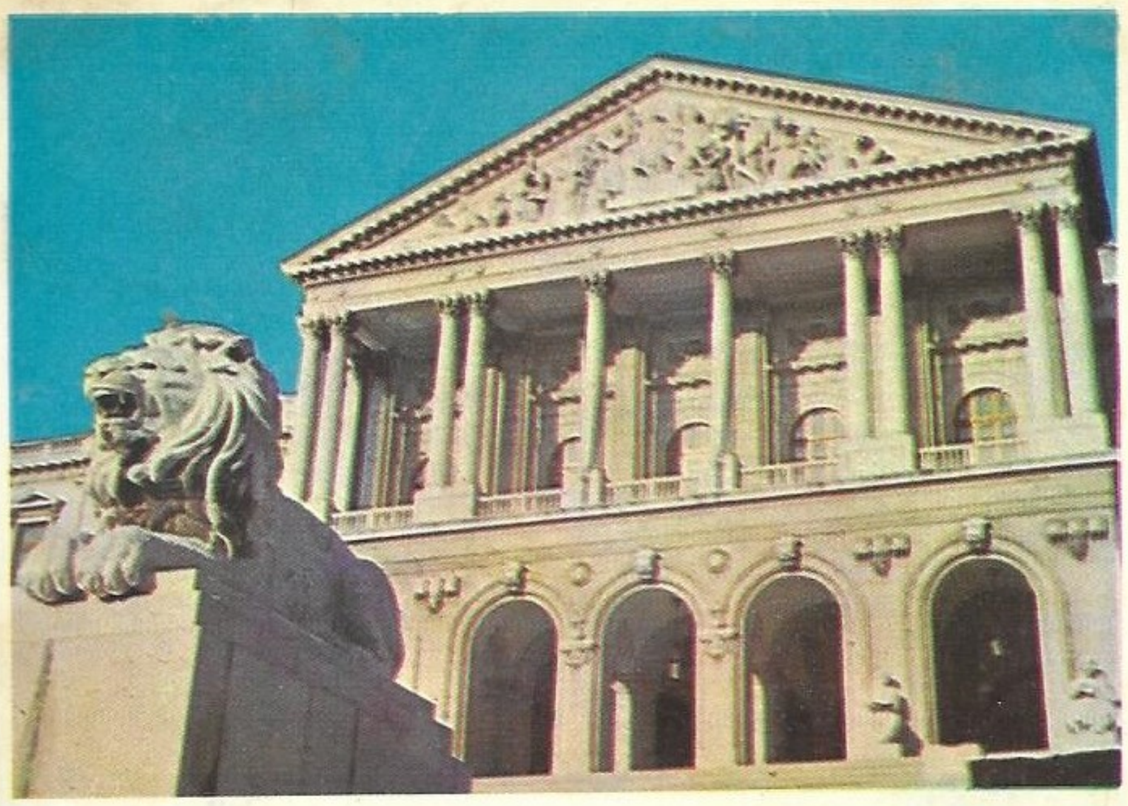


PALÁCIO DO MUNICÍPIO

O Palácio do Município, onde está instalada a Câmara Municipal, é um projecto do arquitecto Parente da Silva, tendo as obras começado por volta de 1867. Os serviços começaram a funcionar em 1875. A fachada principal ocupa toda a face leste da Praça do Pelourinho, tendo na parte central uma larga varanda, da qual se erguem oito colunas monolíticas de ordem compósita, que sustentam um frontão com esculturas de Calmels formando uma alegoria à cidade de Lisboa. Desta varanda foi feita em 5 de Outubro de 1910, a proclamação da República Portuguesa. Sob a varanda três grandes portões de ferro dão ingresso ao vestíbulo de entrada, no qual, em 1950, se colocaram duas estátuas de Mestre Leopoldo de Almeida: uma de D. Afonso Henriques, e outra de D. João I.

BASÍLICA DA ESTRELA

A Basílica da Estrela deve-se a um voto feito por D. Maria I: se desse um sucessor ao trono, mandaria edificar um templo. Realizado este seu grande desejo, a soberana ordenou a construção deste imponente monumento, que tem a invocação do Sagrado Coração de Jesus. O zimbório tem 229 degraus. Conta com 11 sinos.



ASSEMBLEIA NACIONAL

A Assembleia Nacional está instalada no antigo edifício do convento de S. Bento da Saúde, concluído em 1615 e levemente restaurado após o terramoto de 1755. Desde 1834 que funcionaram ali as chamadas Câmaras Legislativas. Tendo sofrido bastantes obras de alindamento, só a partir do século XIX, através de um projecto de Ventura Terra, tomou uma característica definida. Em 1933, esse alindamento tomou um rumo certo, que fez do edifício aquilo que é hoje. É precedido de uma escadaria nobre, de autoria de Luís Cristino da Silva, e a frontaria tem uma varanda avançada adornada de colunas de coroas de sugestivo frontão, esculpido por Simões de Almeida (sobrinho). No átrio está colocada a estátua do grande tribuno liberal, José Estêvão Coelho de Magalhães, obra de Vítor Bastos, inaugurado em 1876.

AQUEDUTO DAS ÁGUAS LIVRES

O Aqueduto das Águas Livres, construído no reinado de D. João V, entre 1729 e 1748, por interesse de Cláudio Gorgel do Amaral e sob a direcção do brigadeiro Manuel da Maia, que elaborou o projecto com Custódio Vieira e Silva Pais. O Aqueduto recebe a água da Ribeira das Águas Livres e doutras correntes fluviais mais pequenas. O custo da obra foi de 5 500 contos, e foi pago através do imposto público denominado o «real da água». Mede 60 quilómetros ao longo de todas as ramificações, terminando na Rua das Amoreiras por um arco de ordem dórico. Ao todo tem 144 arcos, o maior dos quais com 65^{m},29 de altura por 29 de largura e 11 de espessura nos pilares. É o maior arco do mundo.

HOSPITAL ESCOLAR DE LISBOA

O Hospital Escolar de Lisboa foi criado por decreto em 1933, e o projecto pertence ao arquitecto Hermann Distel. É um centro poderoso de tratamento, educação e investigação, que em toda a Europa, apenas tem um igual, na Suécia. Ocupa uma área de 128 000 m^{2}, tendo 260 m de frente e 132^{m},5 de fundo. Tem 2 corpos longitudinais, que são rematados por 4 corpos extremos, e mais três corpos transversais. Possui um total de 10 andares, tendo os corpos extremos 11. Tem capacidade para 1 500 doentes, e cada sala tem de 4 a 10 camas. Funciona ali a Faculdade de Medicina de Lisboa. Está dotado do mais completo e eficiente material do seu género. A Central de Enfermeiras está instalada nos seus edifícios.

PRAÇA DE D. PEDRO IV (ROSSIO)

Na Praça de D. Pedro IV, mais conhecida pelo Rossio, existem o monumento ao rei que lhe deu o nome, e ainda O Teatro Nacional de D. Maria II. O primeiro, foi inaugurado em 1870, sob projecto de Davioud e construção de Germano José Sales, e consta de uma coluna monolítica de 23^{m},30, tendo nas faces dezasseis escudos de cidades e inscrições da vida e morte de D. Pedro IV, que foi, como se sabe, quem implantou e consolidou o regime representativo, outorgando a Carta Constitucional (29 de Abril de 1826). No topo da coluna, precisamente, está a estátua em bronze (3^{m},70 de altura) do imperador com a Carta Constitucional na mão. Quanto ao Teatro Nacional de D. Maria II, sob projecto de Fortunato Lodi, a primeira pedra foi lançada em Novembro de 1842 e inaugurado em Abril de 1846. O custo foi de 400 contos.

PALÁCIO DAS NECESSIDADES

O nome dado a este Palácio vem de um casal que fugindo da peste que infestava a cidade pelos fins do séc. XVI, fugiu para os lados da Ericeira, e tão grato ficou a uma imagem da Nossa Senhora da Saúde ali venerada, que ao regressarem resolveram trazê-la consigo. Construíram para aquelas bandas uma humilde ermida à Senhora, e o culto foi tanto, que resolveram crismar a imagem, dando-lhe o nome de Nossa Senhora das Necessidades, a qual mereceu a devoção dos reis D. João IV, D. Afonso VI, D. Pedro II, e de D. João V, que por altura de doença grave, em 1742, mandou vir a piedosa imagem para o seu quarto, nascendo daí a resolução de mandar erguer uma igreja em honra de Nossa Senhora e ao lado um palácio para residência do rei.

MONUMENTO DA GUERRA PENINSULAR

O Monumento da Guerra Peninsular, é uma evocação em bronze e mármore de um dos momentos mais dramáticos da história de Portugal: o período de 1807 a 1814, quando Napoleão e as suas tropas pretendiam subjugar o nosso território. Esse monumento é um testemunho da valentia e patriotismo. Foi inaugurada em Janeiro de 1933.

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

O Teatro de S. Carlos foi construído sob projecto do arquitecto Costa e Silva, em 1793, tendo por modelo o teatro do mesmo nome, de Nápoles, que ardeu em 1816. Foi erguido à responsabilidade de uma empresa particular, que logo o vendeu ao Estado. Na sua época, foi considerado como a melhor cena da Europa. Em 1940 sofreu melhoramentos, tanto interiores como exteriores, debaixo da orientação de uma comissão dirigida pelo arquitecto Rebelo de Andrade, para desta maneira readquirir a sua categoria de teatro lírico dos melhores do mundo. A sala de espectáculos, de grande sumptuosidade, tanto pela sua elegância, como pela sua decoração, possui cinco ordens de camarotes e plateia vasta que comporta 600 lugares.

MONUMENTO A LUÍS DE CAMÕES

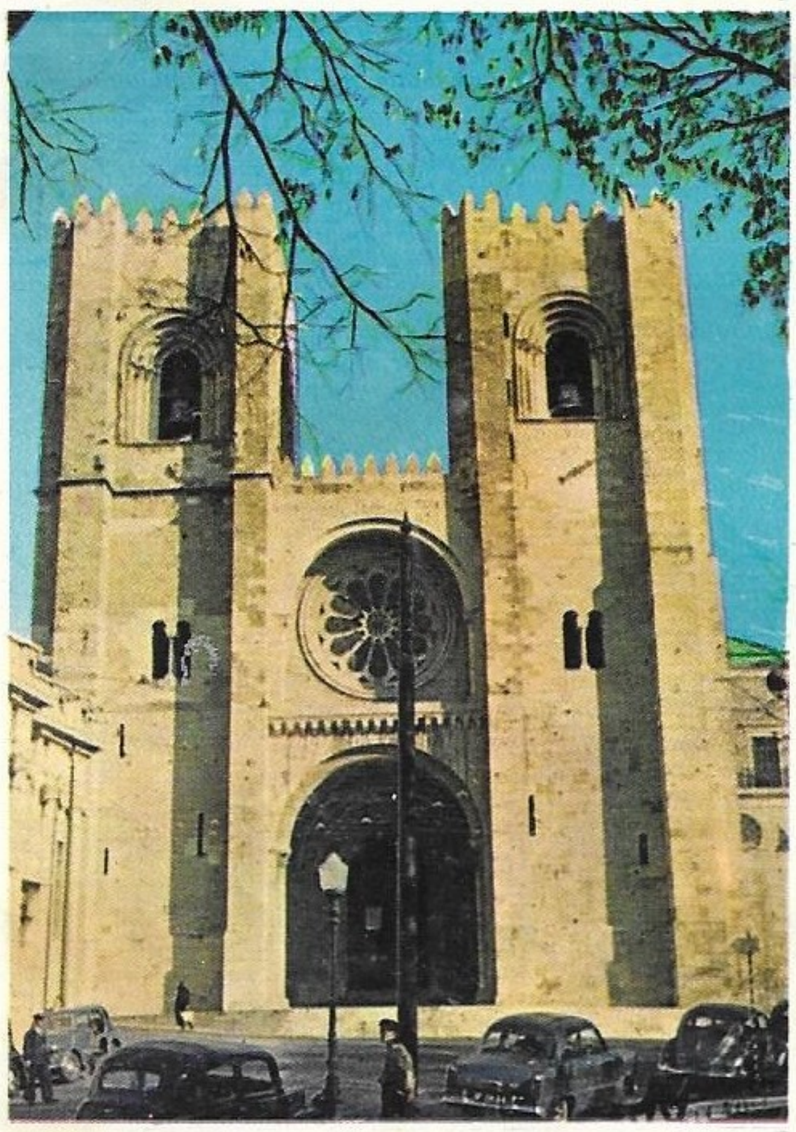
O Monumento a Luís de Camões, é do escultor Vítor Bastos, e foi inaugurado em 1867. É formado por um alto pedestal actogonal, assente em quatro degraus. A figura do Poeta, no cimo do pedestal, é em bronze, mede 4 m, e segura na mão direita uma espada nua, e na esquerda os «Lusíadas».

BAIRRO SOCIAL DO ARCO DO CEGO

Na sua preocupação para resolver o grave problema da habitação, o Estado Novo mandou erigir em diversos pontos da cidade de Lisboa e nos arredores, os chamados Bairros Sociais, cuja missão é criarem casas de renda acessível aos trabalhadores. Esses bairros, todos de aspecto limpo, casas bem iluminadas, têm cumprido um objectivo, que é dar um lar próprio e uma propriedade, para aqueles que vivendo apenas do seu trabalho, mais tarde deixarem de ter o problema da renda de casa. Porque a renda, sendo acessível, é simultâneamente uma prestação que o arrendatário vai dando até pagar o valor da moradia que habita. Regra geral, o seu custo total equivale ao pagamento de rendas durante vinte e cinco anos. O Bairro Social do Arco do Cego, foi o primeiro a ser construido nestas condições.

MOURARIA

A Mouraria, é um velho e pitoresco bairro de Lisboa, onde o viver das gentes e os seus prédios de traçado próprio, deliciam quem a visita. Como o próprio nome indica, a Mouraria, na Idade Média, era um bairro inteiramente habitado por mouros, que ali criaram uma espécie de colónia para evitar o convívio com a população cristã. É curioso apontar, que mesmo no fim deste bairro, em pleno largo da Mouraria, existe a pequena capela de Nossa Senhora da Saúde, que foi mandada construir pelos artilheiros, e dedicada a S. Sebastião, e em acção de graças pelo seu fim, foi instituida a Irmandade de Nossa Senhora da Saúde (1570), que se estabeleceu na referida capela em 1662. Daí a tradição da Procissão da Saúde.

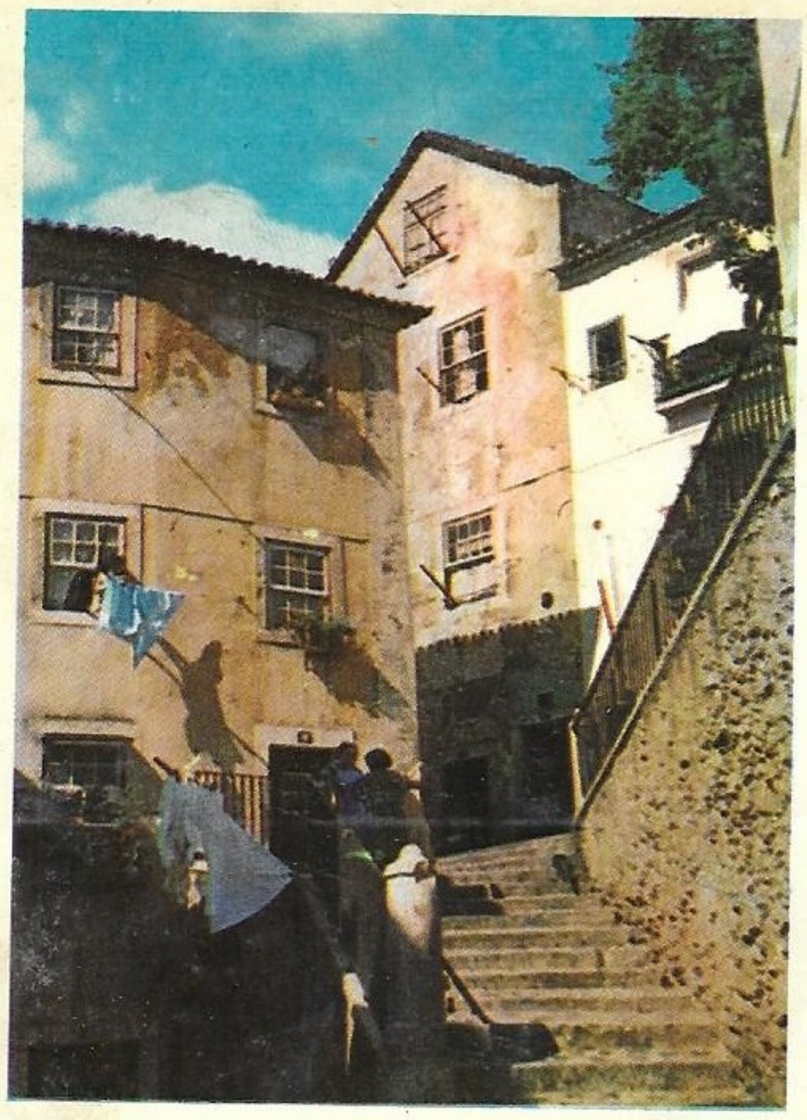


CIDADE UNIVERSITÁRIA

Uma das obras mais relevantes do Estado Novo, não só pelo seu alcance no campo da educação, que abre novos caminhos à população estudantil portuguesa, como ainda pelo arrojo de concepção. A Cidade Universitária integra Lisboa dentro das grandes cidades do mundo que reservam à classe válida da sua população — precisamente à classe que procura no estudo a possibilidade de dar maior grandeza à sua Pátria — um carinho desmedido. Desta maneira a Cidade Universitária resolve com grandeza e amplitude um problema, ao mesmo tempo que proporciona ao País o orgulho de conjunto de edificações de grande utilidade pública. Ali dentro, o estudante tem toda a sua vida solucionada.

SÉ PATRIARCAL

A origem da Sé Patriarcal não está ao certo definida, havendo quem diga que a sua edificação data do ano 360 da Era Cristã, afirmando-se que no tempo de Recaredo, filho de Leovigildo, foi ela reparada e ampliada pelo bispo de Sevilha. Depois vieram os árabes, e o templo transformou-se em mesquita. Mas D. Afonso Henriques, em 1147, entregou-o de novo ao culto cristão.



ALFAMA

O bairro de Alfama, dos mais típicos de Lisboa, quase se debruça no Tejo, salta da margem até à Costa do Castelo, e por outro lado até S. Vicente e Santa Clara. É composto por uma rede de ruazinhas e travessas, escadarias, becos e arcos, onde se encontram junto de casas solarengas, brasonadas, outras humildes, de gente do povo.

CAIS DO SODRÉ

Com a criação da «lota» do peixe no Cais do Sodré, e ainda dos mercados da fruta, das aves, e das miudezas de porco vindas do Montijo, criou-se nesta zona a chamada «Ribeira», onde pela manhã, através de um labor constante, partem a maior parte dos géneros que abastecem a cidade. O seu movimento é característico, e tem merecido dos pintores portugueses e estrangeiros lindos trabalhos. Apetrechado de um moderno conjunto de defesas naturais contra as águas do rio, e uma protecção segura para as embarcações costeiras de pesca, a «Ribeira» é o estômago da cidade por excelência, onde o turista não falta para encontrar, quer na descarga do peixe, quer na descarga do sal, uma faina cheia de cor, alegria e vida.

PALÁCIO DA AJUDA

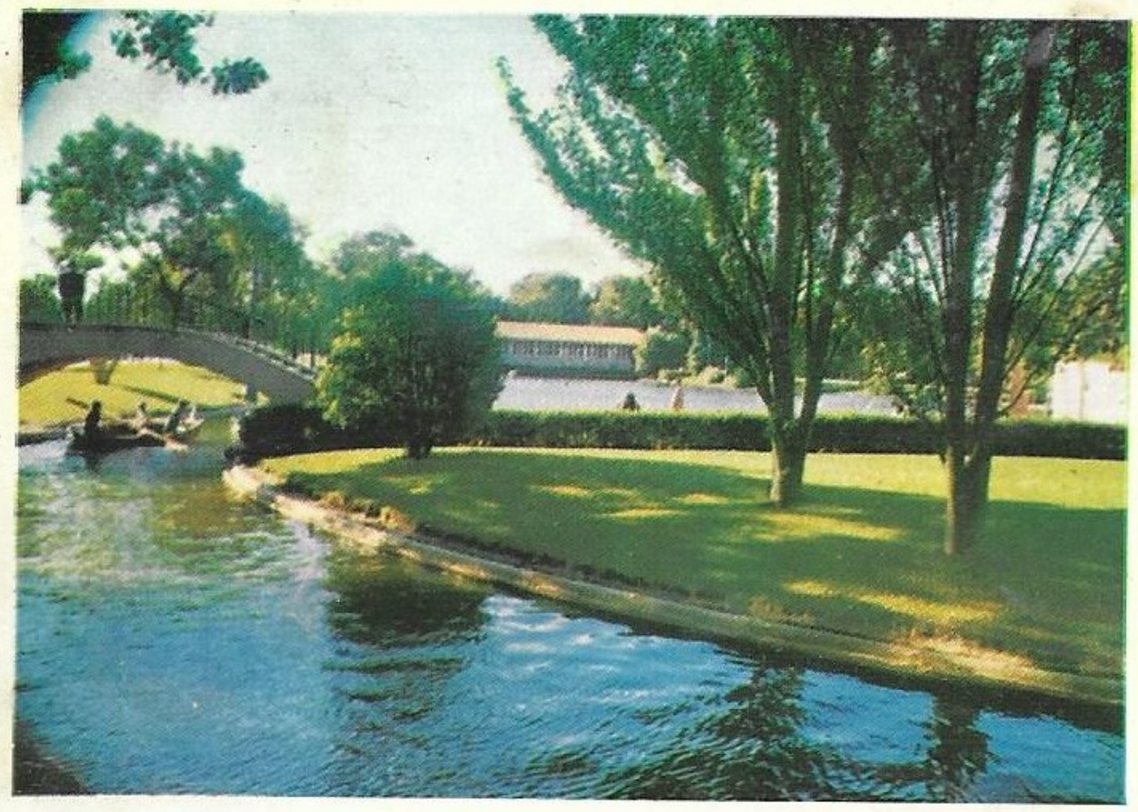
O Palácio da Ajuda foi mandado construir por D. João VI. A sua origem está em que a família real, quando do terramoto de 1755, tomada de terror perante a violência da catástrofe, foi habitar umas barracas mandadas construir para o efeito na quinta de Belém, e só mais tarde, e depois de muito instada, consentiu em mudar para o alto da Ajuda, para um edifício totalmente feito de madeira. Esse edifício — paço improvisado — ardeu em 1794, e no seu lugar construiu-se o actual palácio da Ajuda, sob planos dos arquitectos José da Costa Silva e Francisco Fabri, e obra de Manuel Caetano de Sousa. Até 1910, viveram neste palácio a rainha viúva D. Maria Pia e seu filho, o infante D. Afonso, tendo sido também residência permanente do rei D. Luís. Era aqui que se efectuavam todas as festas da corte.

IGREJA DE S. JOÃO DE DEUS

A Igreja de S. João de Deus, situada na Praça de Londres, é um monumento de estilo moderno, criação do António Lino, e foi inaugurado em 1953. Compreende três naves convergentes, o que a torna única no país. Na frontaria principal, cuja entrada é formada por duas torres, estão colocadas três imagens do escultor Leopoldo de Almeida, que representam as figuras de S. João de Deus, e dois Evangelistas. O coro que é sustentado por colunas, tem ao lado esquerdo, no Baptistério, um trabalho de Jorge Barradas, em porcelana, que representa o baptismo de Cristo, e pelo resto do templo, dentro do estilo moderno, imagens dos escultores Soares Branco, Veloso da Costa e Amélia Carvalheira.

BAIRRO DO RESTELO

O chamado «Bairro do Restelo» — o bairro mais elegante de Lisboa, quer pelo valor das suas moradias, quer pelo cuidado que os respectivos proprietários colocaram nos projectos e enquadramentos, fica no enfiamento de Algés, e tem ao fundo o Tejo, e nas costas o panorama sumptuoso do Monsanto. Rua larga, é ladeada por edifícios isolados, na maioria envolvidos por densas vegetações. Toda a zona, urbanizada dentro de um estilo moderno, mantém no entanto uma característica suave, que foge ao padrão gritante ou exageradamente vistoso. Bairro residencial por excelência, está em vias de crescer no sentido da Serra, mantendo no entanto todas as suas características.

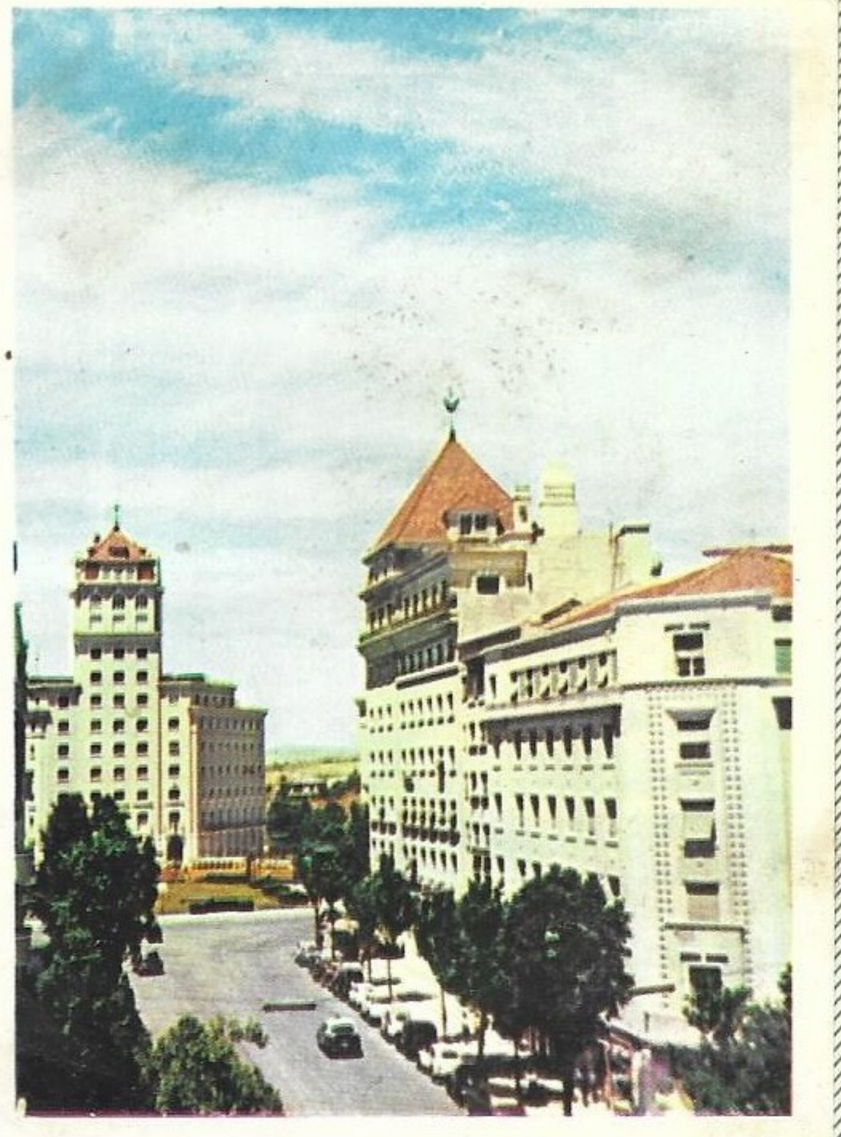


CAMPO 28 DE MAIO

O Campo 28 de Maio, mais conhecido por «Campo Grande», é um ponto citadino de reunião. O parque que o forma tem 1 200 metros de comprimento por 200 de largura, e possui áleas de arvoredo bem distribuídas, mandadas plantar pelo ministro Sousa Coutinho, no reinado de D. Maria I. O parque está adornado com uma estatueta de bronze, trabalho do escultor Maximiano Alves, e também do mesmo artista, um busto de D. João da Câmara. O parque confina com os campos de futebol, e no meio tem um lago onde se alugam embarcações ligeiras, e por onde pululam vendedores ambulantes de amendoins, tremoços, bebidas frescas, bolos regionais, etc.

MONTES CLAROS

Montes Claros é a zona de Lisboa onde o citadino procura nos dias de calor a sombra e o fresco, ou onde o solitário procura a paz da vegetação para ler ou pensar. Bem arborizada, urbanisticamente perfeita, tem o ar de um tapete voador onde se procura a surpresa de um mundo calmo no tumulto natural da cidade. Apetrechado com restaurante, piscinas e parques de brincar para crianças, e ainda de grandes extensões de relva, Montes Claros, mercê do Município, transformou-se no oásis apontado ao turista como o parque ideal para uma mudança de ambiente e de tonalidades.



BAIRRO DO AREEIRO

O Bairro do Areeiro, no dizer da maioria dos jornais, é a sala de visitas de Portugal. De facto, todos os recém-chegados do movimento aéreo, feito através do aeroporto da Portela acabam por vir deparar com este bairro, que é assim uma espécie de primeiro contacto dos viajantes que visitam Portugal por avião, com a nossa terra. O Areeiro é dos bairros mais desenvolvidos da cidade.

ESTRADA MARGINAL

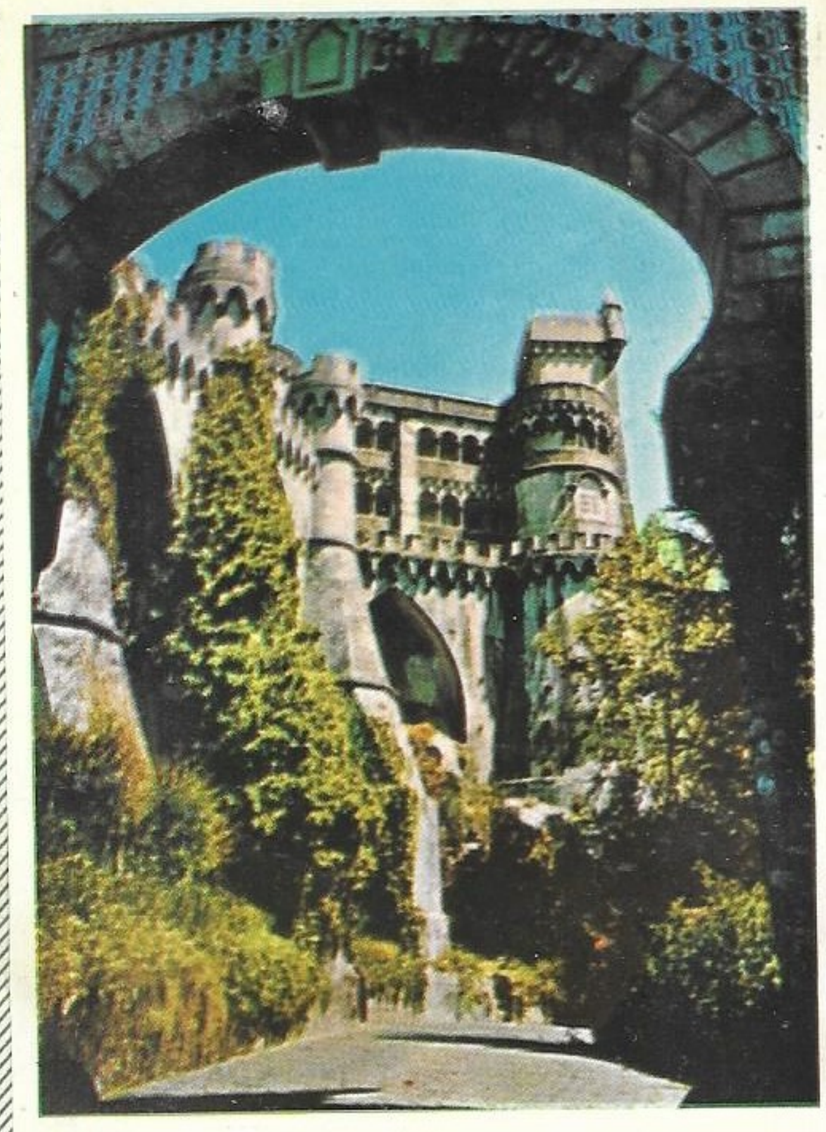
Segundo as declarações de um famoso romancista que visitou Lisboa, «nada mais belo para abandonar o centro da cidade, do que enveredar pela Estrada Marginal». De facto, fazê-lo, é como ser personagem de um filme onde se visse desbobinar belezas naturais sem fim, tantas e tão vastas que a vista mal as pode abarcar de relance. Realização do Estado Novo, ela veio incrementar toda a zona turística que se estende até Cascais, e proporcionar uma panorâmica da outra margem deveras maravilhosa. A estrada, de bom piso, está sempre primorosamente cuidada, e oferece ao automobilista todas as comodidades para uma boa condução.

CASTELO DOS MOUROS

O Castelo dos Mouros é uma fortificação que vem do tempo dos árabes. Dela pouco resta, além de espessos panos de muralhas, que já foram restauradas ao longo dos séculos por diversas vezes. As ameias recortam-se entre a espessa vegetação e as rochas, oferecendo um espectáculo de surpreendente beleza. No interior pode-se ver o que se supõe ser uma antiga cisterna e restos de um templo árabe. A Torre Real do castelo, que está a 454 metros de altura, apresenta-se ao fim de uma série de 500 degraus cavados na rocha, muito rudimentares, mas que por isso mesmo aumenta mais o seu interesse na íngreme subida.

O PALÁCIO DE SETEAIS

O Palácio de Seteais, hoje transformado em hotel, numa iniciativa que veio valorizar o turismo e ainda a arte suprema de receber qualquer hóspede de categoria, foi construído no reinado de D. José por um comerciante holandês, e mais tarde adquirido pelo Marquês de Marialva (o quinto do título), que não só o restaurou, como ali deu festas grandiosas, chegando a receber a visita de D. Maria I. O edifício, que consta de dois corpos, está ligado por um arco de triunfo, com os bustos de D. João VI e de Carlota Joaquina. O seu nome Sete-ais tem origem no facto de o eco repetir essa exclamação sete vezes quando soltado no terreiro. Afirma-se, ainda, que foi aqui, em 31 de Agosto de 1808, que Junot, vencido pelo exército anglo-luso, assinou a chamada Convenção de Sintra.

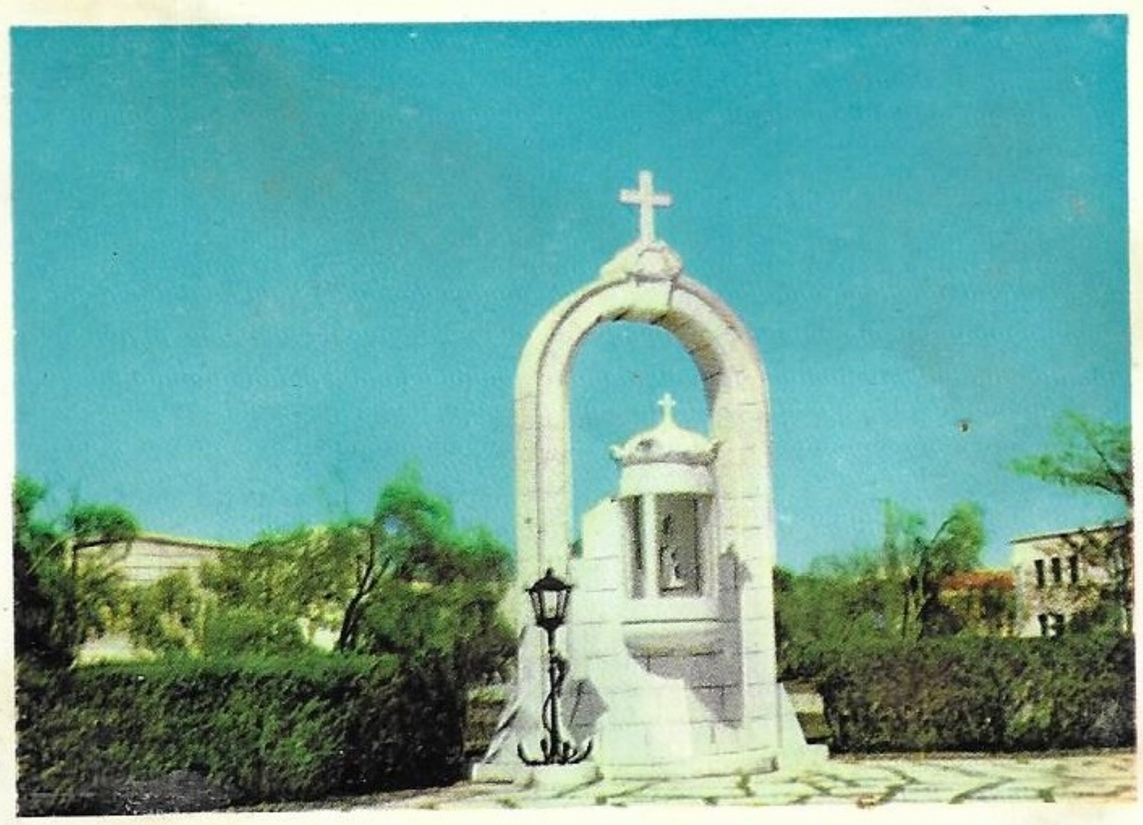


PALÁCIO DA PENA

O rei D. Manuel I tinha fundado, em 1503, naquele alto de Sintra, um modesto cenóbio de frades jerónimos, precisamente no local onde anteriormente se erguera um eremitório, no mesmo sítio onde em 1493, D. João II cumprira um voto de 11 dias. Talvez por achar o lugar paradisíaco, o rei D. Fernando II, no ano de 1840, mandou edificar em volta do cenóbio, o Castelo da Pena.

PALÁCIO REAL DE QUELUZ

Neste local erguia-se a modesta casa de campo de Cristóvão de Moura (1.º Marquês de Castelo Rodrigo), que mais tarde (1654) foi confiscada ao 2.º Marquês de Castelo Rodrigo por D. João IV, para ali se fazer a Casa do Infantado. Foi ali que D. Pedro II, quando infante, urdiu a conspiração que resultou na abdicação de Afonso VI. Sofreu as agruras do terramoto de 1755, até que o filho de D. João V, também de nome Pedro, lhe deu todo o esplendor artístico que em parte se conservou até aos nossos dias. Habitaram ainda este palácio D. João VI, Junot (que mandou efectuar várias obras), e D. Miguel. Na sala de D. Quixote nasceu e morreu D. Pedro IV.



SETÚBAL

Setúbal é um burgo anterior à fundação da monarquia. D. Afonso Henriques deu-lhe foral em 1149. Mais tarde (1860) D. Pedro V elevou-o à categoria de cidade. Está ligado a alguns acontecimentos históricos, entre os quais o desembarque do Duque de Alba, que ali se efectuou em 1580. É conhecido pelas suas salinas, indústrias de conserva de peixe, fábricas de cortiça e laranjais. Tem cerca de 40 000 habitantes. Nasceram em Setúbal o grande Bocage (1765-1805), o poeta épico Vasco Mouzinho de Quevedo (séc. XVIII) e a cantora Luísa Tódi (1753-1833). Tem muitos monumentos dignos de serem vistos. Na margem do Sado, rio que o banha, fica Tróia, ruínas de uma antiga povoação romano-celta.

«PEGA DE CARAS»

A criação de gado bravo na região de Vila Franca de Xira, dá ao seu ambiente um entusiasmo pela Festa Brava, pouco igualado nas restantes terras do País. Têm fama as corridas que desde os tempos passados se realizaram na sua Praça de Touros. Assim como as esperas de gado — esse lançamento de gado bravo pelas ruas — que arrasta em tais dias pessoas dos arredores, em busca da alegria e da emoção. Nas corridas, pelo tradicionalismo português, a «pega de caras» é a luta homem-touro mais característica, talvez pela sua maior aproximação com a origem desta arte. Porque não esqueçamos que a luta ou lide do touro é de origem peninsular, e nasceu quando as necessidades de alimentação levaram os povos a defrontarem-se com ele em jogo aberto.

PRAÇA DO BOCAGE

A Praça do Bocage, em Setúbal, terra onde o consagrado poeta nasceu, na rua de Bartissol, tem na esquina com a rua de Serpa Pinto, a Igreja de S. Julião, mandada erguer por pescadores e que D. Manuel I, mandou reconstruir (1513), por mestre João Favacho. Ao centro, ergue-se o monumento a Bocage — essa voz profunda de ressonâncias satíricas e lirismos inigualados.

VILA FRANCA DE XIRA

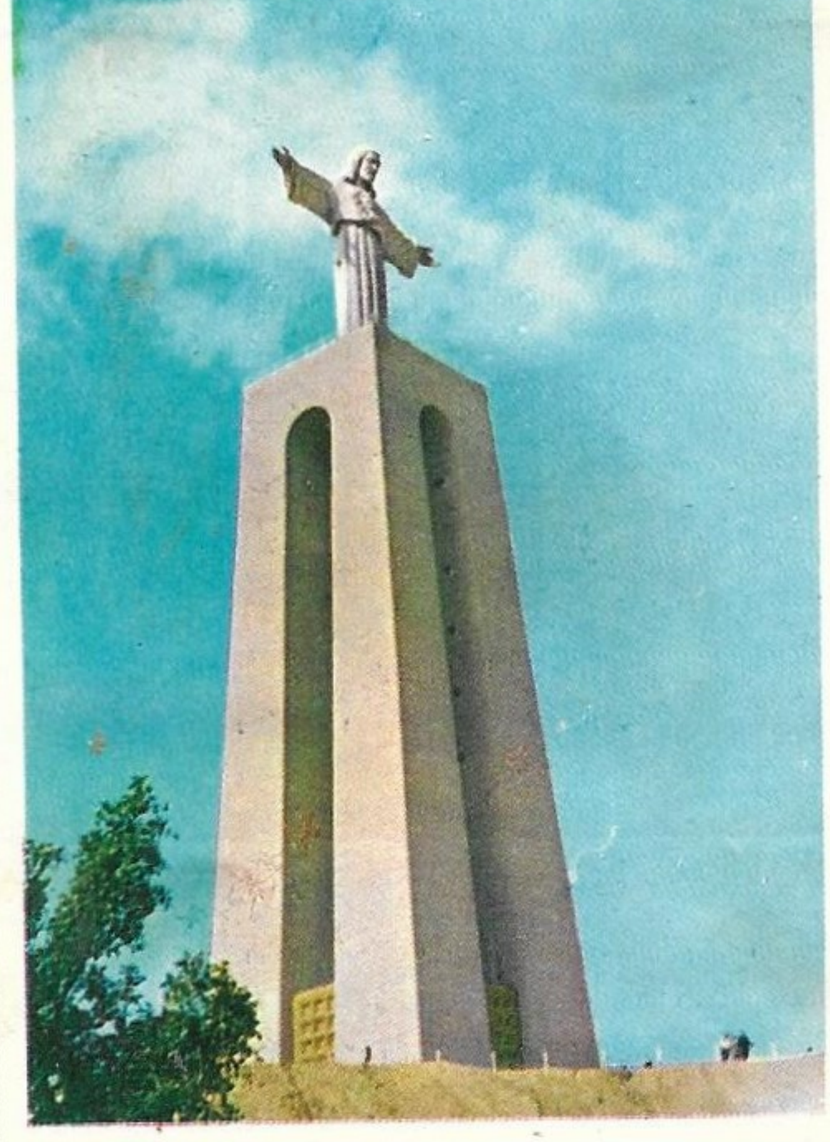
Vila Franca de Xira é uma povoação de grande importância na região ribatejana. De origem antiga, pois foi fundada em época anterior a D. Sancho, esteve na posse da Ordem dos Templários, e guarda em si o testemunho da célebre «Vilafrancada» (1823), que a tem a comemorar o Palácio dos Melos, onde existem retratos de D. João VI e outras pessoas da família real, e também azulejos do século XVIII. A povoação tem pelourinho, e na Rua Direita ergue-se o Palácio dos Sacotos, brasonado e também com preciosos azulejos. Têm fama as suas lezírias e as suas festas do «Barrete Encarnado». O Estado Novo têm-na beneficiado com grandes obras, entre as quais se destacam a auto-estrada, e a imponente ponte que tem o nome de Marechal Carmona.

PALÁCIO DE MAFRA

Mafra é uma vila de 5 000 habitantes, que foi tomada aos mouros em 1146 por D. Afonso Henriques. O monumento que caracteriza esta povoação e faz dela centro de turismo, é o convento de Mafra, nascido de um voto feito por D. João V, para que tivesse descendência de D. Mariana de Áustria, sua mulher. É parte integrante deste imóvel majestoso, o chamado Palácio de Mafra, por onde se entra através do denominado «corredor nobre». O Palácio tem 11 salas com 220 metros de torreão a torreão, e foi ali instalado o Museu de Arte Sacra, onde estão patentes obras de Vieira Lusitano, André Gonçalves, Pierre Antoine Quillard, Massuci, Oliveira Bernardes, e tantos outros.

ARRÁBIDA

A Serra da Arrábida, grandiosa de vegetação, e exuberante na maneira altaneira como se ergue e se debruça sobre as águas que a banham, estende-se desde o monte de Palmela até o Cabo Espichel, num comprimento de mais de 30 quilómetros e uma média em largura de 6 quilómetros. No alto do «Formosinho», seu ponto dominante, atinge 499 metros de altitude. O chamado «Portinho da Arrábida» é uma reentrância da costa onde o espectáculo se desdobra, não só na claridade cristalina das águas, como ainda na beleza serena e tranquila do local. Está situado na Arrábida o chamado Convento Novo (a 298 metros de altitude), que foi mandado edificar em 1542 por D. João de Lencastre, 1.º duque de Aveiro.

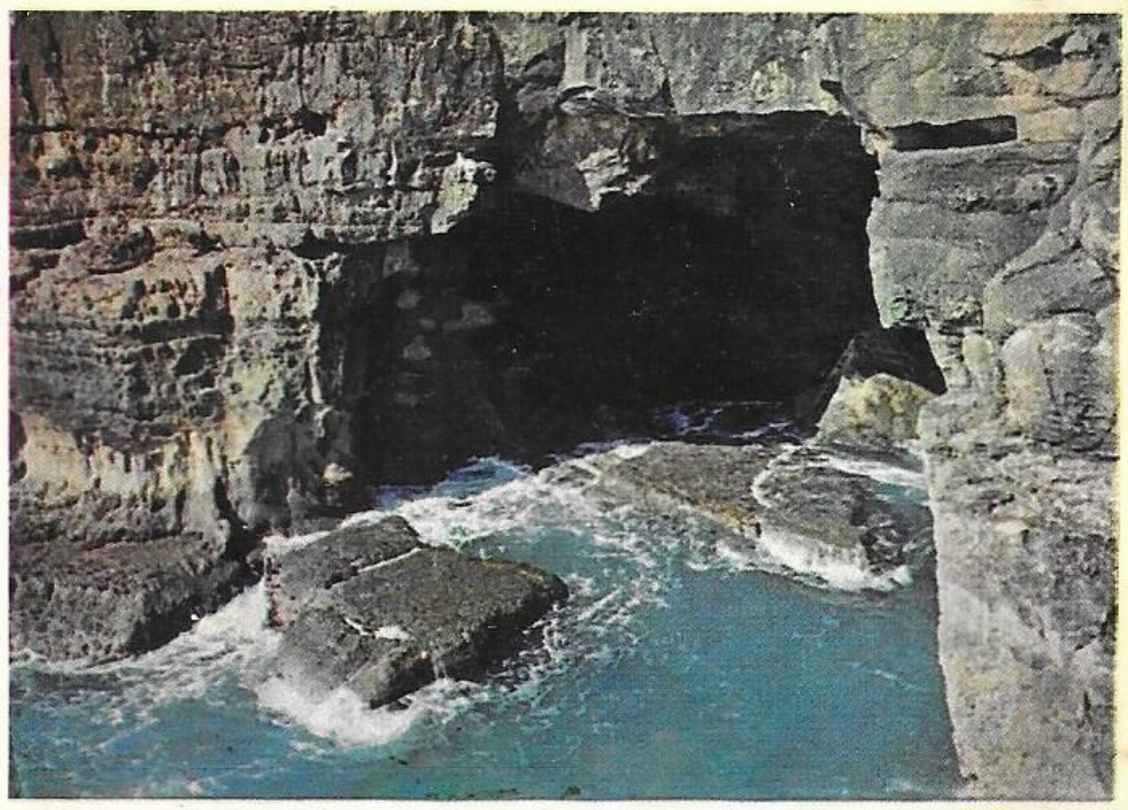


ALMADA

Almada tem despertado grandemente nestes últimos anos, e com o projecto já em execução da Ponte sobre o Tejo, não tardará a transformar-se numa cidade. Vila de nobres tradições históricas, foi ali, em 1384, que os portugueses sustentaram um cerco contra os castelhanos. Por subscrição pública, ergueu-se nos seus terrenos o monumento a Cristo-Rei, que tem 108 metros de altura.

ESTORIS

A região dos Estoris na linha de Cascais, é das mais procuradas actualmente pelo turista estrangeiro. Começa por S. Pedro do Estoril, denominado antigamente «Cai Água», devido à arrebentação das ondas ser ali muito violenta. Logo a seguir, S. João do Estoril, para deparmos, no 24.º km da linha, com o Estoril, região climatoterápica e de repouso, onde é possível tomar banho na sua praia durante todo o ano. Dotado de muitos hotéis, Casino, Piscinas, tem ainda um belo Parque, à entrada do qual se vê a Igreja de Santo António, que pertenceu ao convento do mesmo nome, fundado em 1527. Perto uma coluna com o brasão português nas quatro faces, mandado erguer, por ali ter estado ou passado D. Miguel. No quilómetro seguinte, surge o Monte Estoril, formando os Estoris a chamada «Costa do Sol».



CASCAIS

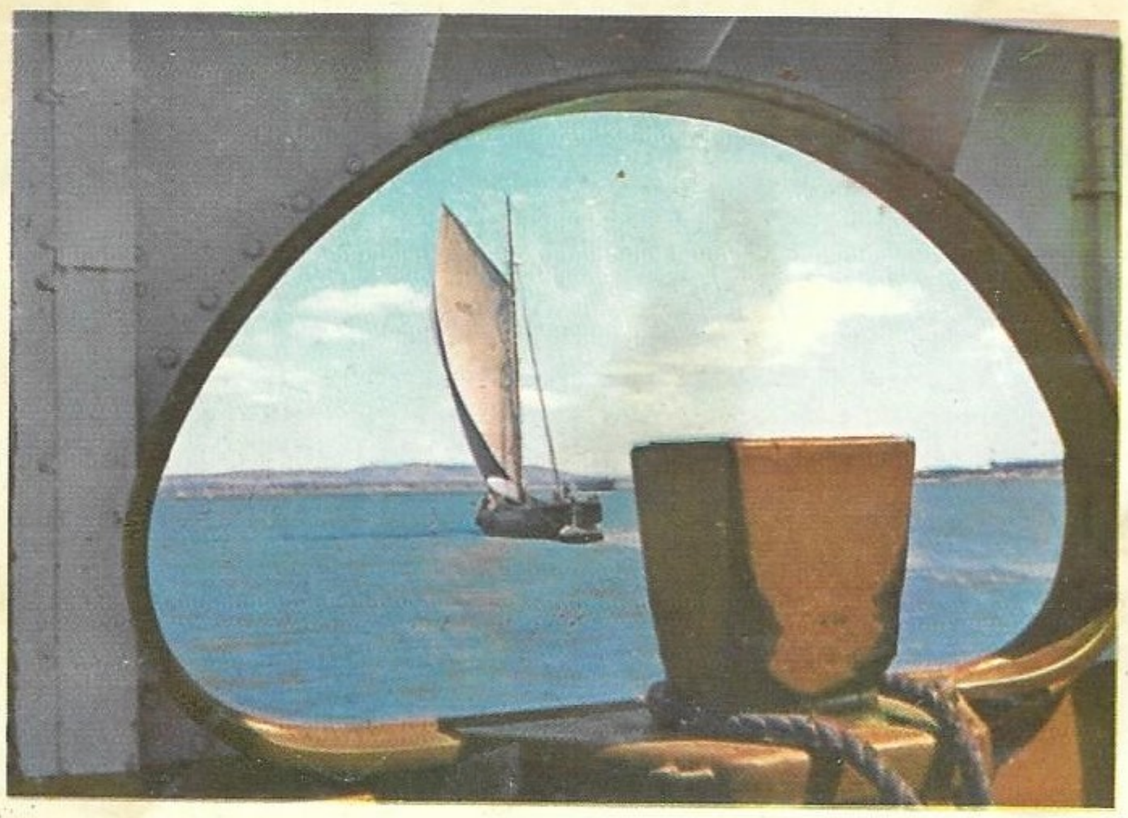
Cascais, vila de «talha nobre», como lhe chamou um escritor estrangeiro, foi durante muitos anos a povoação onde a família real ia passar os meses quentes de verão, e por isso era ponto elegante de reunião. Tem a «Cidadela», moradia dos monarcas desde 1871, e onde morreu D. Luís, em 1889, sendo hoje moradia do Presidente da República; o Parque Municipal, ou antigo Parque Gandarinha; a Ermida de Nossa Senhora da Vitória, onde são dignos de se verem os azulejos; uma coluna na Praça Miguel Bombarda, comemorativa da visita de D. Maria II, em 1834; a Igreja de Nossa Senhora da Assunção, com um tecto pintado por Malhoa e telas de Pedro Alexandrino e Josefa de Óbidos; e o Museu Castro Guimarães.

PRAIA DAS MAÇÃS

A Praia das Maçãs é uma praia de areia fina, voltada para o Atlântico, rendilhada de rochedos, e envolvida por densos pinheirais, que lhe dão uma temperatura agradável, suave, sadia, muito procurada. Actualmente, despertou do letargo que a tolheu durante longos anos, e acelerou uma reconstrução bastante poderosa. Não só edifícios particulares, como públicos, que surgiram entre os pinheiros e sobre a praia, e assim a urbanização vai tomando foros, assentando num desenvolvimento bastante útil para a zona. A Praia das Maçãs, conta também com as suas já tradicionais piscinas, que pela sua grandiosidade, despertam grande interesse. Próximo tem as praias Grande e da Adraga.

AZENHAS DO MAR

Nada de tão pitoresco e perturbador existe nos arredores de Lisboa. Azenhas do Mar pode ser considerada, neste aspecto, a região exótica por excelência. Tudo nela é de uma beleza diferente, de um interesse invulgar. Quer as edificações que se erguem na falésia, e que porecem suspensas por milagre, ou por artes de magia de contos de encantar, quer em baixo, banhada pelas ondas, a velha azenha, relíquia e insígnia do lugar, tudo leva o visitante desprevenido a julgar-se afastado da realidade, pois sente que na atmosfera paira como que uma brisa de fantasia, que predispõe a imaginação a voos audaciosos.



BARREIRO

O Barreiro é uma vila intensamente fabril, não só por guardar no seu seio o aglomerado industrial da CUF, como também porque reúne outras indústrias como a da cortiça. Situada numa planície, banhada pelo Tejo, tem no centro a Igreja de Santa Cruz, de uma só nave, com azulejos preciosos, e com tecto pintado por Bordes, artista do século XIX, e ainda a Igreja da Misericórdia, que vem do último quartel do século XV, com pórtico do século XVII, púlpito de mármore de Arrábida e silhar de azulejos. Ponto de partida e chegada das linhas de caminho de ferro do Sul e Sueste, está ligada a Lisboa por vapores, que atravessam todo o Tejo.

PORTO (VISTA PARCIAL)

O Porto é a segunda cidade do País, capital da província do Douro Litoral, situada na parte final da margem direita do rio Douro, até à sua foz. A população total da cidade é sensìvelmente de 260 mil habitantes, e no entanto, o que é hoje uma urbe de grandeza económica e humana, começou em 1120, por ser apenas um pequeno e arruinado largo em redor da Sé que a Rainha D. Teresa doou ao bispo D. Hugo, o qual cabia dentro de uma estreita cerca de muralhas. Actualmente, considerada a cidade industrial portuguesa por excelência, tem progredido através da tenacidade e trabalho dos seus habitantes, sendo das terras portuguesas onde o bairrismo é mais acentuado.

PRAÇA DA BATALHA (PORTO)

Recanto do Porto distinguido pela sua popularidade, para a qual contribui a beleza do monumento que a ornamenta: a estátua de D. Pedro V, obra ainda mais significativa por ter sido executada no Porto por artistas modestos, com a qual a gente humilde da cidade quis prestar homenagem à memória desse rei, em acto de gratidão. Os trabalhos foram dirigidos por Teixeira Lopes (pai). A fundição foi realizada pelo ourives Luís José Nunes. Assistiu à inauguração do monumento o rei D. Luís, no dia 3 de Fevereiro de 1866. A estátua é em bronze, e representa D. Pedro V com a farda de tenente-general.

PONTE DE D. LUÍS

Projecto riscado pelo engenheiro Teófilo Seyrig e apresentado no concurso de 1880 pela Sociedade Anónima de Construções e Oficinas de Willebroeck, de Bruxelas. A esta foi adujdicada a obra em 1881, por 369 contos de réis, quantia que subiu para cerca de 403 contos, devido a úteis alterações. Tem dois tabuleiros: o superior, de nove tramos de rótulos, com 391^{m},25; o inferior, de cinco tramos, com 174 m. Formam o arco duas curvas parabólicas, divergentes; a sua corda é de 172 m e a flexa é de 44^{m},60. Só nele empregaram-se 1 659 688 quilos de ferro, das 3 000 toneladas de toda a obra. Dirigiu a construção o engenheiro Artur Maury: fiscalizou-a pela parte do governo português, o eng.º José Araújo Júnior. A inauguração foi feita em Outubro de 1886, benzendo a ponte o bispo-cardeal D. Américo Santos Silva.

SÉ (PORTO)

A Sé do Porto é de fundação românica, do séc. XII (2.º quartel), com vários enxertos, alguns de importância. No tesouro conta com a custódia de D. Diogo de Sousa e a de Frei João Rafael. Claustro gótico, de 1385, com excelentes painéis de azulejos nas paredes, de autoria de António Vital Rigarto, executados entre 1727 e 1733.

PAVILHÃO DOS DESPORTOS

O Pavilhão dos Desportos é uma obra que orgulha o Porto de hoje — uma obra moderna, dentro de uma concepção original, que tem merecido os mais rasgados elogios. Situado num ponto de onde se divisa uma bela panorâmica, talvez das mais deslumbrantes e atraentes do Porto, tem a rodeá-lo os jardins do antigo Palácio de Cristal, que foram principiados por volta de 1860. Dão-se no pavilhão grandes reuniões desportivas e nos jardins bailes e festas populares. Também nestes se encontra uma capela denominada vulgarmente «Carlos Alberto», mandada erigir em 1851 pela princesa Angusta de Montlear, irmã do rei da Sardenha, em memória do malogrado monarca que morreu exilado no Porto.

IGREJA DOS CLÉRIGOS (PORTO)

A Venerável Irmandade dos Clérigos Pobres, em sessão de 13 de Dezembro de 1731, aprovou o projecto de igreja do arquitecto Nicolau Nasoni, a qual, incompleta, foi aberta ao culto em 1748. Oitava no exterior, elíptica no interior (a nave). Distingue-se no interior a capela-mor, cujo retábulo de mármores coloridos e do estilo de Luis XV é uma obra relevante (1767-80), cujo traçamento efectuou Manuel Santos Porto. A chamada Torre dos Clérigos tem 75 m de alto.

IGREJA DE S. PRANCISCO (PORTO)

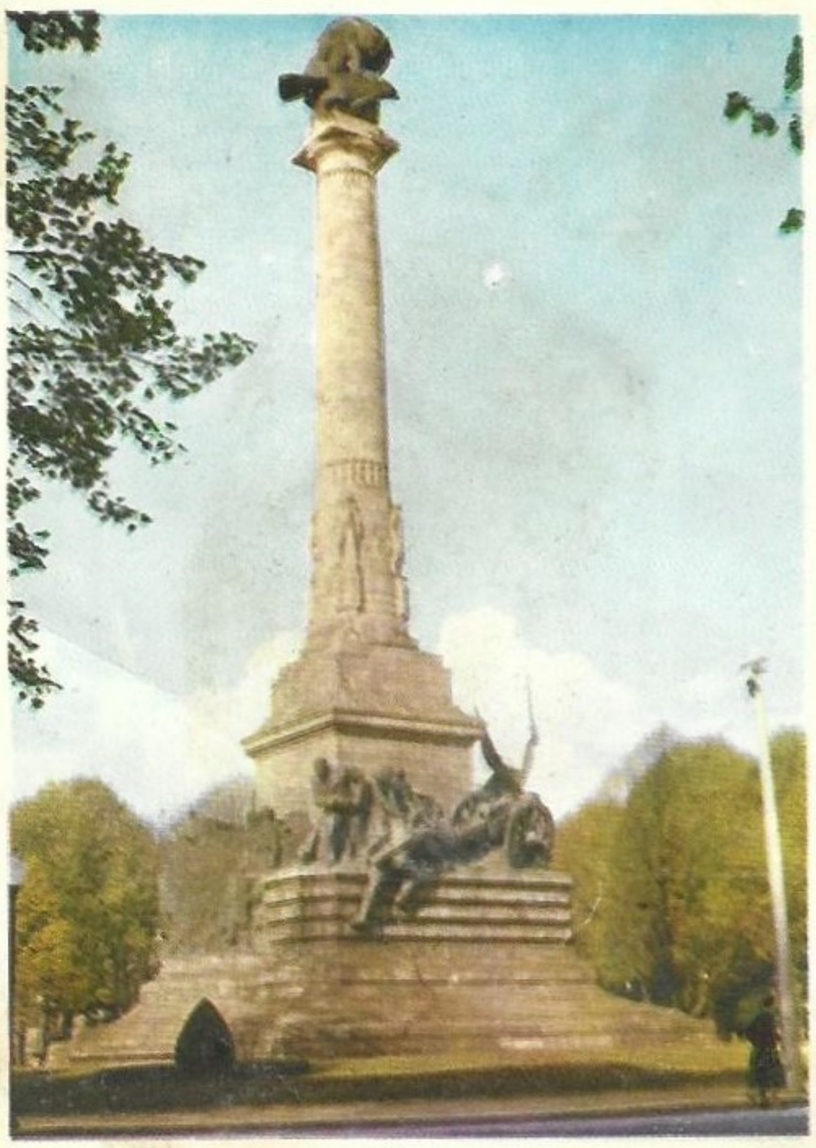
Obra de gótico primário, principiada em 1383, do convento dos frades observantes da Ordem de S. Francisco. Nos séc. XVII e XVIII revestida de talhas barrocas, douradas, por efeito do que a denominou «igreja de ouro» o conde de Raczinsky. Singular contraste o da ornamentação das talhas com a estrutura gótica. Na fachada avultam a rosácea, que simboliza a «Rosa Fortuae», e o portal, de tipo barroco (substituiu no séc. XVIII o primitivo).

CÂMARA MUNICIPAL (PORTO)

Obra determinada por lei de 11 de Abril de 1916. A primeira pedra foi posta em 1920. Projecto do arquitecto Correia da Silva, em reprodução do tipo municipalista flamengo, até pela torre central, com relógio de carrilhão. Todavia a composição arquitectónica e decorativa é de valor clássico. Dão-lhe acesso, rampas laterais. No âmbito Municipal, conta o Porto ainda com uma biblioteca, precisamente chamada Biblioteca Municipal, actualmente instalada no antigo convento de Santo António da Cidade. Possui cerca de 700 000 volumes, e uma importantissima colecção de incunábulos. Graças ao esforço dos seus sucessivos directores, a Biblioteca tem publicado vários manuscritos. Possui também uma colecção de autógrafos.

FONTE DOS LEÕES (PORTO)

A Fonte dos Leões, tão apreciada pela sua singeleza, fica junto da Universidade, o estabelecimento de ensino que iniciou a sua vida por decreto de 1803 com o nome de Real Academia da Marinha e Comércio, cujas despesas eram inicialmente pagas pela Junta da Companhia dos Vinhos do Alto Douro. Em 1834, transitaram para o Estado os encargos destas obras, mas só em 1899 o governo de José Luciano de Castro havia de prosseguir com as obras. O projecto é do arq.º José Costa Silva (1803) e foi corrigido por Carlos Cruz Amarante (1807).



MONUMENTO AO CEGO DO MAIO (PORTO)

Portugal está cheio, de lés a lés, dos mais estranhos monumentos, alguns deles bastante exóticos, outros repletos de fé, outros ainda de patriotismo. De uma maneira ou outra, eles são símbolo da espiritualidade da gente lusiada, que não hesita em erguer em pedra duradoura os seus mais veementes anseios de amor, gratidão e sentimento religioso. Por tudo isso, nunca é demais encarecer a nobre consciência de um povo quando tão alto sabe erguer a sua espiritualidade. O Monumento ao Cego do Maio, é um testemunho que se filia nesta tradição.

MONUMENTO DAS GUERRAS PENINSULARES

No concurso para o monumento das Guerras Peninsulares obteve o 1.º prémio o projecto do arquitecto Marques da Silva e do escultor A. Alves de Sousa. Em 1909, D. Manuel II colocou a primeira pedra; todavia, a obra só começou em 1912, sendo pouco depois suspensa. Foi concluída recentemente, encarregando-se da realização os escultores Henrique Moreira e Sousa Caldas. Mede 45 m de alto.

MOSTEIRO DE LEÇA DE BALIO

O mosteiro de Leça de Balio, ao norte do Porto, é talvez, dentro de certos limites, o mais notável exemplar da nossa arquitectura guerreiro-religiosa do século XIV. Em volta das suas paredes, que o tempo denegriu, ergueu-se, outrora, dominadoramente, o vasto mosteiro acastelado dos monges — cavaleiros de Ordem de São João de Jerusalém; dali partiram em som de guerra muitos dos que auxiliaram os nossos primeiros reis na reconquista das Terras ocupadas pelo invasor sarraceno: ali escutaram D. Afonso Henriques e a Rainha D. Mafalda, sua mulher, as narrativas dos frades recém-chegados da Terra Santa; ali se realizou o casamento de D. Fernando com D. Leonor Teles; ali ecoou a voz de Nuno Álvares Pereira. O fundador da nobre casa conventual foi um dos ricos-homens de Leão.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A Universidade de Coimbra é das três Universidades de Portugal a mais antiga e também a mais característica. A ideia da sua fundação partiu do rei D. Dinis e dos priores de Santa Cruz e S. Vicente e do abade de Alcobaça. Os prelados reuniram-se em Montemor-o-Novo a 12 de Novembro de 1288 e enviaram uma carta ao Papa, que a 9 de Agosto de 1230 firmou a bula «De statu regni Portugaliae» na qual concedia autorização, enumerava os privilégios e dava ao novo estabelecimento o foro eclesiástico e as honras dos graus académicos. A Universidade que funcionaria em Lisboa, em 1537, no reinado de D. João III, foi definitivamente estabelecida em Coimbra.

MOSTEIRO DE SANTA CRUZ (COIMBRA)

O Mosteiro de Santa Cruz foi fundado por cónegos regrantes de Santo Agostinho, no reinado de D. Afonso Henriques. A história do mosteiro está ligada ao ensino das letras e artes em Portugal. Foi o berço onde D. Dinis fez surgir a Universidade, e no séc. XVI constituiu um grande centro de humanismo e o foco da renascença coimbrã.

«PORTUGAL DOS PEQUENINOS» (COIMBRA)

O «Portugal dos Pequeninos» é uma obra da Junta Provincial da Beira Litoral, por iniciativa do Prof. Bissaia Barreto. É uma creche escolar de características diferentes das conhecidas instituições de Frobel e Luísa Montessori. Constituída por múltiplas construções, vivendas, casas rurais, moinhos, lagares e estábulos, proporcionais à estatura das crianças da segunda infância, apresentam algumas a curiosidade de serem a miniatura de edifícios e monumentos conhecidos. No conjunto, o «Portugal dos Pequeninos» é como um mundo encantado, onde as crianças se divertem, se educam, se integram num ambiente propício à sua psicologia. Realização muito feliz, tem sido muito elogiada por educadores de diversos países.

SALA DOS CAPELOS (UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

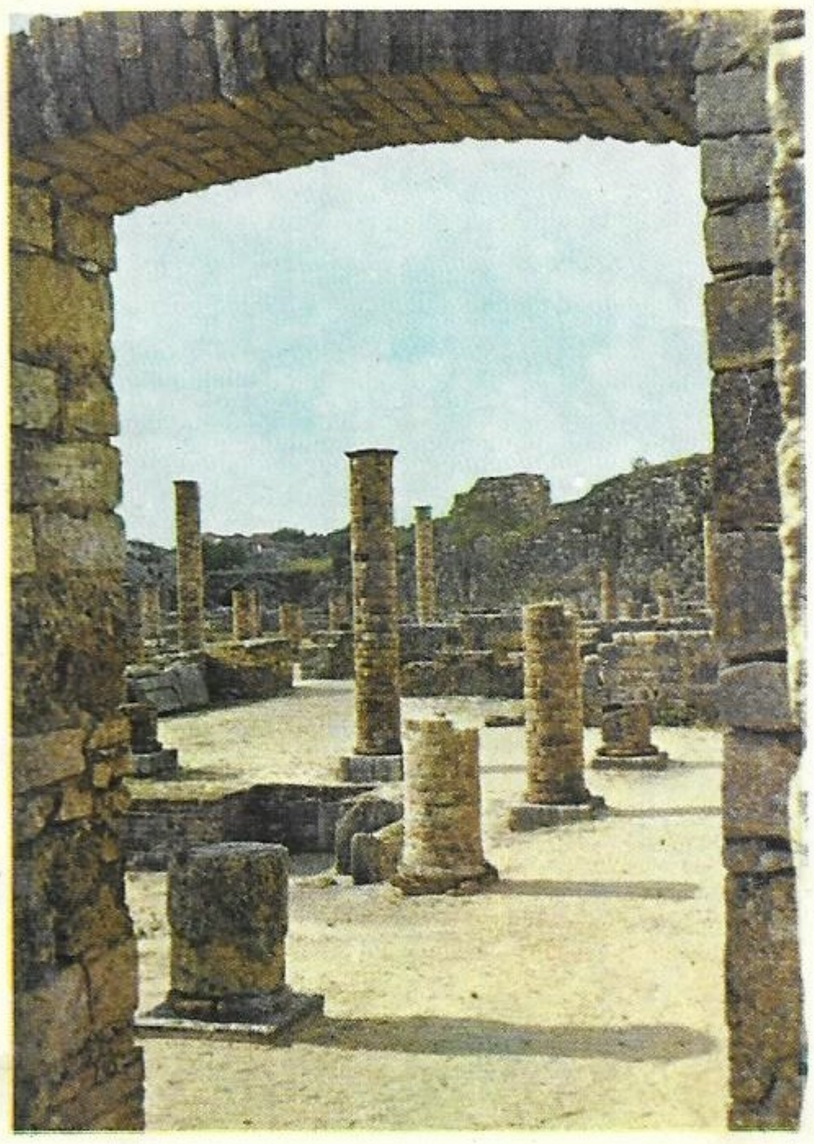
A Sala dos Capelos, na Universidade, é onde se realizam as solenidades universitárias mais vistosas e hieráticas, de feição tradicional, como os doutoramentos e as imposições das insignias doutorais. A sala é de rara beleza. Existia já nos antigos Paços do rei D. Manuel, o Venturoso, separando os aposentos dos Infantes dos reais, mas foi no séc. XVII, no reitorado de Manuel de Saldanha, que recebeu grandes obras de embelezamento. A galeria dos reis que se vê em volta foi, até D. João IV, pintada pelo artista estrangeiro Carlos Falche. O lambril de azulejos policromos e graciosos que reveste as paredes é de fabrico de Lisboa. O tecto, em painéis de madeira, foi realizado pelo artífice portuense, Jacinto da Costa. As janelas e tribunas são posteriores.

AQUEDUTO DE S. SEBASTIÃO (COIMBRA)

O Aqueduto de S. Sebastião, que outrora abastecia a cidade alta com as águas captadas na vertente sobranceira à quinta dos crúzios, tem de comprimento 1 km e 21 arcos. O primeiro, a partir do nascente, distinguindo-se dos seguintes pela sua estrutura de arco triunfal, é coroado por um alpendre, assente em colunas, sob a qual se abrigam as esculturas de S. Sebastião, do lado Sul, e S. Roque. O aqueduto foi reconstruído entre 1568 e 70 por Filipe Térzio, no reinado de D. Sebastião. Uma inscrição indica que o restauro foi feito desde os alicerces sobre as ruínas de um aqueduto muito antigo, certamente romano. A obra desagradou aos frades crúzios, que tentaram impedi-la, mas o rei ordenou que a obra fosse concluída.

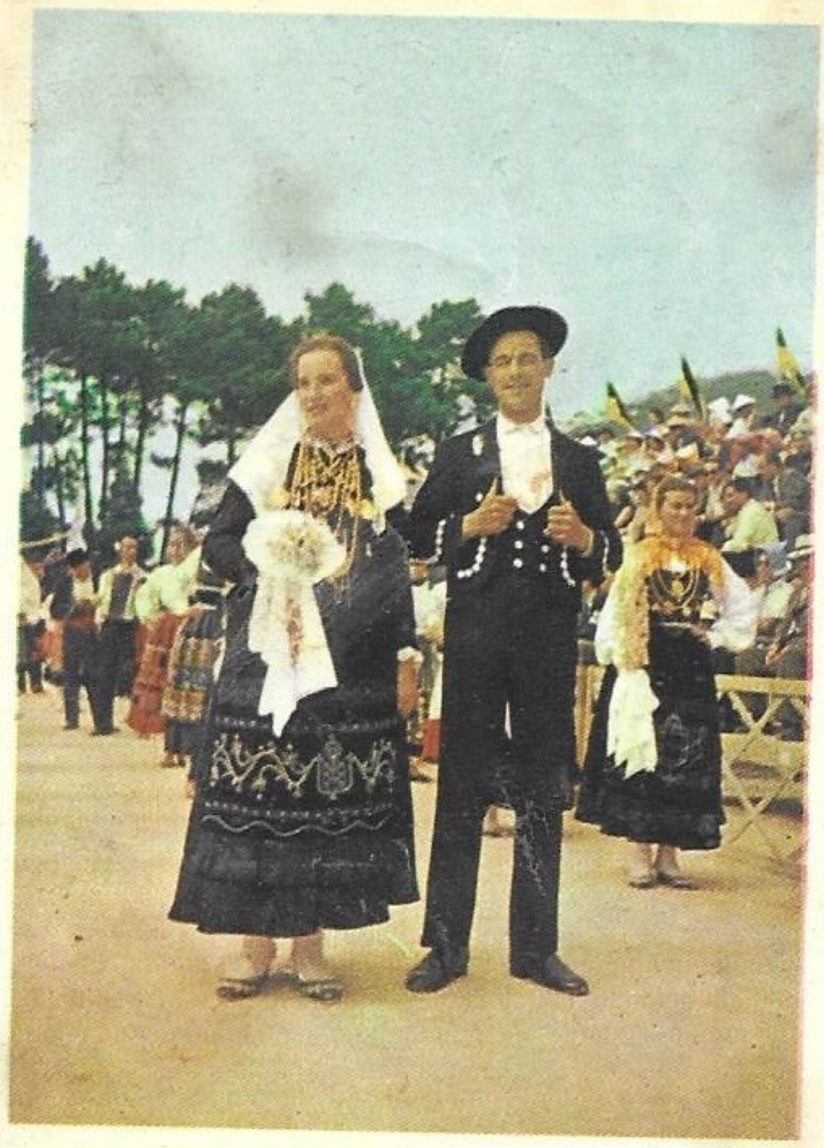
COIMBRA

Coimbra é uma cidade fundamentalmente escolar, dotada de uma das universidades mais antigas da Europa, sede de distrito, de bispado e de uma região militar, capital da provincia da Beira Litoral, que está situada na margem direita do rio Mondego, a 45 km da sua foz. O aglomerado mais característico e velho da cidade, acumula-se num outeiro (106 m), proveniente da montanha de Marvão, de pendores bastante íngremes e voltado a poente. No cabeço dessa espécie de promontório, sobranceiro ao rio, ergue-se a mole arquitectónica, de severas linhas, da Universidade, sobre os mesmos alicerces em que assentava, desde o séc. XII a XVI, a alcáçova dos primeiros reis portugueses.



CONÍMBRIGA (COIMBRA)

Conímbriga foi uma cidade luso-romana de grande importância, possìvelmente capital regional como hoje o é Coimbra. O lugar onde assentou a povoação lusitana, eleva-se estratègicamente entre duas ravinas profundas. Autenticam as origens pré-romanas do agregado urbano quer os objectos arqueológicos ali aparecidos, que vão do neolítico à segunda Idade do Ferro, quer o próprio nome de Conímbriga, de composição céltica.



NOIVOS (VIANA DO CASTELO)

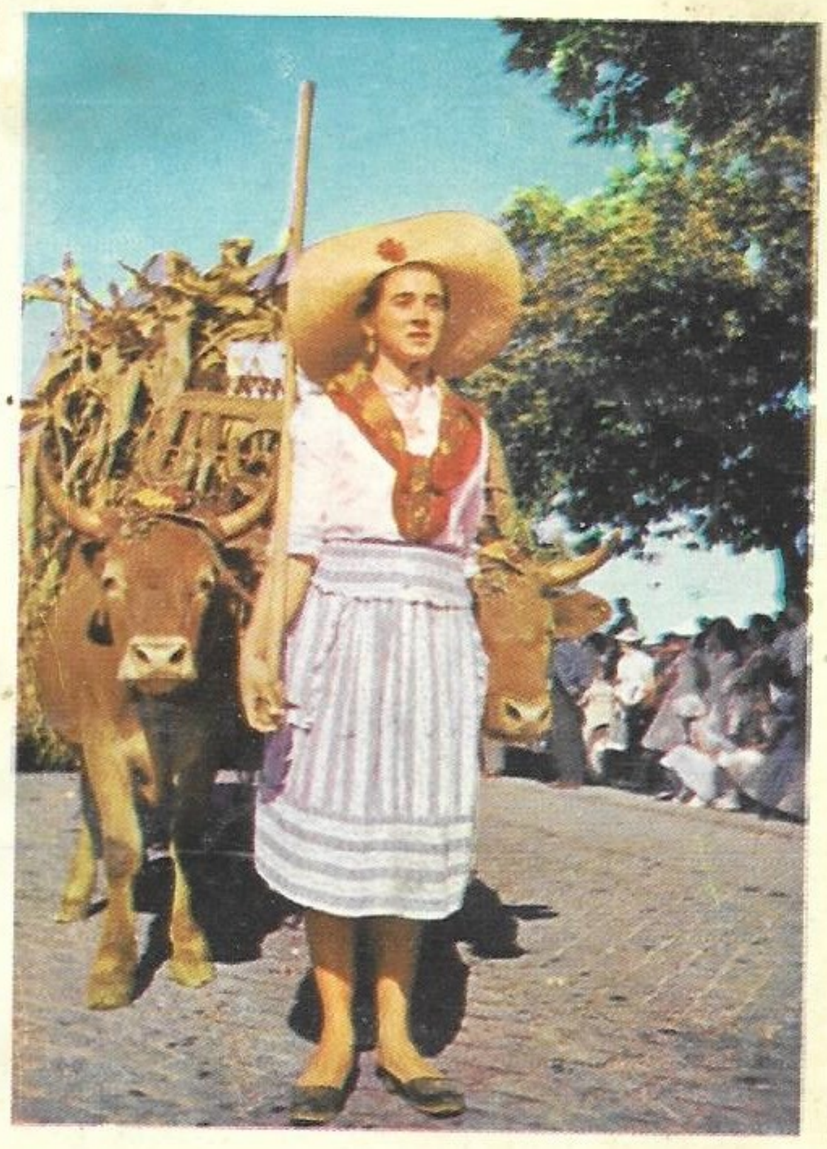
Nos trajos de Viana do Castelo a cor e o ouro predominam, e como disse Abel Viana, «foi mais longe no apropriamento das galas naturais da sua terra, para as fixar em festivo trajo». No cromo, uma representação do trajo de «noivos».

SARGACEIRA (VIANA DO CASTELO)

O mar e os rios dão também o seu contributo à etnografia regional local. Assim acontece com a apanha do sargaço, as sargaceiras de Anha e Afife e os sargaceiros de Castelo de Neiva. Os sargaços são colhidos na maré baixa e secos no chão da praia, depois enrolados e reunidos em pilhas.

«MORDOMA» (VIANA DO CASTELO)

Viana, a mais folclórica das terras portuguesas, tem culto pelas Feiras e Romarias, grandes e movimentados mostruários etnográficos. Assim, os jaqués e casacos de vidrinhos, as saias pregueadas, o rico «trajo de noiva» e o de «mordoma» (no cromo), ambos de Santa Marta, os lenços de renda (chamados «de balbinete»), os de cambraia e os de cetim. Tudo a constituir uma parada de sol e alegria sã.



BOLEIRA (VIANA DO CASTELO)

Ainda sobre os trajos vianenses, D. António da Costa, referindo-se ao assunto, lembra que como complemento do trajo há que atentar no ouro. A evolução do trajo tem sido seguida pela das jóias. Mas não é apenas o propósito de enfeite. «Na minhota o oiro é o banco onde deposita os seus lucros». No cromo, uma boleira, no seu trajo característico, tão belo e único.

BASÍLICA DE SANTA LUZIA (VIANA DO CASTELO)

Constitui uma estância turística de maior relevo o conjunto da Basílica de Santa Luzia e a Citânia. Como ponto de vista panorâmico é certamente o mais importante do País. Até cerca de 1890, nada mais havia que a humilde capelinha lá no alto. A confraria de Santa Luzia tomou conta da capela em 1884. Em 21 de Agosto de 1894 realizou-se a primeira peregrinação. Em 1898 inaugurou-se a estátua de bronze, do Sagrado Coração de Jesus, de autoria de Aleixo de Queirós Ribeiro, conde de Santa Eulália. Em seguida, Ventura Terra faz o grandioso projecto do novo templo que substituiu a pequena incaracteristica ermida de Santa Luzia, e só em 1925 as obras foram parcialmente completadas por Miguel Nogueira, abrindo nessa altura o templo ao culto.

PAÇOS DO CONCELHO (VIANA DO CASTELO)

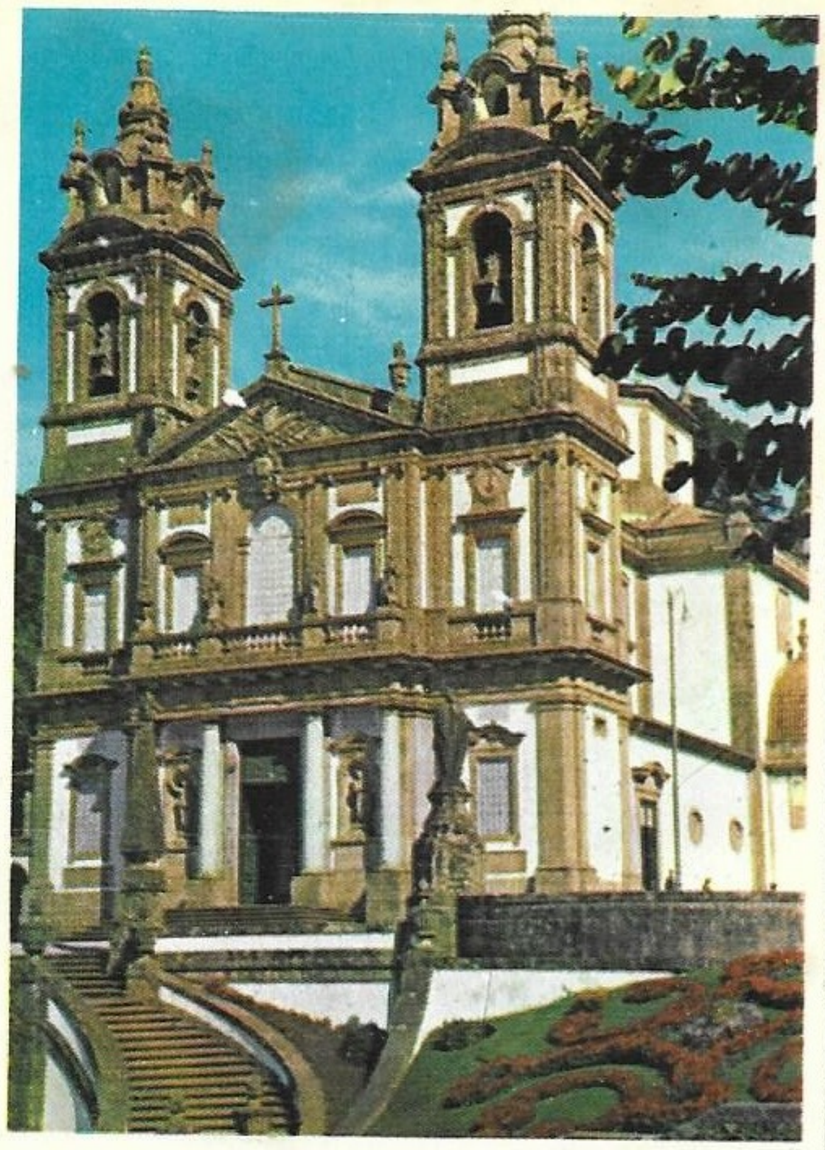
O edifício dos Paços do Concelho, de Viana do Castelo, é construção do princípio do séc. XVI, actualmente considerado monumento nacional, e levou diversas reformas, até que recentemente se procedeu à sua possível reintegração, desentaipando-se a arcaria inferior. Mostra na fachada as armas de D. João III, encimadas pela cruz da Ordem de Cristo, e também o emblema da cidade — uma esfera armilar e uma nau. Na escadaria acha-se uma lápida com a súmula do foral concedido em 1258 por D. Afonso III. Na data (1296, correspondente a 1258) falta a plica, pelo que dá leitura errada. O edifício ficou concluido em 1509.

ARCOS DE VALDEVEZ

Arcos de Valdevez é uma vila assente a meio do vale principal duma extensa e anfractuosa formação granítica, cujo topo está a 1 415 metros sobre o nível do mar. Esse vale é sulcado pelo Rio Vez que é o principal afluente do risonho Lima. O rio torneia a vila, curvando o leito numa sinuosidade violenta. Uma ponte construída em 1878, de quatro arcos abatidos, de construção robusta, mas elegante e aligeirada por olhais intermediários, põe em comunicação as duas margens e os dois bairros, em que a vila está naturalmente dividida. Aí o rio, cujo leito está todo o ano submerso, mais parece um lago que uma corrente. A transparência das águas deixam ver as areias do fundo e a fauna dos peixes.

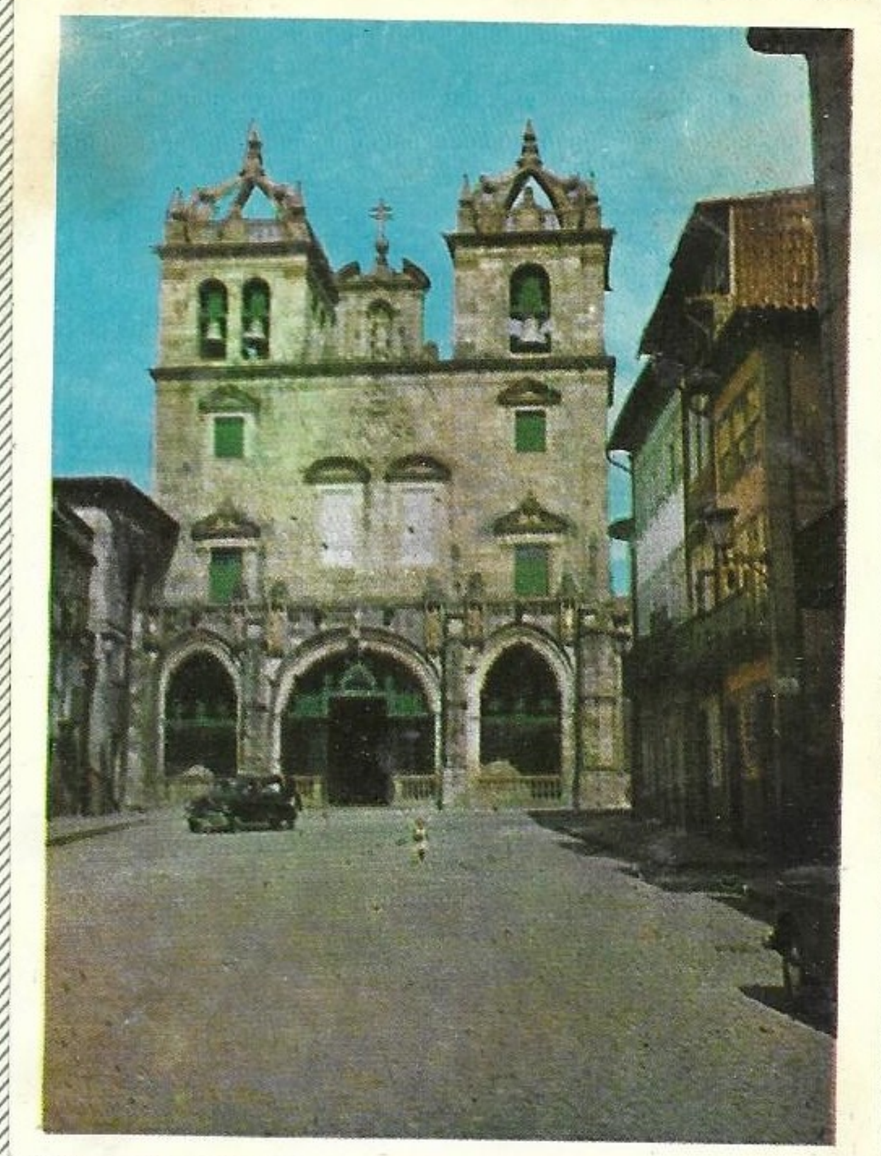
O SAMEIRO (BRAGA)

A ideia do levantamento dum templo à Virgem no alto do monte do Sameiro deve-se ao P.e Martinho da Silva que começou por mandar ali erguer uma cruz em 1869, à semelhança do que, segundo a lenda, se fizera no monte de Espinho e veio a ser a origem do santuário do Bom Jesus. A primeira pedra foi lançada a 31 de Agosto de 1873. Entretanto, em Roma, o escultor Eugénio Maccagnani esculpiu uma formosa estátua da Virgem, em madeira, que Pio IX benzeu em 22 de Dezembro de 1876, tendo a imagem entrado em Braga a 7 de Agosto de 1880, acompanhada de imponente peregrinação. A 12 de Junho de 1941, inaugurou-se o altar-mor, onde no mesmo dia de 1954, se insalou um riquíssimo sacrário de prata. Em 1934 iniciou-se a construção do zimbório.



O BOM JESUS DO MONTE (BRAGA)

O Bom Jesus do Monte, que levanta para o céu as suas élegantes torres, numa harmonia de linhas que se casa admiràvelmente com o ambiente e com o belo escadório que subimos, constituindo com ele, visto de longe, um todo que não pode conceber-se separado. Delineado pelo eng.º Carlos Amarante, a primeira pedra foi lançada em 1 de Junho de 1784, sob o governo do arcebispo D. Gaspar de Bragança, um dos «Meninos da Palhavã», devendo-se a sua conclusão à benemerência do negociante Pedro José da Silva, que pôs a última pedra em Setembro de 1811. Mas só em 10 de Agosto de 1857 a igreja foi sagrada.



SÉ CATEDRAL DE BRAGA

A fundação primitiva da Sé Catedral de Braga data de tempos imemoriais. Nem sequer se conhece o sítio onde estivera a principio, pois no ano de 714 os mouros destruiram toda a cidade. O amplo templo actual não revela antiguidade no interior que passe além dos princípios do séc. XVI.

TRAJOS REGIONAIS (BARCELOS)

Os trajos regionais são a expressão própria do meio ambiente em que desabrocham. É isso que eles exprimem em relação a Barcelos, vila antiga que ainda há poucos anos foi elevada à categoria de cidade. Ainda hoje não está esclarecido se o povo que a fundou foram os romanos ou os galos-celtas. Chamou-se outrora Águas Celanas (do nome do Rio Cávado que então era chamado Celano) e os mouros mudaram-lhe o nome para Bencelanos. Foi muito prejudicada com as guerras dos povos bárbaros, mas o Conde D. Henrique tornou-a povoação de importância.

GUIMARÃES

Guimarães assistiu aos primeiros actos que levaram à independência de Portugal. Junto dos seus muros travou-se a batalha de S. Mamede. Cercada por Afonso VII, de Leão e Castela, viu-se libertada pelo juramento de Egas Moniz, o que deu origem ao célebre episódio em que foi principal protagonista o aio lealíssimo de D. Afonso Henriques. Quando D. Fernando teve luta com Castela, Henrique de Trastâmara pôs cerco a Guimarães. Era alcaide Gonçalo Pires da Meira, e o castelo não chegou a cair nas mãos do invasor. Mais tarde, pouco depois da aclamação de D. João I, o alcaide Aires Gomes da Silva tomou o partido do rei de Castela. D. João I cercou o castelo e o alcaide capitulou. Em Guimarães reuniram-se cortes em 1093, quando D. Henrique assumiu o governo do condado.

CASTELO DE GUIMARÃES

Muito antes da fundação da monarquia, a quintana Vimaranes, pertencia ao conde Hermegildo Mendes e a sua mulher, a condessa galega Mumadona. Esta chegou ali no séc. X para levantar o mosteiro do Salvador do Mundo, à volta do qual se criou o burgo vimaranense. Depois da invasão normanda de 996, Mumadona, para protecção do mosteiro, mandou construir uma torre, a pouca distância, no monte Latito, por certo cingida por muralha de que há restos. Essa torre, que se chamou de S. Mamede, tornou-se de menagem quando no governo do conde D. Henrique a fortificaram com muralhas e torres, assim se formando um castelo, hoje considerado monumento nacional, e uma das mais formosas ruínas medievais portuguesas e um dos mais completos exemplares militares do séc. XII.

IGREJA DE S. MIGUEL DO CASTELO (GUIMARÃES)

A Igreja de S. Miguel do Castelo, considerada monumento nacional, é uma obra românica do séc. XII. Refere a tradição que nela foi baptizado D. Afonso Henriques. Tem portal principal ogivado, cuja ornamentação é singela, assim como a do arco triunfal. O pavimento é notável, cheio de campas lajeadas. Neste cemitério românico dormirão, certamente, grandes figuras do alvorecer da nacionalidade. Próxima foi colocada a belíssima estátua de D. Afonso Henriques, obra de Soares dos Reis, em 1940 retirada do largo do Toural (sede primitiva), onde foi inaugurada por D. Luís.

ESTÁTUA DO FUNDADOR (GUIMARÃES)

D. Afonso Henriques constitui para todos os portugueses o expoente máximo da sua fé patriótica. A ele se deve a implantação no mundo de um reino que viria a ter tão larga projecção na história da Humanidade — este nosso tão grande e heróico Portugal. Foi de D. Afonso Henriques que nasceu a primeira centelha lusíada, e através dele, da sua coragem, da sua força de vontade, da sua fé inabalável de homem que tem consciência da sua importância dentro de um reino que talha a ferro e fogo, que nós, portugueses, hoje podemos lançar ao mundo o nosso valor. Guimarães foi o berço onde Portugal lançou os seus primeiros vagidos. Portanto, sítio ideal para erguer o nosso grito de patriotismo nessa estátua.

PENHA (GUIMARÃES)

A Penha fica a seis quilómetros de Guimarães, no antigo Monte de Santa Catarina, a 617 m de altitude. Cheio de pitoresco natural, com admiráveis panoramas, magníficas grutas naturais, um soberbo parque, e um moderno campo de jogos. Como dignos de menção, devem ver-se a Gruta de N.ª S.ª do Carmo, aberta na rocha, a Gruta de N.ª S.ª de Lourdes, o Relicário com a sua torre, Santuário Eucarístico, o monumento a Pio IX e as capelas de Santa Catarina da Serra e S. Cristóvão. Constitui ainda motivo de interesse o chamado Penedo Suspenso e o original monumento aos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

O PAÇO DOS DUQUES DE GUIMARÃES

Foi 1.º conde e 1.º duque deste título D. Fernando (mais tarde 3.º duque de Bragança), em vida do seu pai. O título de conde aparece em documentos entre Fevereiro de 1464 e Agosto de 1465. Em 1470 aparece o mesmo como duque de Guimarães. Foi filho primogénito e sucessor dos 2.ºs duques de Bragança. Em 1475 teve mercê de direito de logo após a sua morte o filho primogénito se poder intitular duque de Guimarães. O Paço é um exemplo notável da arquitectura civil do séc. XV, composto de 4 corpos, deixando no meio um pátio amplo. Mandou-o construir D. Afonso, filho bastardo de D. João I e duque de Bragança (1442). As obras levaram 60 anos, sob riscado de mestre Antom.

SÉ DE BRAGANÇA

A igreja que hoje serve de Sé Catedral deve a sua fundação à câmara e ao duque de D. Teodósio, que resolveram construir um mosteiro de claristas, no lugar da Cruz da Pedra (largo da Sé), junto às eiras do arcebispo (de Braga), cujo terreno pertencia ao convento de Castro de Avelãs. A obra estava quase pronta em 1561, incluindo a igreja, quando na cidade entraram os jesuítas, que logo obtiveram a cedência graciosa do convento e nele instalaram o seu colégio. Em 1768 foram doados à mitra de Miranda, cuja sede se transferira para Bragança.

CASTELO DE BRAGANÇA

O castelo de Bragança devia ser a antiga «civitae Bragantia» (depois vila e cidade) e os muros defensivos teriam sido levantados por D. Sancho I e depois modificados ao longo das épocas. O castelo é dos melhores e mais perfeitos da arte guerreira medieval e a sua torre de menagem é das mais elegantes do País. Constituíram-nos duas cintas de muralhas flanqueadas de torres e torreões.

BRAGANÇA

Bragança, na sua actual localização, remonta ao séc. XII e foi reedificada no lugar onde existiu a aldeia de Benquerença. Em 1130, Fernão Mendes, cunhado de D. Afonso Henriques, reconstruiu-a. Ainda desta vez os árabes a destruíram. Por fim, D. Sancho I aumentou-lhe muito a população e dividiu-a em vila e termo, dando-lhe foral em 1187. Em 1199 foi sitiada pelo rei de Leão, que levantou o cerco forçado pelas tropas portuguesas. Foi D. Sancho I quem mudou o nome definitivamente para Bragança.

VARANDA TÍPICA (MACEDO DE CAVALEIROS)

A arte portuguesa tem-se desdobrado através de mil e uma expressão, umas ingénuas como só o povo sabe exprimir nos seus anseios elementares, outras com consistência, como só a tradição pode consumar. Em pedra, Portugal orgulha-se largamente da sua acção dentro do campo escultórico. E como disse um crítico francês, «o povo português sabe exprimir como ninguém aquilo que sente com um escopro na mão». A Varanda Típica de Macedo de Cavaleiros e tantas outras que podemos admirar por esse Portugal fora, é testemunho dessa verdade. Um pequeno apontamento de beleza, que não pode deixar de sensibilizar quem quer que a observe.

MONUMENTO A GAGO COUTINHO (PESO DA RÉGUA)

A história da fundação da Régua dá esta povoação como conhecida no tempo em que os Romanos se assenhorearam da Lusitânia. Estabeleceram nela um «presidium» e tornaram-na comunicável com outras terras pelas suas vias. Contudo, alguns escritores supõem que a sua fundação data do reinado de D. Sancho I. Em 30 de Abril de 1927, com fogo de artifício, música e muitas flores teve lugar no largo dos Aviadores o descerramento do monumento de Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Naquelas águias se fixou o espírito dos reguenses que àquela festiva cerimónia assistiram inteiramente, como verdadeira demonstração de orgulho.

MACEDO DE CAVALEIROS

Macedo de Cavaleiros pertenceu ao antigo concelho de Cortiços, extinto pelo decreto de 31 de Dezembro de 1853, passando a denominar-se o concelho de Macedo de Cavaleiros por este mesmo decreto. Foi elevada à categoria de vila pelo decreto de 15 de Janeiro de 1863.

SANTA MARTA DE FALPERRA

Serra do Minho, situada entre os rios Cávado e Ave, 1,5 km de Braga. Estende-se de NE para SO por S. João de Rei e Póvoa do Lanhoso, até às proximidades de Vila Nova de Famalicão, com o comprimento de cerca de 15 km e uma altitude máxima de 830 m. É uma ramificação da Serra da Cabreira. Foi considerada, no passado, couto de salteadores. No alto desta serra está o convento dos missionários apostólicos (falperristas), denominado Seminário de Santa Maria do Monte da Madalena, cuja edificação teve início em 7826, e se deve a Frei António de Jesus, do convento de Vinhais. Começou a ser habitado em Abril de 1833. No ano seguinte à extinção expulsou os missionários, e o convento foi vendido à irmandade de Santa Maria Madalena, estabelecida numa capela da serra, contigua ao convento.

MOSTEIRO DE SANTA CLARA (VILA DO CONDE)

Desde os princípios do séc. XIV, o traço principal da história de Vila do Conde é o mosteiro dedicado a Santa Clara pelos seus fundadores, D. Afonso Sanches e D. Teresa Martins, como se lê numa carta de ambos datada de 7 de Maio de 1318, carta de dotação e normas de viver e governar internas. Em 3 de Janeiro de 1319, o então rei D. Dinis, instituiu-se protector e defensor do convento e suas pertenças, numa carta que diz assim: «Eu recebo este mosteiro e as donas que aí houverem para servirem Deus, e os capelães que aí hão-de cantar por nossas almas, e suas igrejas e seus homens, e seus sergentes e suas herdades e todalas outras suas possessões e suas cousas, em minha guarda e minha encomenda e meu defendimento».

IGREJA MATRIZ (VILA DO CONDE)

Esta sumptuosa igreja, um dos exemplares mais formosos do estilo manuelino ou do período de Transição do Norte do País, foi principiada em 1500 e concluída em 1518, ano em que foi aberta ao culto. Edifício religioso de enormes dimensões e todo de magnífica silharia de pedra, com uma frontaria bela e exuberantemente ornamentada, é uma altiva e serena grandeza, e as paredes, que formam as naves, em toda a sua dimensão, são coroadas por duas ordens de ameias, que lhe dão exteriormente um aspecto imponente de fortaleza. Interiormente tem três naves, divididas por duas alas de colunas, que sustentam dez arcos de volta inteira e o coro fica por cima da porta principal sobre um arco abatido.

AQUEDUTO DE VILA DO CONDE

Vila do Conde é uma terra antiga, cheia de tradições e encantos, muito rica de belezas naturais, com monumentos que testemunham a grandeza do seu passado e progressos que anunciam a grandeza do seu futuro. Grandes espíritos a buscaram para as suas horas de repouso e meditação. Antero ali viveu anos. Camilo ali traçou muitas das suas páginas imortais. Durante anos, Junqueiro ali se refugiou. Gomes Teixeira, o grande sábio, passava ali as suas férias. E foi lá que Eça viveu os primeiros anos da sua infância esquecida, baptizado na sua matriz, entregue a uma mulher simples do seu povo. Praia das mais lindas do Norte de Portugal, sem as estridências dos incómodos bulícios citadinos, o seu bairro balnear é dos mais belos em praias portuguesas.

SÉ (LAMEGO)

A Sé de Lamego é um monumento gótico, muito apreciável pela sua antiguidade. Foi seu fundador D. Afonso Henriques, em 1129, como se vê no «Foral de Trovões» arquivado na câmara episcopal de Lamego. O templo é dedicado a N.ª S.ª da Assunção, e está dividido em três naves espaçosas, admiràvelmente lançadas. Tem 11 altares.

SANTUÁRIO DE N.ª S.ª DOS REMÉDIOS (LAMEGO) (1)

No alto do monte dos Remédios, por meados do séc. XIV, houve a capela de Santo Estêvão, que ali mandou erguer o bispo D. Durando. Por ameaçar ruína, o bispo D. Manuel de Noronha edificou outra no lugar da igreja actual, nos meados do séc. XVI. Embora nela colocasse a velha imagem de Santo Estêvão, consagrou-a, por sua devoção, à Virgem Mãe de Deus, cuja imagem mandou vir de Roma. Assim começou a devoção popular votada a N.ª S.ª dos Remédios. No último quartel do séc. XVIII começou a edificação da igreja subsistente, com feição grandiosa, à custa das esmolas dos devotos. Essa obra foi ampliada com outra, a da escadaria monumental e a do parque. A escadaria tem nove lanços, 500 degraus, numa perspectiva sobre a colina graduada.

SANTUÁRIO DA N.ª S.ª DOS REMÉDIOS (LAMEGO) (2)

Sobressai na escadaria (ver cromo anterior) o largo dos gigantes, com dezoito estátuas bíblicas apoiadas em pilastras simples e conjuntas, ornadas com colunas compósitas. Sobre o portal, o nicho da padroeira, ladeada por janelas: cornija no meio ocupada por óculo recortado.

SÉ DE VISEU

A Sé de Viseu, depois das de Évora e Coimbra, é talvez das mais interessantes de Portugal. A fachada, com corpo central do séc. XVII entre duas torres românicas (cuja parte superior é do séc. XVIII) é desgraciosa; mas o interior é notável pela elegância das suas naves, que colunas do séc. XII ainda sustentam. O trecho mais belo e original é a abóbada manuelina (1513), conhecida pelo nome de «abóbada dos nós». O tesouro da Sé, tem como peças mais preciosas dois pequenos cofres de Limoges, de cobre esmaltado e dourado, do séc. XIII; uma «cruz peitoral» bizantina, de cobre dourado e sinete do bispo D. Diogo Ortiz (restaurador do templo; séc. XVI); e um «hostiário de marfim», obra luso-africana do séc. XV.

IGREJA DA MISERICÓRDIA (VISEU)

Viseu está edificada no centro de um extenso planalto, a 494 m de altitude e na encruzilhada de numerosas estradas. Viseu guarda, como sinais da sua história, a lendária «Cava do Viriato», que ainda hoje se mantém como um enigma arqueológico, faltando saber se poderá ser esclarecido pelas necessidades primitivas da transumância, da circulação ou da guerra, e ainda restos de muros da «cerca afonsina», algumas ruas antigas, com curiosos pormenores de arquitectura burguesa medieva, mais de meia dezena de solares do séc. XVI e XVIII, a Sé, e ainda como expressão da cultura artística, a escola de pintura que na cidade floresceu no séc. XVI sobre a maestria do extraordinário Grão Vasco. A testemunhar esta riqueza, vemos no cromo a Igreja da Misericórdia (séc. XVIII) destacada pela sua elegante fachada.

IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO (VISEU)

A história de Viseu dá como provável ter existido ali nos tempos proto-históricos um núcleo castrejo ou simples posição fortificada. O nome de Pedras Alçadas de um dos seus locais aludiria à existência de «menhirs» ou «pedras levantadas» dos tempos neolíticos. Até ao séc. XII a população concentrou-se na parte mais baixa da região, onde assentou uma muralha romana. Após a invasão muçulmana, a cidade oscilou entre cristãos e mouros, até que Fernando Magno, em 1058, se apoderou definitivamente da cidade. No cromo, vemos a Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco (1768), digna de ser admirada pelos azulejos azuis e brancos com molduras policromas, boas imagens e boa talha.

CHAVES

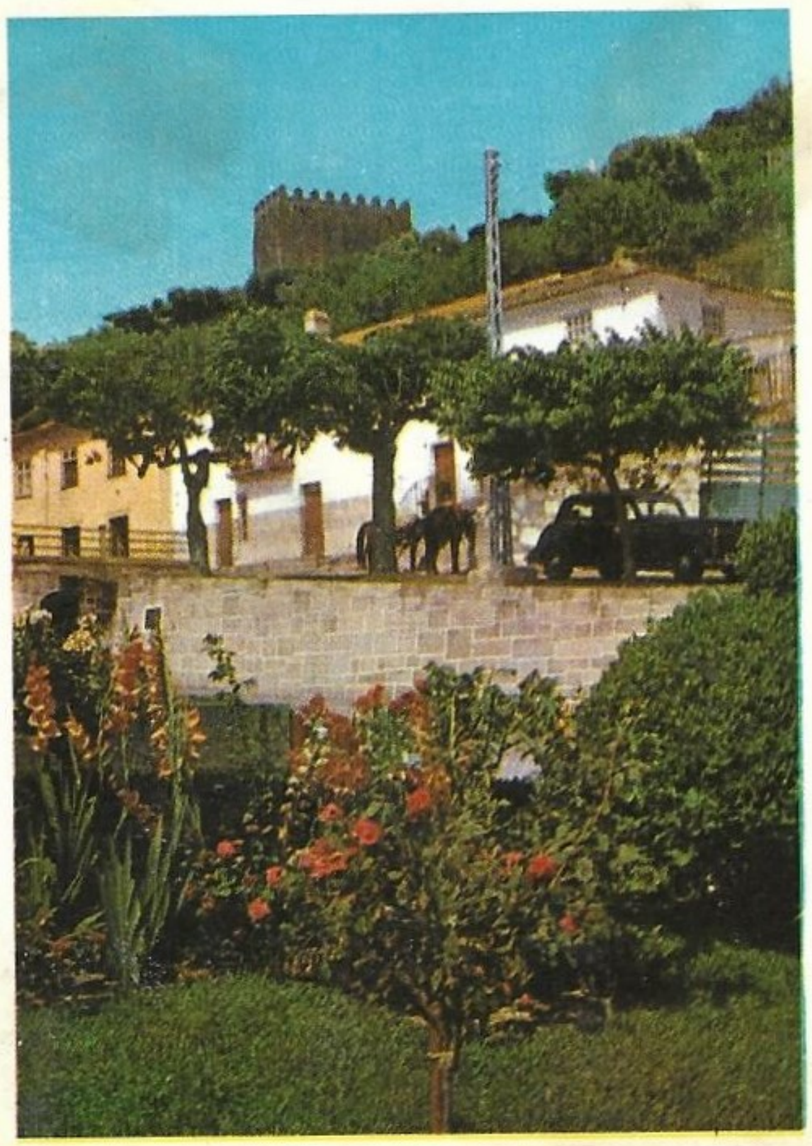
O imperador romano Flávio Vespasiano foi o fundador de Chaves, dando-lhe o nome de Aquœ Flaviœ por respeito às suas famosas águas termais. Ulteriormente aquela designação foi substituída por Aquœ Calidœ. Arrasaram-no os árabes e reconquistaram-na os reis de Leão. Estava encravada no território dado ao Conde D. Henrique. O filho deste, D. Afonso Henriques, mandou-a restaurar pelos dois irmãos Rui e Garcia Lopes. D. Dinis engrandeceu-a e deu-lhe foral seu filho D. Afonso IV. Renovou-a D. Manuel em 1515.

CELORICO DA BEIRA

Celorico da Beira está edificada próxima da margem esquerda do Mondego e no extremo Norte da Serra da Estrela. Foi conquistada aos sarracenos no reinado de D. Afonso Henriques por D. Moninho Dola, que por isso a recebeu como alcaide. O seu primeiro foral foi concedido por D. Afonso Henriques e confirmado por D. Afonso II (1217). As ruínas do seu castelo, que dão à Vila o cunho e a beleza, são compostas por uma muralha completa de cerca, que ainda subsiste, mas já não se vê sinal da grande torre de menagem. A comunicação do castelo com a vila faz-se por duas portas.

IGREJA MATRIZ (TONDELA)

Tondela é uma vila do distrito de Viseu, situada a quatro léguas da cumeada do Caramulo, no meio de uma paisagem maravilhosa. Tondela teve foral novo, cumulativamente com Besteiros em 1515. Pelas vizinhanças, segundo a tradição, andou foragido o Prior de Crato.



GOUVEIA

Gouveia fica situada nas faldas ocidentais da Serra da Estrela. Recebeu foral de D. Sancho I (1186), confirmado por D. Afonso II e substituído por foral manuelino em 1510. Pertencia à Casa de Aveiro, extinta com o processo dos Távoras. Do castelo, que parece ter possuído, não restam vestígios. Actualmente, o edifício de maior vulto e interesse arquitectónico da vila, é a Casa da Torre, antiga residência dos Marqueses de Gouveia (Távora), com uma bela cerca, e que foi construído talvez nos fins do séc. XVII, onde chama atenção sobretudo uma janela manuelina de grande valor e muito bonita.

SÉ-CATEDRAL (GUARDA)

A Sé-Catedral da Guarda é uma bela igreja gótica, toda de granito, edificada desde o final do séc. XIV ao meado do séc. XVI. Ignora-se quem foi o autor. A Sé actual vem de outra, primitiva, fundada por D. Sancho I, com a própria cidade. Logo no reinado de D. Sancho II foi apeada e substituída por outra, que D. Fernando mandou demolir, pelo perigo que a sua localização constituía nas guerras com Castela. Mais tarde, D. João I, solicitado pelo bispo Fr. Vasco de Lamego, tomou a iniciativa da obra, que só viria a completar-se 150 anos depois (1540).

IGREJA DA MISERICÓRDIA (GUARDA)

A Igreja da Misericórdia da Guarda, datada do séc. XVIII, é dotada de uma fachada joanina, pura e elegante. O corpo central está flanqueado por duas torres esbeltas. Sobre portal, vê-se uma pedra de armas reais sumptuosas e grande nicho de colunas, com a imagem da Virgem.

GUARDA

A Guarda foi na Idade Média um dos fundamentais baluartes fronteiriços da Beira. Quando D. Sancho I procurou repovoá-la, por volta do séc. XII (foral de 1199), o local estava ermo. D. Sancho elegeu-a como sucessora da antiga sede episcopal visigótica da Egitânia. D. Afonso II e D. Sancho II confirmaram, em 1217 e 1229, o notável foral. O levantamento dos muros já estava concluído no reinado do último.

CABEÇA DO VELHO (SERRA DA ESTRELA)

Os cimos da Estrela, gastos por uma erosão multissecular, devido sobretudo aos antigos glaciares, encontram-se hoje em grande parte planificados. Dos velhos relevos desfeitos ficaram apenas, como imponentes testemunhos, as moles graníticas, gigantescas, dos Cântaros (Magro, Gordo, Raso). Entre esses três poderosos relevos, as encostas rasgam-se em fundíssimas gargantas e ravinas aspérrimas, dum aspecto selvático e extrema declividade: são os Covões. A parte alta da Serra é despida de arvoredos. Por essas paragens o ar é puro e a água imaculada e gélida. «Grandes silêncios abrasam a Serra», diz quase poèticamente um dos poetas que lhe descreveram as paisagens. No caminho de Gouveia às Penhas Douradas, um pouco acima da estrada, pode admirar-se a Cabeça do Velho representada neste cromo.

MONDEGUINHO (SERRA DA ESTRELA)

Da Serra da Estrela divisam-se, a centenas de metros de profundidade, Moimenta da Serra, Vinhó, Pinhaços e outros povoados que se estendem na planície e nas faldas da serrania. De noite, todos esses povoados iluminados pela luz eléctrica fornecida pelas centrais da serra acendem cintilações de estrelas numa espécie de céu invertido. Por momentos, Santo Estêvão (1370 m) fecha-nos o horizonte mas logo aparecem à beira do Alva, o Covão do Urso e o vale de Rossins. Sobre uma ravina que aflui ao Alva descortinam-se os Covões do Sabugueiro. Uns três quilómetros acima deparam-se-nos o Covão do Bicho, e os filetes de água as nascentes do Mondego (Mondeguinho).

MANTEIGAS

Manteigas fica situada na margem esquerda do curso superior do Zêzere, num dos mais típicos recessos da Serra da Estrela. Subsiste a tradição vaga, mas verosímil, de ter sido um dos últimos refúgios das tribos guerreiras dos Hermínios. Na igreja existia ainda no século passado, segundo se diz, uma lápide que testemunharia a passagem por ali de Júlio César, lápide destruida por um pedreiro. Teve foral de Sancho I. Manteigas é uma típica povoação da montanha. Nas pitorescas e tortuosas ruazinhas da vila, cujos beirais por vezes delimitam um palmo de terra, lá no alto, notam-se, como pormenor característico das moradias, os sobrados de ressalto, onde sapateiam as crianças nos dias de chuva.

CASTELO BRANCO

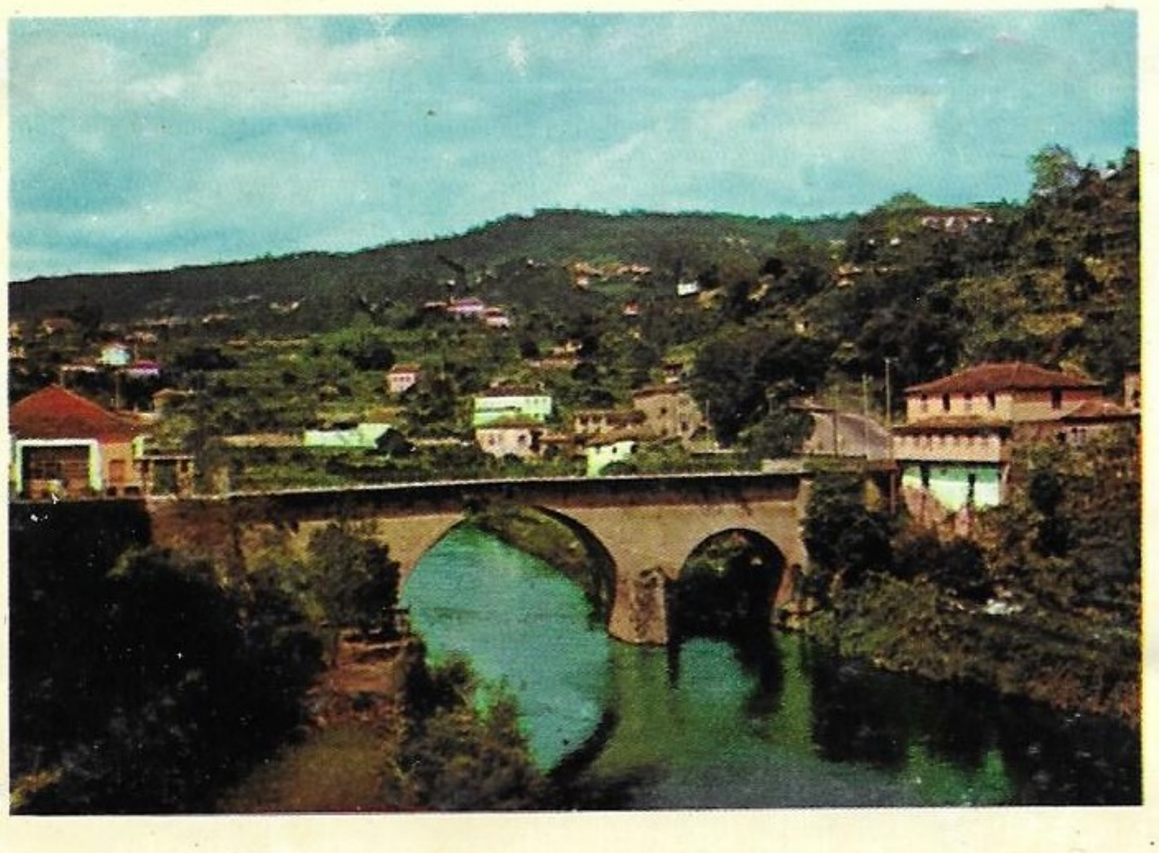
Castelo Branco nasceu da evolução de duas povoações hispano-romanas situadas próximo do Cerro de Cardosa, onde os Templários levantaram o velho castelo. A D. Dinis deveu Castelo Branco o seu importante quinhão nos cuidados com que o monarca restaurou e fortificou na Beira os castelos fronteiriços. Em 15 de Abril de 1771, D. José I conferiu à vila de Castelo Branco o título, honras e foro de cidade «para que nela se possa mais dignamente estabelecer a catedral da mesma nova diocese». É uma cidade pequena, mas muito airosa, situada no centro de um planalto a 450 m de altitude. Destaca-se nela o museu, o Paço Episcopal, o edifício dos antigos Paços do Concelho e o Castelo onde residiam antigamente os cavaleiros Templários e depois os Comendadores de Cristo.

ESCADARIA DOS REIS (CASTELO BRANCO)

Pertence aos jardins do antigo Paço Episcopal, residência de Inverno dos bispos da Guarda. Palácio fundado por D. Nuno de Noronha, reitor da Universidade de Coimbra, bispo de Viseu e mais tarde bispo da Guarda. Esta vivenda episcopal, com largo pátio solarengo, é considerada, pela sua grandeza e decorações, uma das residências mais representativas das mitras provincianas. O jardim é de gosto italiano e nele se destaca o *jardim alagado,* tanque caprichoso e os jogos de água. Apresentamos no *cromo* um pormenor da Escadaria dos Reis e dos Apóstolos que se estende através do jardim em galeria nobre. Tem vinte e seis degraus, guarnecidos de balaústres, sob os quais se encontram colocados bustos dos doze Apóstolos e dos Quatro Evangelistas, além dos reis de Portugal.

COVILHÃ

Pela sua riqueza, é a primeira cidade da Beira Baixa, e depois de Coimbra o maior núcleo de população urbana da Beira. Em homenagem à sua intensa actividade industrial, concentrada e especializada na produção de lanifícios, designa-se, por vezes, pela perífrase de «Metrópole Portuguesa da Lã». Foi de Sancho I que Covilhã recebeu um foral notável pelos privilégios concedidos a quem construiu as primeiras muralhas, mais tarde ampliadas por D. Dinis. De destacar nesta cidade, a Igreja da Misericórdia de fins do séc. XVI com acentuadas características filipinas. Covilhã, cidade progressiva apresenta hoje modernas e amplas construções como as representadas no cromo (Câmara Municipal e Cinema).



IGREJA DE S. FRANCISCO (COVILHÃ)

Junto do Jardim Público, a S. Francisco, antiga cerca do convento deste nome, encontramos a Igreja de S. Francisco, única coisa que resta do referido convento, cuja fundação primitiva pertence aos princípios do séc. XIII e do qual só resta a igreja acabada em fins do séc. XIV.

RIO VOUGA

O rio Vouga é, desde a Serra da Lapa até S. Pedro do Sul, um rio de planalto, torrencial, cheio de rápidos: depois, enquanto corre entre a Gralheira e o Caramulo, é um rio de montanha, continuando a descer vertiginosamente, arrancando muitos detritos às margens; finalmente abandona a Meseta Ibérica e entra na planície, sem força erosiva, com meandros divagantes e grandes aluviamentos. Lança-se por dois braços na ria de Aveiro. Toda a zona de planície vouguense é muito fértil, cheia de prados e campos de vinha (a chamada Bairrada) e milho. Na ria pesca-se e faz-se a exploração de sal e de moliço, com que são adubadas as terras menos férteis. Um passeio através do Vale do Vouga, ao longo das suas encostas verdejantes é algo que nos extasia. É uma das regiões de maior interesse turístico do nosso país.

RIA DE AVEIRO

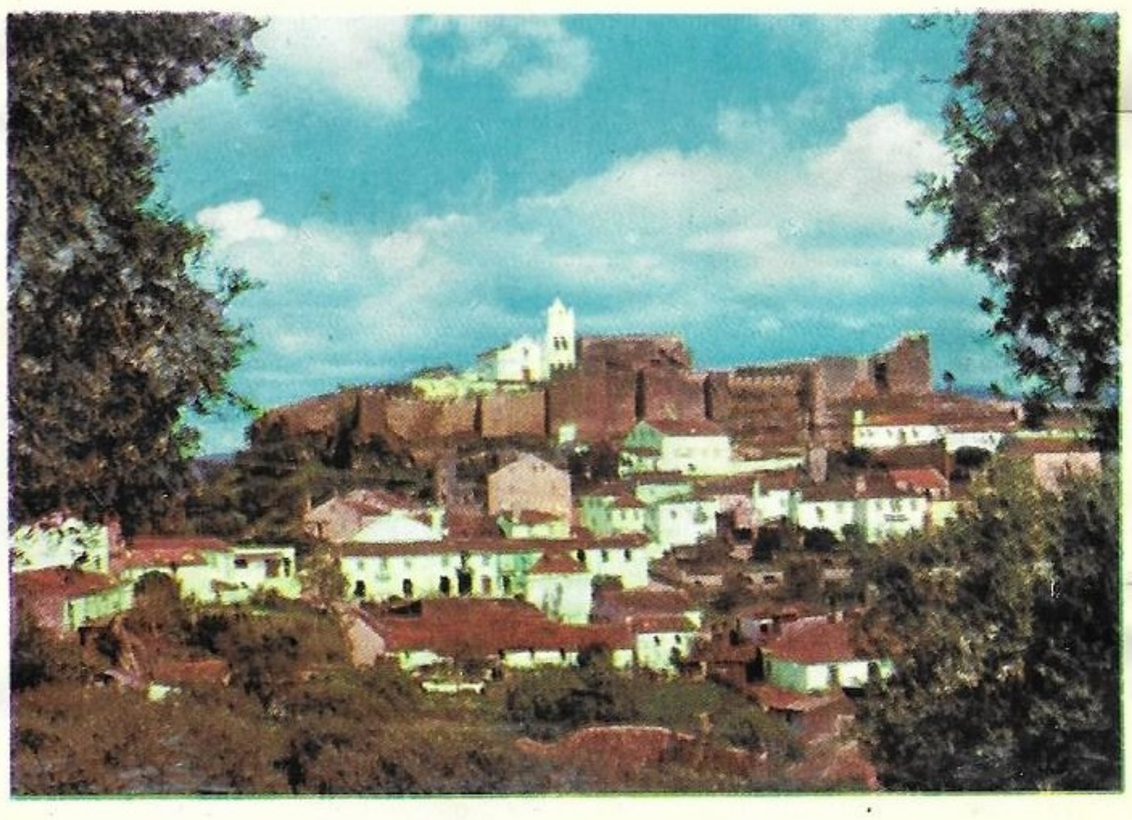
O que dá maior importância a Aveiro e fisionomia inconfundível é a Ria. Pela sua configuração e extensa área, beleza da sua paisagem e valor económico para a região-bacia labiríntica com uma rede extremamente complicada de canais, servindo de meio de comunicação a um grande número de freguesias de sete populosos concelhos que lhe ficam limítrofes — a ria de Aveiro constitui um fenómeno hidrográfico muito original. Estende-se num comprimento de 45 km, desde o Carregal ao Poço da Cruz. Comunica na cidade de Aveiro por três canais: o das Pirâmides, onde S. Roque e o dos Santos Mártires ou Matadouro, e sobre eles estão lançadas as pontes dos Arcos, a de S. Gonçalo e a da Dobadoira. Do canal das Pirâmides diverge para Este o canal central de S. João da Cidade, onde se concentra o tráfego fluvial.

AVEIRO

Aveiro deve a sua categoria oficial de cidade a D. José, por alvará de 11 de Abril de 1759. Os mais antigos documentos referem a povoação pelo nome de Alavario. Reconhecendo as suas condições naturais de natureza turística, o SNI construiu ali a pousada que vemos no cromo.

CASTELO DE PENELA

A vila de Penela é tão antiga, pelo menos, como a própria nacionalidade portuguesa. Ainda se nota a existência dum reduto (a que o povo da vila chama *o forte*) com todo o ar de castro proto-histórico. Foi seguramente em redor dessa fortificação que o governador Sesnando ergueu em 1080 as torres e a cinta de muralha do espaço roqueiro. Desmantelado pelos sarracenos em 1116 foi mais tarde reconstruído, recebendo restauros de D. Sancho I em 1187 e de D. Dinis em 1300. O castelo com uma larga cerca de muralhas ameadas (em alguns pontos com 19 metros de altura) pode considerar-se inacessível pelos flancos de Poente, Norte e Levante. Já não existem a Torre de Menagem e a porta principal.



SANTA COMBA DÃO

Povoação de origem remota, talvez visigótica. O seu nome é invocação de abadessa Beneditina Columba, que teria sido martirizada com outras religiosas por ocasião de uma razia de Almonsor. Encontra-se situada num alto na margem direita do rio Dão a pequena distância da sua confluência com o Mondego. À entrada da vila, transpõe-se um grande viaduto e dá-se com a Igreja Matriz, templo de equilibrada fisionomia barroca com duas torres. Na quadra de pujança de vinhedos, as vertentes profundas e densamente arborizadas do Dão são verdadeiros vagalhões de verdura. A magnífica ponte que transpõe o Dão, recentemente ampliada e consolidada, sendo talvez de origem romana, foi parcialmente destruída durante as campanhas de Napoleão.

FIGUEIRA DA FOZ

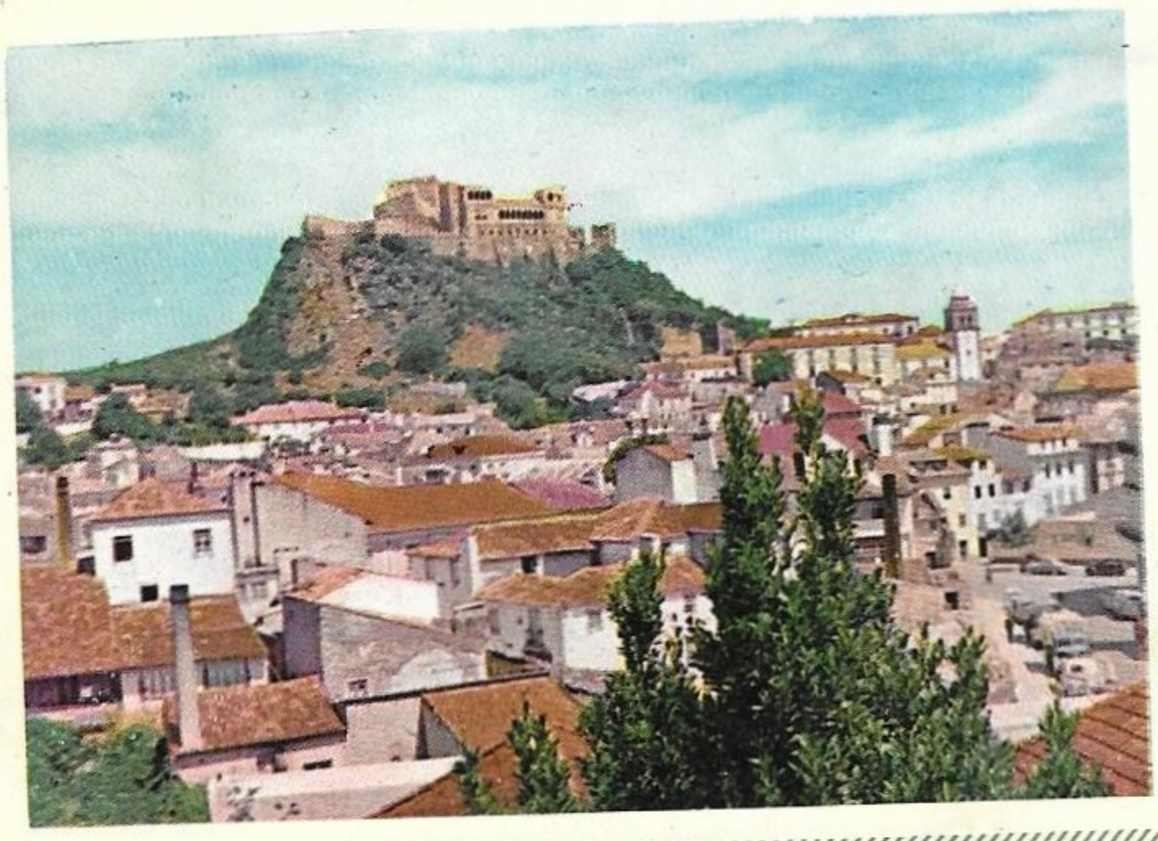
Figueira da Foz, porto fluvial e uma das praias mais frequentadas do País, é denominada «rainha das praias de Portugal». A curva da baia (uma das mais amplas e formosas de Portugal), continua ao sul do rio Mondego em largos areais picados de pequenas povoações de pescadores. Nos dias de Verão, a baia reveste-se de graça efémera com as barracas e toldos brancos espalhadas pela areia. A maravilhosa e grandiosa paisagem denuncia hoje uma reflectida intervenção humana. A serra, ao fundo, arborizada pela mão do homem; as dunas ao longe com os pinheirais; perto, nas habitações e nas ruas há asseio e comodidade e «a paisagem é larga e tão luminosa que impõe uma espécie de culto e cerimonial» (R. Ortigão). Dominando a baia, a Serra da Boa Viagem ergue a sua amável sobranceria.

PISCINA DA FIGUEIRA DA FOZ

Face ao mar, num local deliciosamente escolhido, ergue-se a piscina moderna da Figueira da Foz, com restaurante, bar e belos conjuntos de quartos com banhos privativos, instalação hoteleira de tipo modernissimo e um grande hotel de turismo, um dos mais belos e luxuosos do País, aberto todo o ano e com instalações de um equilibrado modernismo decorativo e todas as comodidades para o hóspede, além de serviços de restaurante e bar. A piscina constitui uma obra de grande interesse turistico, e tendo-se ali realizado diversos festivais, todos eles de nível, mereceu dos presentes, nacionais e estrangeiros, os maiores elogios.

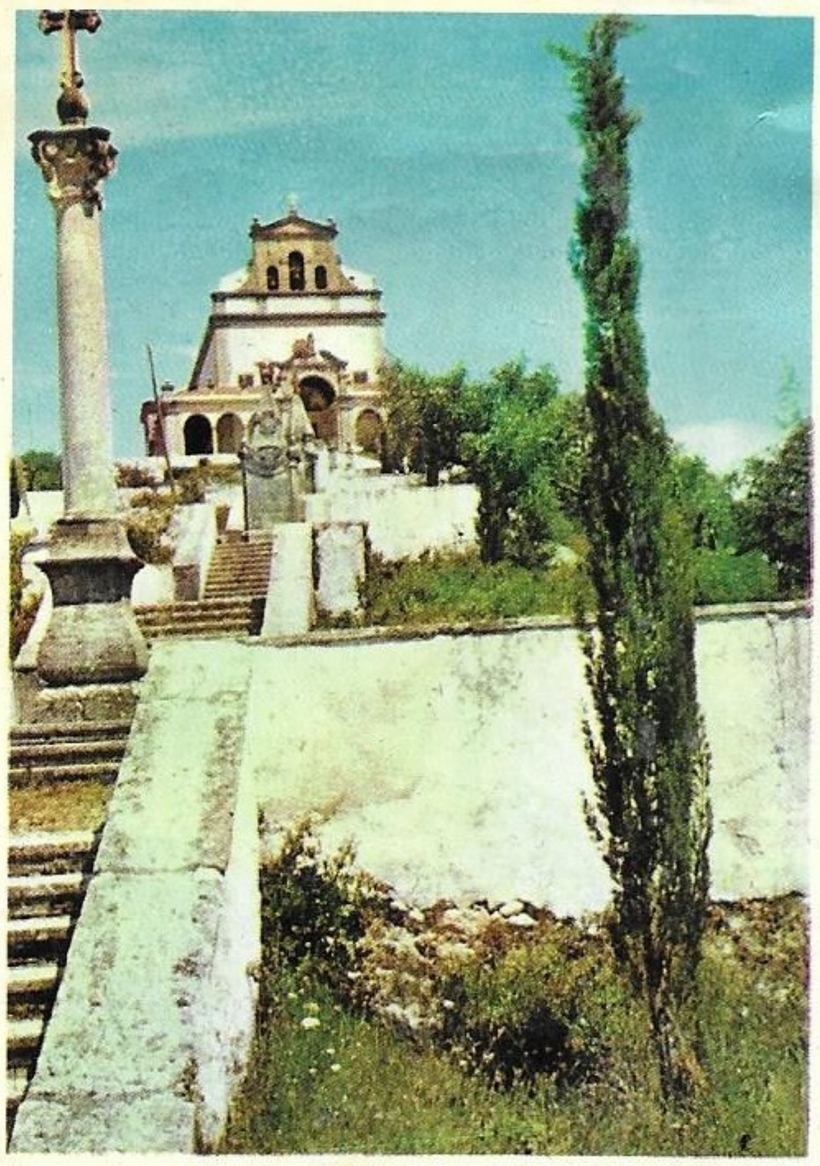
CASTELO DE LEIRIA (1)

O Castelo de Leiria é talvez o monumento mais imponente da nossa grandeza militar medieval. A sua fundação data da primeira metade do séc. XII. O conjunto de edificios, dos quais restam apenas ruinas, nada tem a ver com a primitiva construção que foi ordenada por D. Afonso Henriques. O que de mais caracteristico ainda hoje ali admiramos data do séc. XIV e quando muito dos começos do séc. XV. Sobressaem notàvelmente, entre esse conjunto de desmantelados edifícios, a torre de menagem, trecho mais intacto e grandioso da construção militar; as ruinas da capela de N.ª S.ª da Pena, edifício religioso de puro estilo gótico; e finalmente os muros do palácio, respirando ainda encanto e majestade medieval.



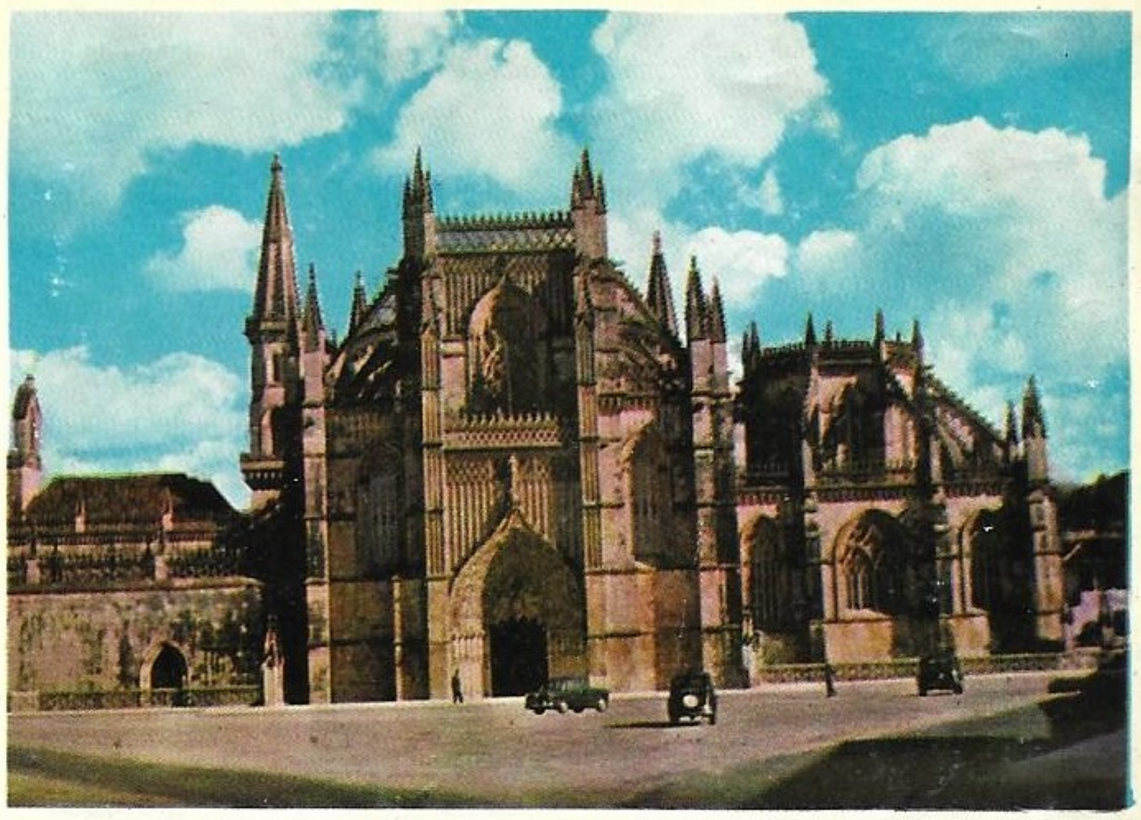
CASTELO DE LEIRIA (2)

Em sequência da legenda anterior, resta-nos acrescentar que na torre de menagem do Castelo de Leiria, diz-nos a data uma inscrição ali colocada, e que as quinas de Portugal e as barras de Aragão encimam em três escudos, atribuindo a sua fundação a D. Dinis em 1324. Quanto à capela de N.ª S.ª da Pena data do tempo de D. João I, e o palácio real não é fácil determinar-lhe a data.



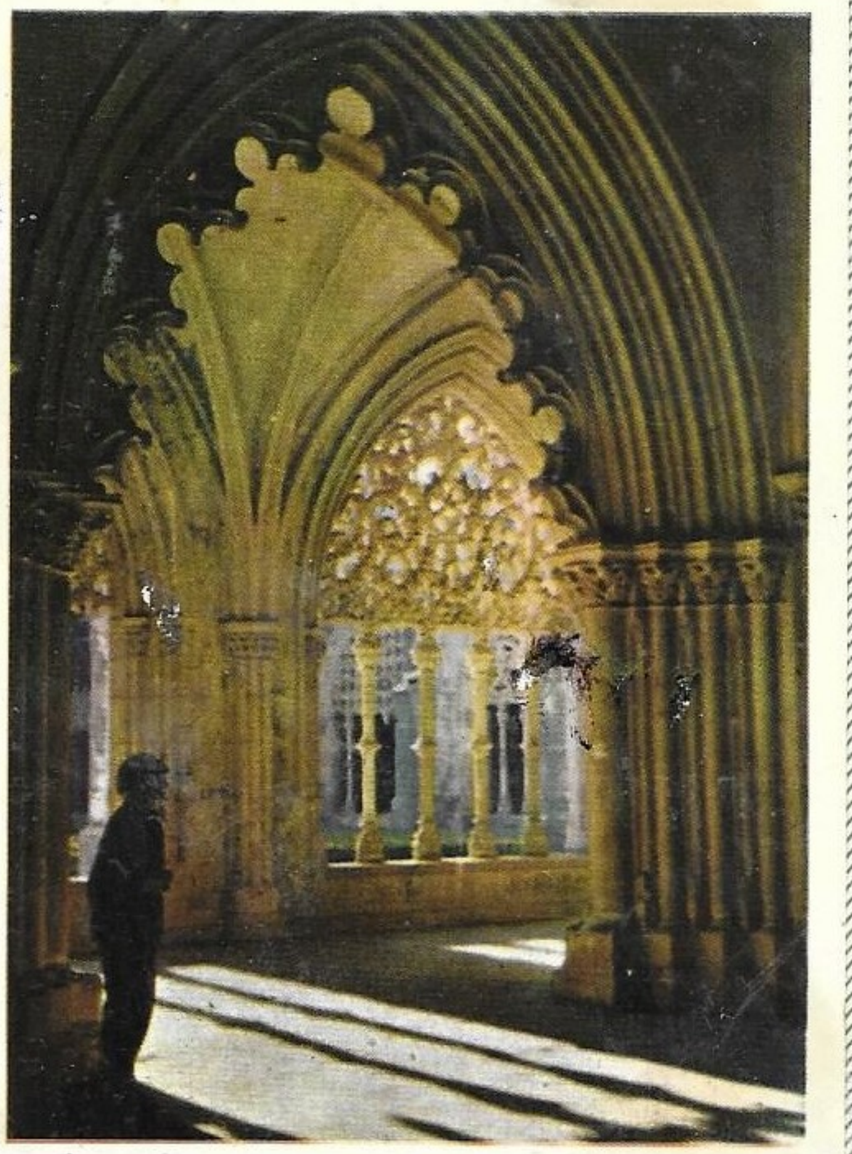
SANTUÁRIO DA NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO (LEIRIA)

O templo assenta no alto de uma colina. Desde o séc. XVI que o santuário se tornou lugar de grande devoção. Na frontaria tem várias inscrições, uma das quais diz que a primeira pedra foi colocada a 24 de Dezembro de 1588, estando presente o Reverendo Cabido, o marquês de Vila Real D. Manuel de Noronha e muito povo.



MOSTEIRO DA BATALHA (1)

Foi no dia histórico de 14 de Agosto de 1385, véspera da Ascensão de Nossa Senhora, que em Aljubarrota e antes da batalha, D. João I, invocando a Virgem, fez o voto de lhe erigir e dedicar um mosteiro se alcançasse a vitória que havia de decidir de uma das mais graves crises da nacionalidade. O voto, cumprido com magnificência, desabrochou num dos mais belos monumentos de Portugal, símbolo da consolidação e da independência da Pátria e obra-prima do gótico florido. Em rigor, não foi edificado no local do combate, mas, como as condições da vida do mosteiro o exigiam, a poucos quilómetros de distância, no fundo do pequeno vale de Lena. A obra só teve início em 1388, levando alguns séculos e empregando diversos arquitectos.



MOSTEIRO DA BATALHA (2)

A obra artística da Batalha pode ser dividida em três períodos: o 1.º é a obra fundamental, gótica, dos reinados de D. João I e D. Duarte (1388-1438); o 2.º a do reinado de D. Afonso V, abrangendo a regência de D. Pedro (1438-1481); o 3.º é, enfim, o período manuelino, em que dominaram Mateus Fernandes e Boytac, nas capelas imperfeitas e no claustro real.

ALJUBARROTA

Antiga povoação com foral dado pelo abade de Alcobaça, em 1316, e renovado por D. Manuel, em 1514. Na rua Direita, atravessada pela estrada, encontramos duas casas bastante pitorescas, uma delas com «loggia» sobre colunas e uma janela manuelina de ombreiras lavradas. No largo principal, a Torre da Câmara e o pelourinho com as armas do Cardeal-Rei D. Henrique. Mais além, a igreja de N.ª S.ª dos Prazeres, um dos mais antigos monumentos das terras de Alcobaça; a porta românica dos fins do século XIII, abre para uma igreja completamente renovada da qual subsiste ainda da edificação primitiva, uma capela romano-gótica. Próximo de Aljubarrota: grutas do Carvalhal, em n.º 43 exploradas por Manuel Vieira Natividade, da época neolítica.

VELHO PESCADOR DA NAZARÉ

As primeiras referências sobre a pesca na Nazaré são de 1643 e em 1870 já tinha considerável desenvolvimento, existindo por esta altura na praia 58 cabanas para arrecadação de aparelhos de pesca. Mas até ao séc. XIX os pontos habitados eram o Sítio e a Pedreneira, onde os pescadores estavam a salvo dos ataques dos piratas argelinos e outros. Os tempos evoluiram, mas mais de metade da população da Nazaré e Sítio é constituída ainda hoje por pescadores e suas famílias, que mantêm as suas características étnicas, mantendo no vestuário, tipos que resistem às influências estranhas.

MULHER DA NAZARÉ

Sobre a mulher de Nazaré, Raúl Brandão escreveu: «Vestem todas de preto. Lenços de pontas caídas; por cima o cabeção da capa de lã, que lhes chega abaixo dos quadris e as resguarda do frio, e sobre a capa um chapéu de feltro grosso com as abas reviradas».

PUXANDO AS REDES (NAZARÉ) (1)

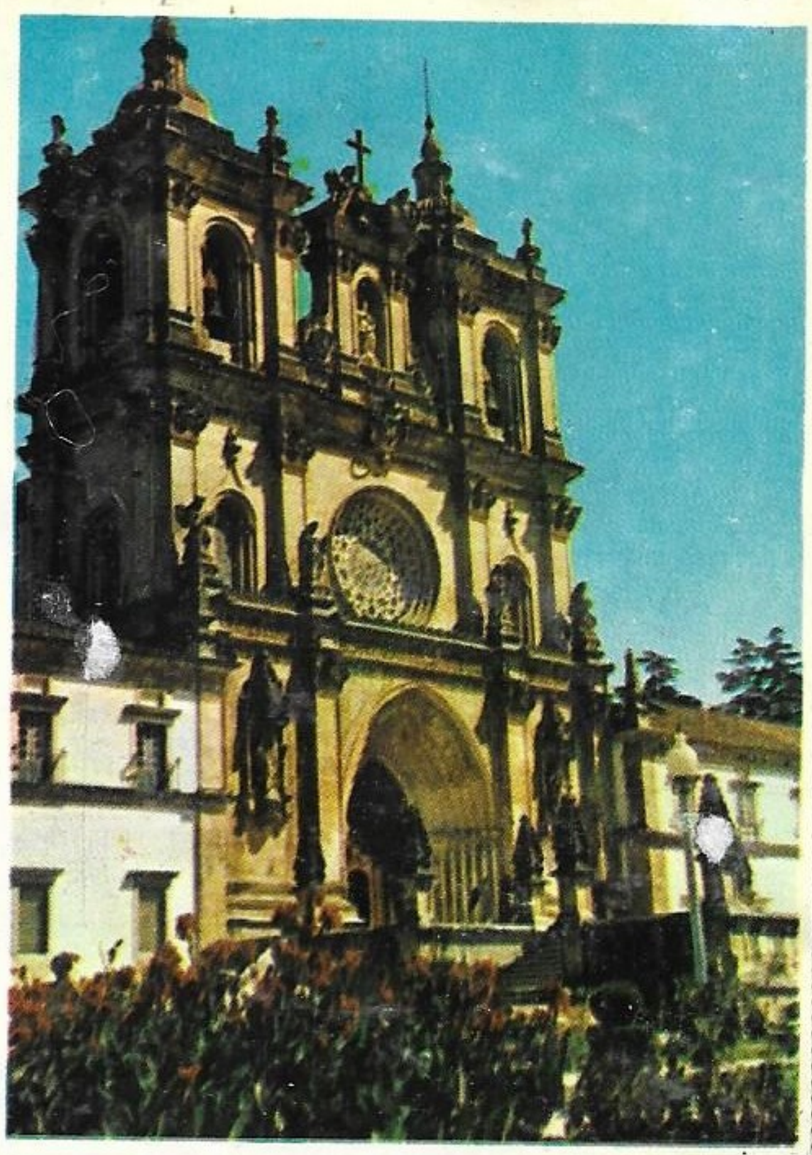
Toda a extraordinária vida do mar está contida nas praias da Nazaré. As mulheres, em grupos compactos, sentadas no areal, manhã cedo, à espera que os barcos cheguem e sejam solicitadas para transportar em passo vivo, ponta de capa entre dentes, as cestas transbordantes de peixe. A lota, barulhenta, onde se comercia o peixe. Os homens sobrecarregados de apetrechos para fins diversos. As cabanas. Ainda as mulheres, escorchando velozmente o peixe ou dispondo sobre os paneiros. A colocação dos aparelhos em becos e recantos...

PUXANDO AS REDES (NAZARÉ) (2)

O fazer do aparelho, delicado e engenhoso para a faina do alto. O alar das redes (puxar as redes) e o aguardar da paga. O enterrar das recoveiras para sobre elas se estenderem a secar as redes. As juntas de bois, membros cobertos de água, a puxarem os botes mar fora. Ou o procurar do raso, momento propício para entrar ao oceano, com os homens empoleirados à ré. Em terra, langorosas, adormecidas, traineiras e barcos ou sobre as ondas às que ficaram ao largo, esguias e bamboleantes. As redes de arrastar, espalhadas por toda a praia. A súplica tão nazarena «Não vás ao mar!», de cruciante dramatismo quando o Oceano embravece e o regresso é problemático.

RANCHO TÁ-MAR (NAZARÉ)

Os costumes da Nazaré: Que riqueza de motivos, paraíso de artistas — poetas, músicos, cineastas — de todos que oriundos de longínquas paragens do mundo, ávidos de beleza e ineditismo, procuram a Nazaré. Poucos lugares de Portugal se orgulham de tão elevada projecção internacional. Nada se lhe compara. Nas festas profanas, numerosas diversões: arraiais, bandas de música, danças folclóricas, corridas de touros, foguetório... O trajo, avesso a influências nefastas, ora policromo, vivo, ora negro, monástico, conservando tipos dos mais belos e ricos do nosso folclore. Os cantares e as danças, com criações próprias. O rancho Tá-Mar, de reportório vastíssimo e opulento, representante único dos costumes nazarenos. As suas exibições granjearam-lhe justa fama no País e no estrangeiro.

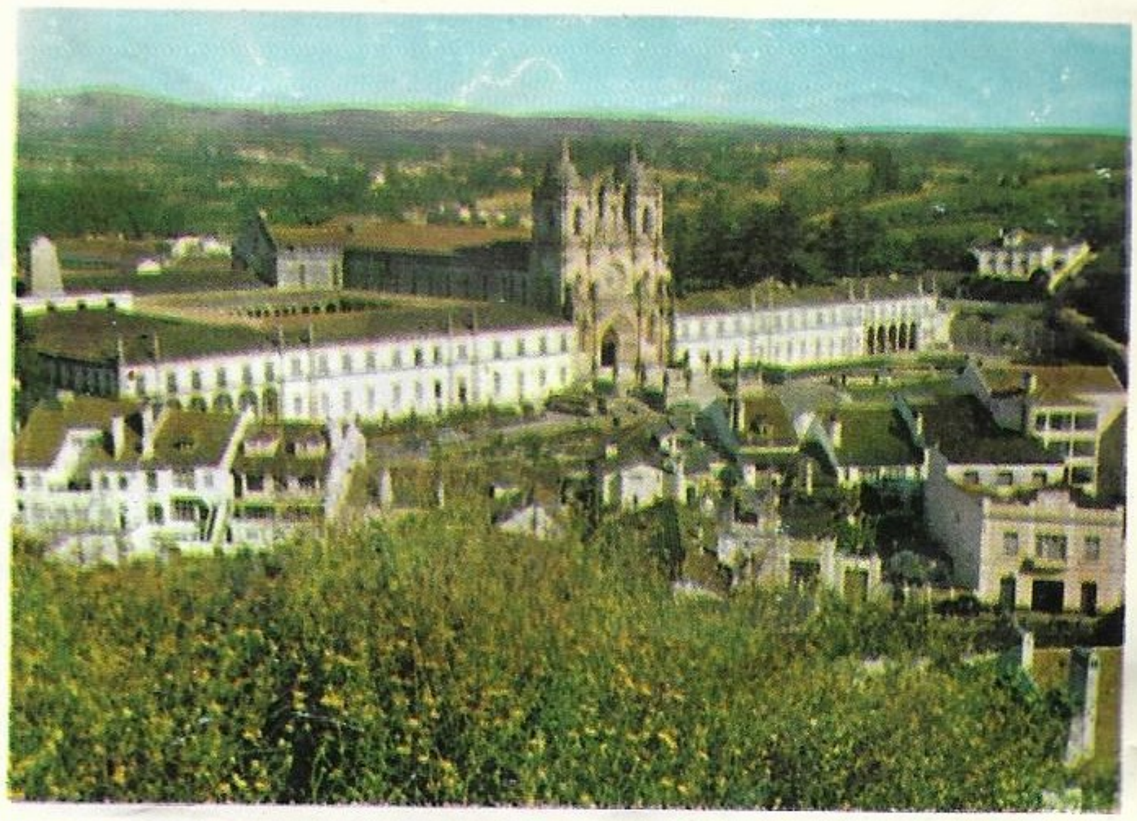


MOSTEIRO DE ALCOBAÇA (1)

A chamada, nas crónicas, Real Abadia de Alcobaça, da Ordem de Cister, é dos nossos monumentos mais evocadores. Foi instituído por D. Afonso Henriques cerca de 1152, chamando para habitá-lo alguns monges da Abadia de Claraval. À primitiva construção sucederam-se as mandadas edificar por D. Sancho I e D. Afonso II.

MOSTEIRO DE ALCOBAÇA (2)

As doações que através dos sucessivos reinados foram sendo feitas pelos monarcas ao Mosteiro de Alcobaça vieram a constituir vastíssimo domínio — «os Coutos de Alcobaça». Tanto que no reinado de D. Sebastião o próprio Mosteiro foi considerado pelo Papa como «cabeça da Ordem de Cristo». O vasto edifício impõe-se por suas proporções e nobres dimensões. A fachada total mede 221 metros. A fachada da Igreja precedida de um elegante adro em forma de cruz coroada de pirâmides acusa a reforma de 1725, de sorte que do gótico primeiro pouco mais resta que o portal dos arcos ogivais de entrada. A remodelação introduziu as estátuas (S. Bento, S. Bernardo, As Virtudes e A Virgem) e rasgou com as janelas o espelho central. A Igreja é a maior de Portugal.



LOIÇAS REGIONAIS (ALCOBAÇA)

O povo português é rico na sua expressão artística. Autor de tantos trabalhos que enchem as galerias de todo o mundo, ele desdobra-se em obras que pela sua ingenuidade, utilidade e características especiais ou inéditas, as tornam desejadas e procuradas. As louças regionais de Alcobaça perdem a sua tradição no tempo. Vêm de longa data as suas condições próprias para a criação de um tipo de louça que tornou a terra tão conhecida. A arte de cunho popular alia-se a um sentido pictórico, que não deixa de encantar pela sua expressão tão rica de conteúdo simples e humano. A louça de Alcobaça merece, por isso, um lugar à parte no programa artístico e regional do nosso País.

MONUMENTO A D. LEONOR (CALDAS DA RAINHA)

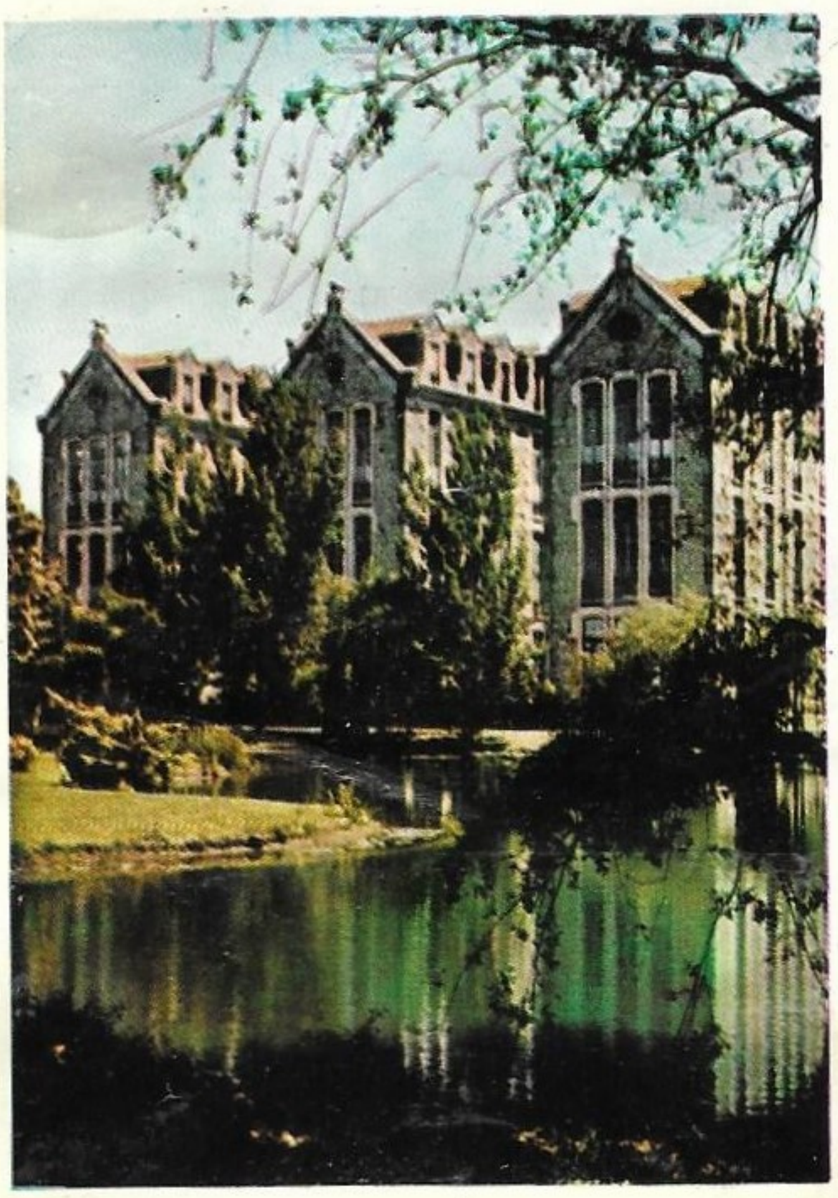
O monumento à Rainha D. Leonor, nas Caldas da Rainha, foi inaugurado em Setembro de 1935. D. Leonor, teve para com as Caldas muitas atitudes cristãs, e entre todas destaca-se o acto de vender todas as suas jóias para construir e sustentar o Hospital das Caldas.

MUSEU MALHOA (CALDAS DA RAINHA)

José Malhoa — José Vital Branco Malhoa — nasceu na então Vila das Caldas, a 28 de Abril de 1855. De condição humilde começou por ser entalhador, para com 12 anos se matricular na Academia de Belas Artes. Concluído o curso, porém, não enveredou pelo caminho da arte, tornando-se caixeiro numa loja de chapéus, explorada pelo irmão numa das artérias da capital... Mas, o ofício comercial não se quadrava ao seu modo de ser, pelo que regressou à Arte. Expõe pela primeira vez em Madrid. Malhoa, que nunca fora ao estrangeiro para aprender, um dia, pintor já consagrado, fez as malas e partiu. Começou pelo Brasil, mas outros países também o puderam aclamar e apreciar as suas obras.

TORRE DOS SINOS (CALDAS DA RAINHA)

Nossa Senhora do Pópulo, outrora capela do Hospital, hoje igreja matriz da vila, exemplo interessante da primeira época de arquitectura manuelina. A igreja foi concluída em 1500, mas já em 1496 a instâncias de D. Leonor, sua fundadora, o Papa concedia indulgência a todas as pessoas que a visitassem em certos dias do ano. É digna de menção a sua torre dos sinos.

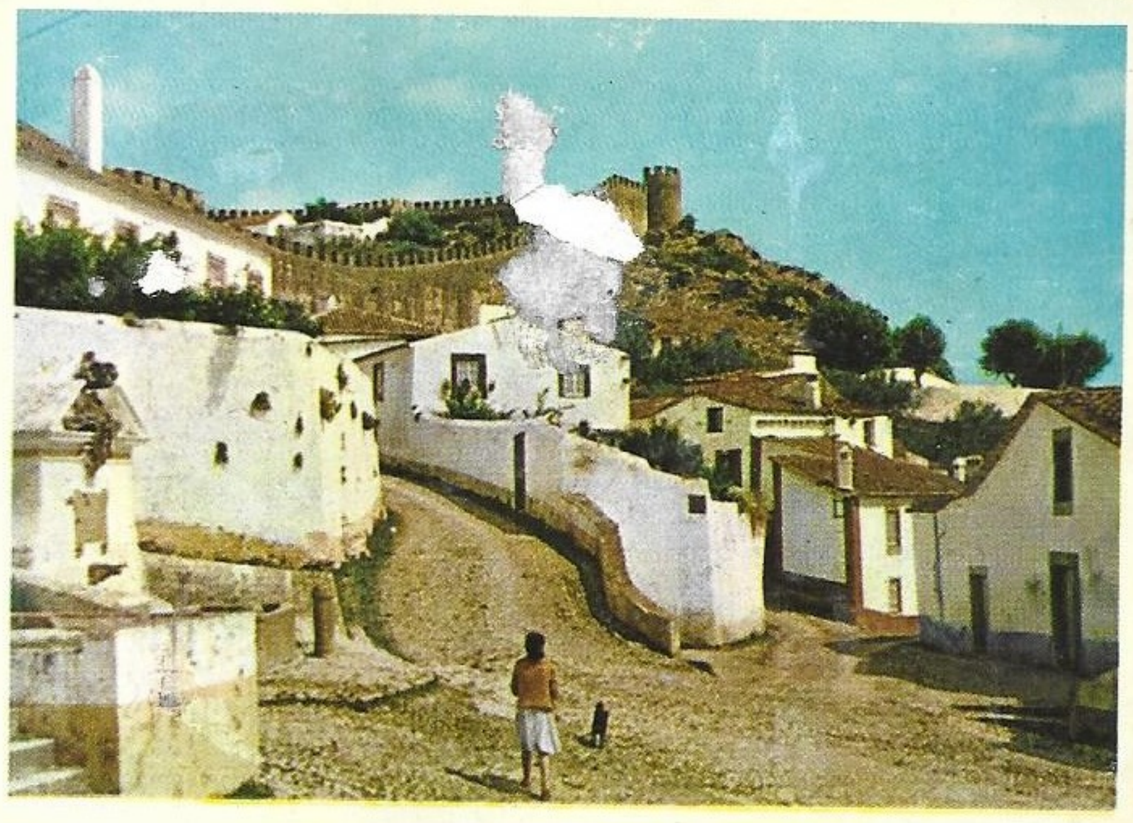


CALDAS

A origem das Caldas prende-se com a do Hospital e o Balneário, tendo sido sua fundadora a benemérita santa D. Leonor, mulher de D. João II. O estabelecimento balnear foi fundado em 1485 à custa das rendas e jóias da rainha, que passando no ano anterior de Óbidos para a Batalha, notava naquele sítio, ao tempo desabitado, uns tanques ou poços de água fervente onde se banhavam várias pessoas e cujas virtudes ela própria experimentou.

ÓBIDOS

Óbidos foi tomada aos mouros por D. Afonso Henriques em 1148. D. Dinis fez doação da vila juntamente com outras terras do reino, a sua mulher, a rainha Santa Isabel, por ocasião do seu casamento. Desde então ficou sendo apanágio da casa das Rainhas até 1833, ano em que foi extinta, juntamente com a do Infantado. Óbidos tem também o seu castelo, que é um dos exemplos mais perfeitos do tipo da nossa fortaleza medieval. A sua construção principal foi talvez ordenada por D. Dinis, mas sofreu importantes reconstruções no reinado de D. Fernando. Óbidos conta ainda, entre as suas igrejas, com a de Santa Maria, cuja fundação é anterior à monarquia. Como hoje se encontra, é uma construção da Renascença. Convém ainda lembrar a Misericórdia local, que foi fundada por D. Leonor.



IGREJA DO SENHOR DA PEDRA (ÓBIDOS)

A igreja do Senhor da Pedra é uma obra do capitão Rodrigo Franco, arquitecto da Mitra no tempo de D. João V, em 1740-47. É uma construção bastante importante, incompleta, de planta hexagonal, com uma capela-mor rectangular, mas o grande interesse que oferece é, exteriormente, a silhueta de aquele torso arquitectónico coroado pela cobertura piramidal de telha vidrada de verde. A forma estranha de algumas janelas que parecem invertidas e o pormenor geralmente grosseiro de toda a arquitectura deixam uma impressão um tanto confrangedora. Na sacristia existem ainda uns seis cadeirões magníficos, forrados de couro de Córdova.

FÁTIMA

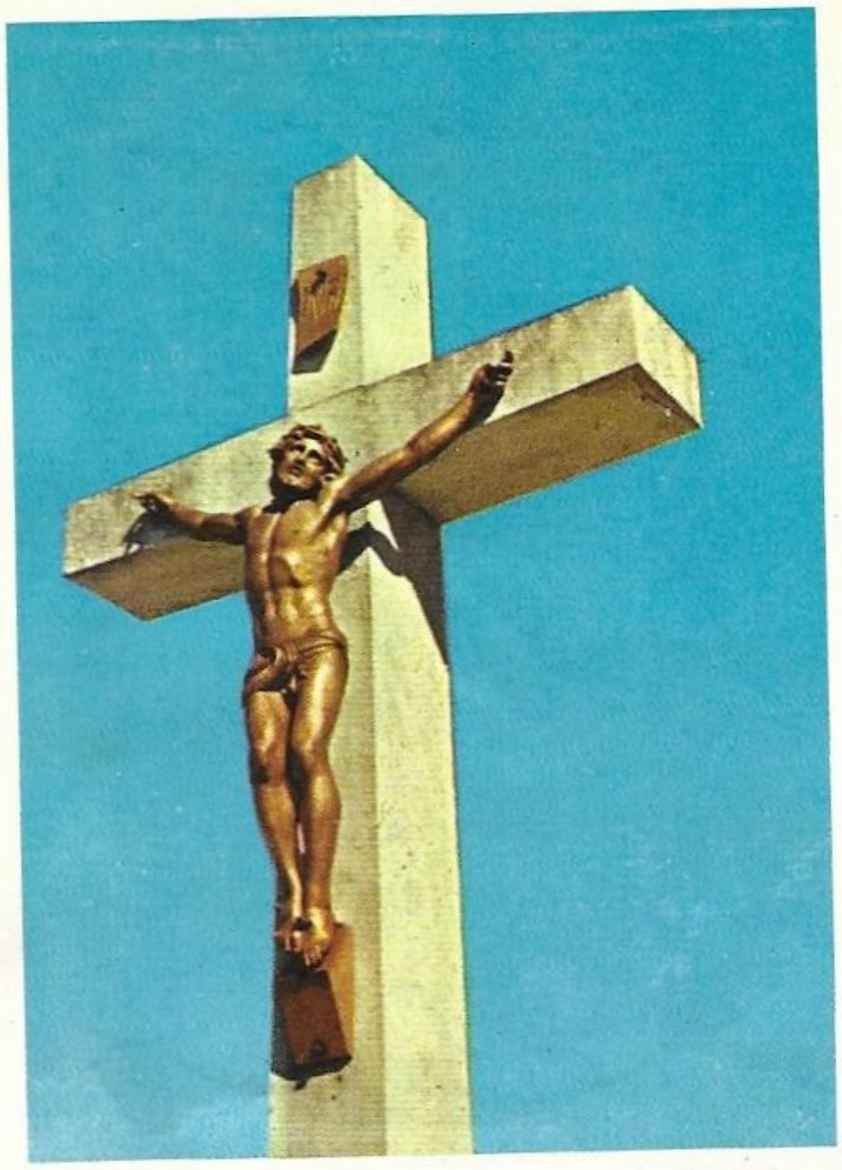
A antiguidade do povoamento no local é atestada pelo próprio topónimo, reminiscência evidente do árabe. Uma tradição local atribuiu o seu nome a uma moura que fora raptada por Gonçalo Herminguez, o Traga-Mouros, e no baptismo trocara o nome de Fátima pelo de Oriana, donde derivaria o primitivo vila de Ourém. A freguesia, porém, foi desmembrada da Colegiada de Ourém, em 1568, e tinha então como orago a N.ª S.ª dos Prazeres. Em 1585 foi anexada ao bispado de Leiria. A freguesia, tal como ainda hoje, era desolada e seca. Em 1917, num dos seus lugares mais ermos e desolados, a Cova da Iria, três pastores foram visitados por N.ª S.ª de Fátima em sucessivas e piedosas aparições.

CLAUSTROS (FÁTIMA)

Em poucos monumentos se poderá encontrar o recolhimento e o ambiente de fé, como nos claustros que em Fátima guardam ciosamente uma mensagem e uma esperança — a mensagem e a esperança que vem de um milagre repetido, e que todos os dias leva ao coração de quem sofre ou anseia pela purificação, uma onda de ternura e confiança.

BENÇÃO AOS DOENTES (FÁTIMA)

Que espectáculo comovente e grandioso é a hora da bênção aos doentes no Santuário de Fátima! O ambiente está impregnado de choros e lágrimas, mas por detrás dessas lágrimas e desses choros persiste uma fé grandiosa, sublime, que traduz na sua força tudo quanto de maior e mais intenso pode dar o espírito humano. As mãos que se erguem à Senhora, as preces que enchem o recinto, e os milagres que se registam ano após ano, mostram que no mundo ainda há quem tenha paz e fé no coração, quem confie nos Supremos Poderes, e quem se oriente dentro de uma norma cristã purificadora.



MONUMENTO A CRISTO-REI (FÁTIMA)

No local das aparições foi construída uma pequenina capela, que foi a porta aberta à construção de todos os edifícios que hoje enchem o vasto recinto, onde milhares de fiéis rezam. No cromo, vemos a reprodução do Monumento a Cristo-Rei, em todo o seu dramatismo.

CONVENTO DE CRISTO (TOMAR) (1)

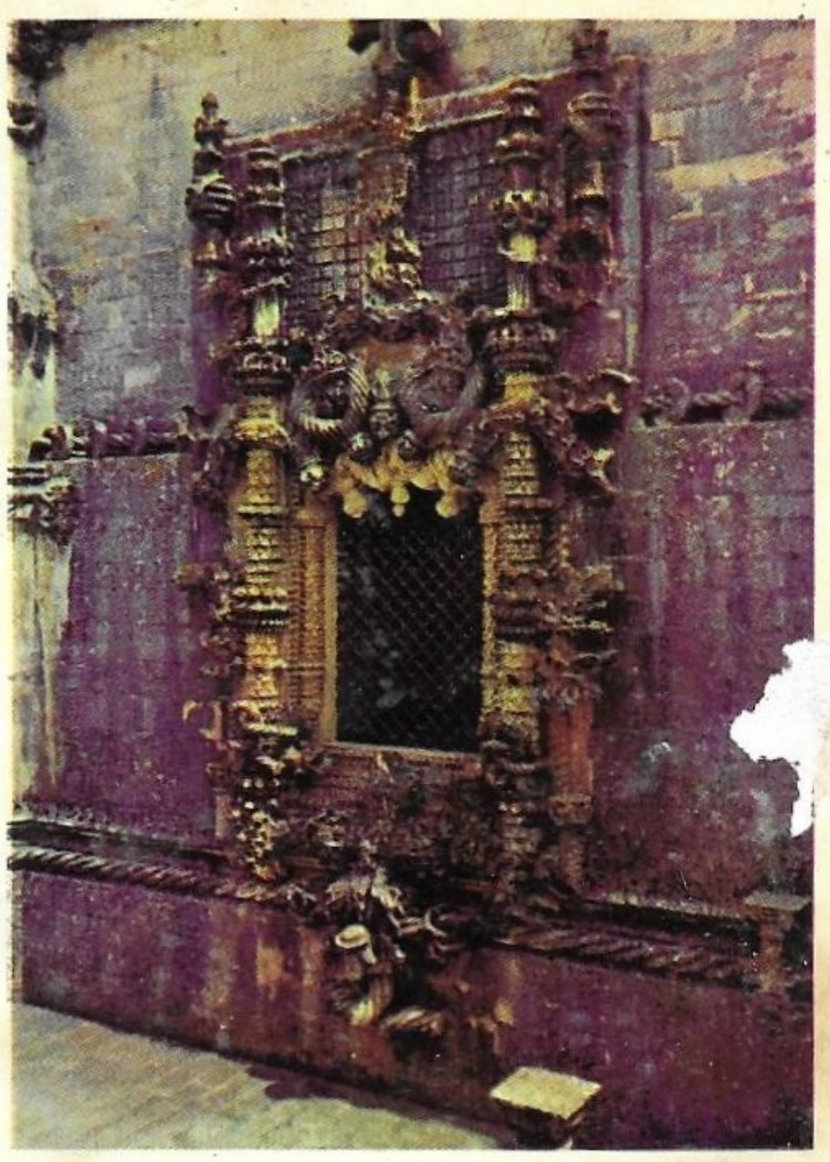
A arte de Tomar é o mais expressivo reflexo da história de duas ordens: a dos Templários e de Cristo, isto é, de dois capítulos essenciais da História de Portugal nos seus períodos heróicos. Este foi um dos centros mais activos de irradiação da fé e do heroísmo cuja força expansiva ajudou a conquistar e dilatar o novo reino cristão. O símbolo religioso de reconquista — obra de Templários e de Cruzados — está em Tomar no monumento que transplantou para o Portugal do séc. XII uma evolução do Templo da Cidade Santa.

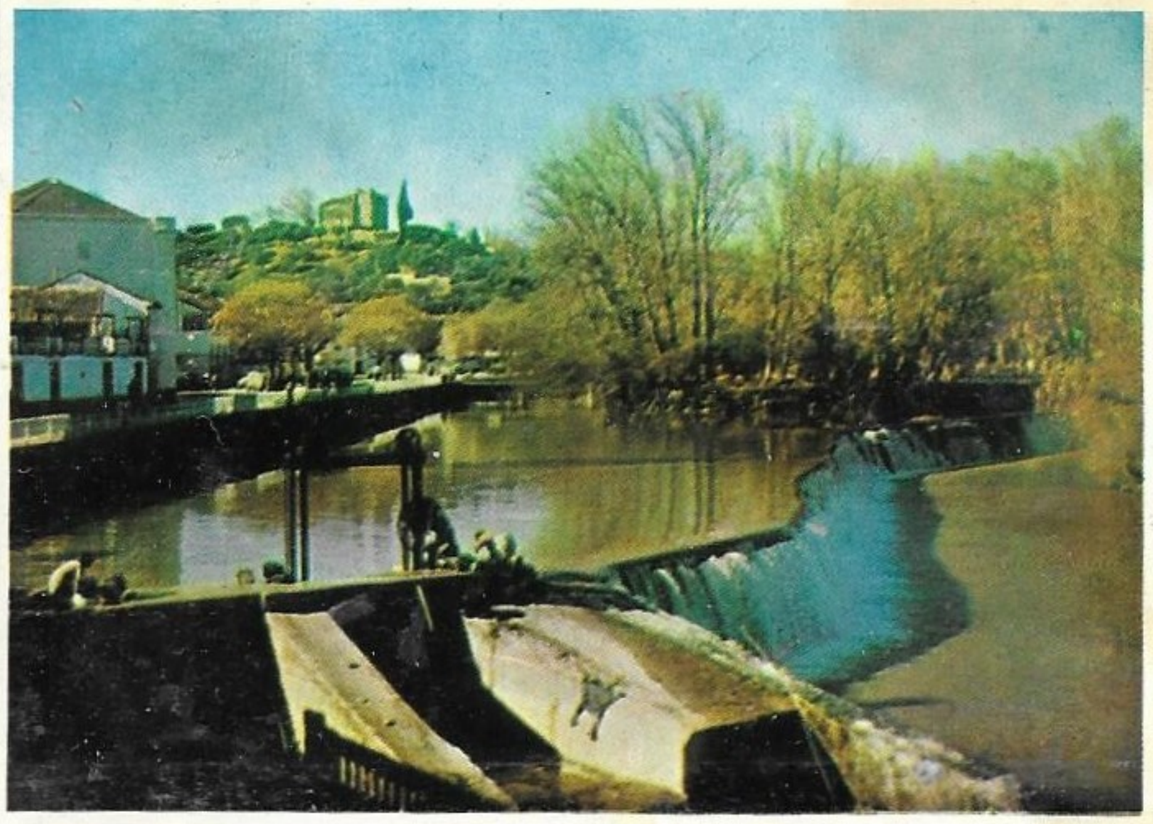
CONVENTO DE CRISTO (TOMAR) (2)

A actual igreja do convento de Cristo não é senão a síntese expressiva e simbólica da sequência dos dois ciclos essenciais da História nacional. Diante deste monumento híbrido impressiona o contraste entre aspectos que exprimem tão eloquentemente duas épocas — a cabeceira românica de muros cerrados sobre o seu mistério espiritual e o portal da nave aberto com magnificências manuelinas realçadas pela platina rosada e loura da matéria em que estão lavradas. A expressão arquitectónica da Igreja dos Templários é a alma mística do cruzado encerrada na couraça hermética do guerreiro. Maravilhosos, o Portal Principal de João Castelho, a Charola, santuário primitivo dos Templários, o Claustro do Cemitério e a sala do Capítulo, em estilo manuelino.

RIO NABÃO (TOMAR)

Tomar fica situada nas margens do rio Nabão, que a divide em dois bairros: para cá e para lá da Ponte. O maior interesse da cidade reside no valor excepcional de sua arte que cobre largo período, desde o românticobizantino da charola hermética dos Templários até ao barroco de S. Francisco, passando pelo gótico primário de Santa Maria, o flamejante de S. João Baptista, o Manuelino da Igreja de Cristo e a Renascença do Claustro dos Filipes e de Santa Iria, e na beleza da sua paisagem, à qual o rio sinuoso e lento, orlado de choupos e salgueiros, dá singular encanto.





JANELA DA CASA DO CAPÍTULO (TOMAR)

A expressão suprema da arte Manuelina encontrámo-la no exterior desta janela. Dela disse Ramalho Ortigão: «É a obra mais enternecidamente portuguesa que jamais realizou em nossa terra o talento de esculpir e fazer cantar a pedra». E Bertaux: «Esta janela, dá a impressão de decorar um palácio submarino».

POUSADA DE TOMAR

Tomar é para todo o português, o lugar de obrigação de peregrinação pois que ignorá-lo é desconhecer um dos pontos do País em que a arquitectura nacional atingiu um dos mais excelsos cumes da sua estranha originalidade e da sua beleza. Tomar é, além disso, um importante centro industrial, abundando nela e nos arredores as fábricas de tecidos, papel, serração, etc. Desde Tomar recomendam-se excursões interessantíssimas como as que se podem fazer às Ruínas de Nabância, ao Prado, à Atalaia, a Pegões Altos com o seu magnífico Aqueduto. É, enfim, um centro de interesse turístico e o SNI mandou ali edificar uma das suas belas pousadas.

TORRES NOVAS

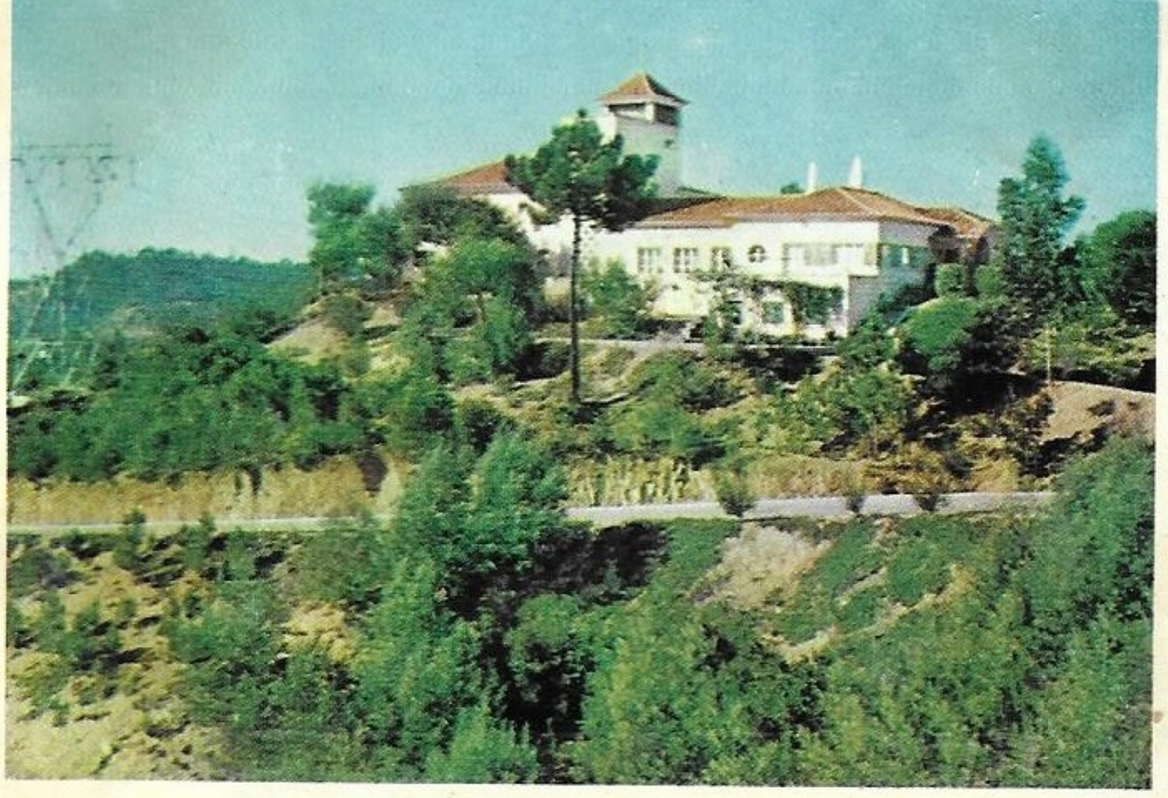
Situada nas margens do Almonda e nas colinas que o dominam, é uma povoação muito industrial. Merecem especial menção os seguintes monumentos: O castelo, de que se conservam ainda algumas torres e lanços de muralhas que foi construído no reinado de D. Fernando I, de 1773-76, pelo arquitecto Estêvão Domingues; a igreja do Santíssimo Salvador, reconstruída no séc. XVII e toda forrada de azulejos seiscentistas. Boa obra de talha nas capelas; a Igreja de Misericórdia que abre por um pórtico de Renascença clássica com colunas jónicas, e interiormente revestida de ricos azulejos do séc. XVII, em dois padrões policromos, belos pela cor, pelo esmalte e pelo efeito decorativo. Estão datados de 1674 sobre a porta da entrada. Também é digno de menção o tecto (1678). E ainda a capela de Santo António.

CASTELO DE ALMOUROL

O Castelo de Almourol, devido ao pitoresco da situação, é único no país. As suas muralhas erguem-se no coroamento da parte rochosa do ilhéu. A sua origem é romana, mas foi reedificado e ampliado em 1171 por Gualdim Pais, mestre da Ordem do Templo. A sua construção é formada por largas muralhas coroadas de ameias, deixando um caminho para os homens de armas; torres e quadrelas com seteiras e ameias servidas por um pequeno pavimento; uma linha de seteiras na face N., a meia altura da muralha, para as quais o acesso era feito por um passadiço apoiado em cachorros ainda hoje existentes: uma escadaria encostada à face N. para dar acesso ao coroamento das muralhas, e onde se distingue, pela diferença dos degraus, a altura dos primitivos muros; a essa torre de menagem com os seus três pavimentos.

POUSADA ((CASTELO DO BODE)

Esta pousada nasceu de um abarracamento onde ficavam os trabalhadores das obras então em curso da imponente barragem ali levada a efeito pelo Estado Novo. Porque o sítio era maravilhoso, a administração resolveu que ali nascesse a pousada que hoje serve de itinerário a muita gente, e que mostra de uma maneira invulgar, a quem passa ali alguns dias, as maravilhas da região, além da majestosa barragem que por si só, deslumbra quem a contempla, na certeza de que constitui uma obra útil para o País. O arquitecto da pousada foi Miguel Jacobety, e a sua inauguração foi posterior à inauguração da barragem, que aconteceu por volta de Janeiro de 1951.



BARRAGEM DO CASTELO DO BODE

Numa ampla albufeira ergue-se a barragem do Castelo do Bode, uma das grandes realizações do Estado Novo, que para além da sua grande utilidade prática e consequentes características económicas — não esqueçamos o impulso que trouxe à economia da Nação, e mais ainda ao bem-estar das populações, que muitas foram as que beneficiaram desta barragem. Princípio de uma obra de engrandecimento, a barragem do Castelo do Bode tem ainda a notificá-la a grandeza da construção e a beleza do traçado, constituindo motivos de excursões, e de orgulho nacional.

ABRANTES

A fresca Abrantes, como lhe chamou Camões, encontra-se situada num monte da margem direita do Tejo, que domina todo o vale desse rio, desde Alvega a Constância. Destacam-se pela sua importância a Igreja da Misericórdia, cuja porta lateral, no estilo da renascença de Coimbra e Tomar, está datada e assinada por Gaspar Dinis, 1548; a Igreja de S. João, fundada pela Rainha Santa Isabel, em 1300, e elevada a paróquia por D. Afonso V, em 1326; a igreja de Santa Maria do Castelo construída por D. Afonso II, em 1215, muito danificada por um terramoto em 1429, foi reedificada em 1433 por ordem do alcaide-mor, D. Diogo Fernandes de Almeida; Torre de Menagem, edificada por D. Dinis em 1303, à altura de 213 m e do cimo da qual se desfruta um dos mais vastos e variados panoramas.

CAMPINOS (RIBATEJO)

A indumentária tão típica do campino, tem-se vindo a simplificar, e hoje surge apenas em todo o seu esplendor nas paradas regionais ou lides da arena. É, todavia, uma obra-prima de cor e uma maravilha de adaptação à vida do campino na lezíria, que é uma espécie de toureiro permanente, e ao mesmo tempo um drama emocionante em que ele, o touro, o cavalo, o sol e a água são os personagens primaciais. Na cabeça, o «barrete» de lã verde, a gorra pigia debruada no rebordo de uma orla ou «carapinha» encarnada. A camisa de algodão branco, bordada, com o colarinho de volta preso por botões de guizo em filigrana de oiro. Colete encarnado de ramagem. Os botões deste, são de vidro. A «jaleca» é curta, com botões de metal, por vezes prata. Meias de lã bordadas a agulha, subindo até onde desce o calção.

MONDADEIRAS (RIBATEJO)

Quem não conhece as mondadeiras, essas mulheres que se curvam pelo solo, e dão à paisagem alentejana uma cor e uma alegria especial? A monda é a operação cultural que entra na categoria dos «amanhos» ou «granjeios», e consiste na supressão, normalmente por arranque pela raiz (a partir de plantas novas e com solo um tanto humedecido), da vegetação espontânea, leva a purificação ao solo que lhe dá o sustento. Tal labor não podia deixar de contar com uma tradição folclórica, que se traduz no Ribatejo pelo trajo apresentado no cromo.

RANCHO DE AVIEIROS (RIBATEJO)

O Rancho de Avieiros é o rancho dos pescadores do Tejo, autêntico sósia dos Ranchos da Nazaré. Com os mesmos trajos tão tìpicamente conhecidos como da Nazaré, eles constituem uma das expressões folclóricas mais conhecidas no estrangeiro. Seria quase como que dizer que o Rancho de Avieiros é um bocado da Nazaré incrustado no Ribatejo. Os seus êxitos pertencem aos ranchos nazarenos, assim como os destes lhes pertencem a eles próprios, numa intercomunhão de sensibilidades e valor artístico. O rancho foi fundado em 1959, e teve como primeiro director o sr. Celestino Pedro Loures da Silva. Nesse mesmo ano participou com grande êxito num Festival na Figueira da Foz e outro na Feira do Ribatejo.

FOLCLORE DO RIBATEJO

O termo folclore foi empregado pela primeira vez por Adolfo Coelho na «Revista Ocidental», e depois Consiglieri Pedroso procurou nacionalizá-lo. Em Portugal, o folclore — ciência das tradições, dos costumes, e das artes populares — começou a ser estudado no séc. XIX. O Ribatejo está prenhe de tradição, e na sua vida e nos seus costumes, o folclore desabrocha em beleza.

IGREJA MATRIZ DA GOLEGÃ

A Golegã é uma das mais importantes povoações agrícolas do Pais. Os seus campos são bem conhecidos pela sua riqueza e pela beleza caracteristica das planícies argilosas. Na vila ergue-se a Igreja Matriz manuelina, dos principios do séc. XVI. A porta principal, ricamente esculpida, tem a exuberância túrgida própria do estilo.

TORRE DAS CABAÇAS (SANTARÉM)

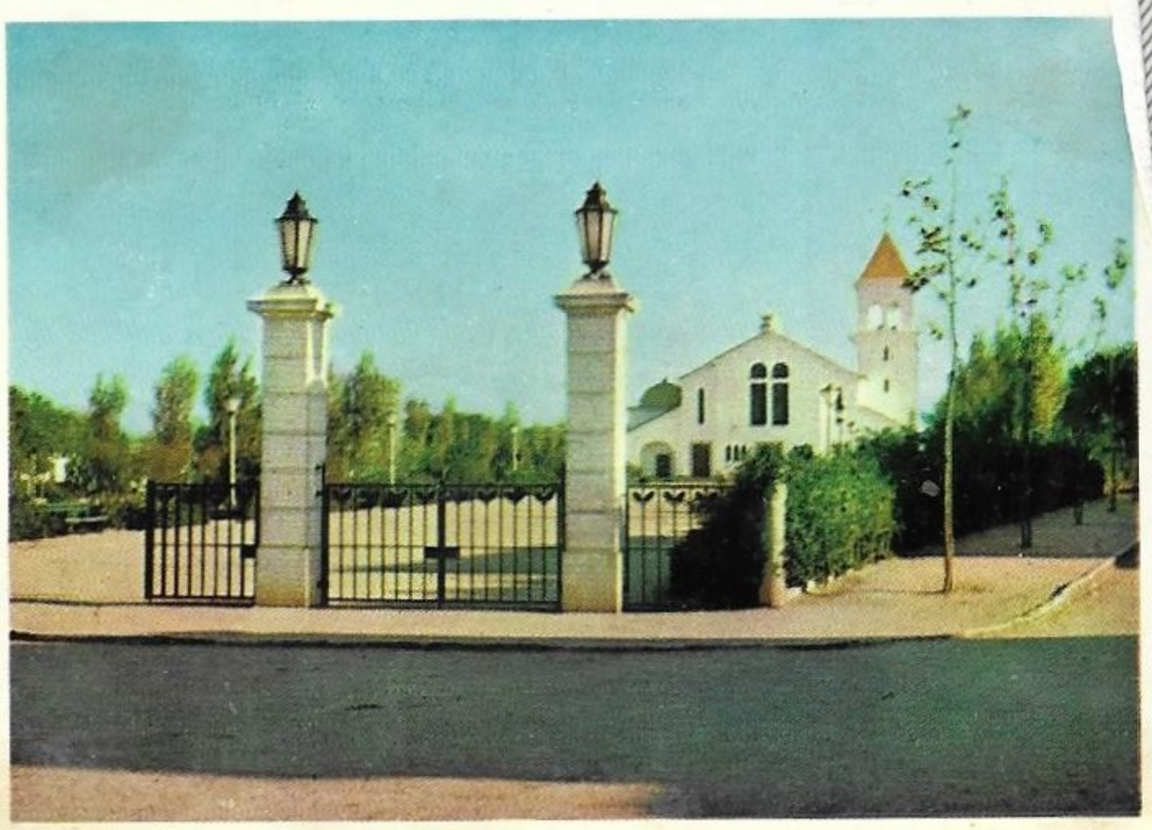
Ao lado da veneranda Igreja de S. João de Alporão, ergue-se o paralelepipedo de alvenaria, de 22 m de altura, furado ao alto da ventana, conhecido pela designação tradicional de Torre das Cabaças, nome que ela tira de um sino que tem no terraço superior, suspenso de uma trempe de ferro e com um cortejo de púcaros de barro destinados a aumentar e a propagar, pela sua vibração, as ondas sonoras sobre Santarém e o espaço imenso que cobre a vasta planície ribatejana.

CAPELA (BENAVENTE)

Sede de Concelho e de Comarca do distrito de Santarém é importante como centro agricola. Era a antiga «Aurélio Pretório» dos Romanos. Tomada aos mouros por D. Afonso Henriques em 1147, foi reedificada e repovoada por D. Paio, bispo de Évora, em 1200. O seu foral novo é de 1516. Do antigo palácio real e da tapada não restam vestigios. Ao norte da povoação, o Calvário, com um cruzeiro de 1644, e donde se domina um belo e dilatado panorama. No cromo figura uma imagem da Capela.

IGREJA DA GRAÇA (SANTARÉM)

Fundada em 1380 pelo Conde de Ourém, D. João Afonso Telo de Meneses, para os cónegos regrantes de Santo Agostinho, é um dos mais curiosos edificios de Santarém. O exterior tem dois elementos ogivais de uma grande pureza de linhas, e o portal, símile do da Batalha. Aqui, em campa rasa, está sepultado Pedro Álvares Cabral, com inscrição em caracteres góticos.



CASTELO DE VIDE

Sob o ponto de vista das belezas de paisagens e do pitoresco evocativo dos seus velhos arruamentos, Castelo de Vide é uma das povoações mais notáveis do País; levanta-se em frente à Serra de S. Paulo, numa situação óptima que junto à abundância de água lhe valeu o nome de «Sintra do Alentejo». Cheia de interesse arqueológico e de carácter, muitas das suas ruas conservam-se absolutamente intactas desde os séculos XV e XVI. Nas ruas íngremes e tortuosas da parte alta da vila e do castelo se observa ainda o mais importante conjunto de portas ogivais hoje existente no País. Algumas delas denticuladas e ornadas de bolas, outras de imposta lavrada, e ainda outras mais simples, rectangulares na escala humana. É a vila dos séculos XIV, XV e XVI perfeitamente conservada, num conjunto único no País.

CAPELA E TORRE (NISA)

Conhecida no Alto Alentejo por Corte de Areias. Em Nisa vêem-se ainda os restos das muralhas, em que se abrem ainda dois arcos, ambos do século XIV. Próximo da primeira, quase intacta, uma torre. O castelo foi edificado por D. Dinis em 1290-96, depois de destruída Nisa-a-Velha.

MARVÃO (Castelo)

Marvão fica situada no cimo de um monte escarpado, o «Herminio minor» dos romanos. De origem talvez mourisca, Marvão foi logo considerado pelos nossos primeiros monarcas, após a sua conquista em 1116, lugar militar importante, reedificado e ampliado por D. Sancho II, que deu o primeiro foral à vila em 1226, e mais tarde, em 1299, por D. Dinis, começou o castelo a desempenhar um papel importante em todas as guerras que se travaram na fronteira e nas lutas liberais e miguelistas. A tomada da praça pela Legião Patriótica muito contribuiu para o triunfo do exército liberal. A Marvão está ligada a memória do estadista Mouzinho da Silveira, que ali exerceu o lugar de juiz de fora.

POUSADA DO MARVÃO

Aproveitando a grandiosidade panorâmica, o Estado Novo, através do SNI, e numa tentativa para um desenvolvimento efectivo do turismo em Portugal, mandou edificar em Marvão uma pousada, dotada de todos os requisitos de comodidade. Assim, constitui-se a possibilidade de uma visita demorada a Marvão, para se admirar, por exemplo, pelos lados de N., S. e O. todo o monte de rocha viva, cortada a prumo sobre um vale profundo, de penhascosa penedia. Pelo lado E., na parte que defronta com a Espanha, a vila poderia ser entrada, e foi, pois, aí que levantaram a formidável fortaleza. Mas não esqueçamos o ar, duma pureza inexcedível e ainda o impressionante panorama que se descobre da torre de menagem do seu castelo, que não só é um dos mais belos do Alentejo, como de Portugal e da Península.

MERCADO (ESTREMOZ)

Estremoz é uma das mais ricas vilas do País e a mais linda e airosa do Alentejo. Da estrada avista-se logo a maior parte da vila com o seu alvíssimo casario, os campanários das suas igrejas e o do castelo ao alto dominando tudo. Estremoz tem sido sempre a vila de maior importância militar e política em toda a região fronteiriça. A região é ubérrima, rica de montados, de vinhedos e olivais e tão mimosa de hortas e pomares que, compartilha com Castelo de Vide, o nome de «Sintra do Alentejo». Uma das suas tradicionais riquezas é a opulência do famoso mármore de Estremoz, branco, muito puro. Estremoz é constituída por duas partes distintas: a vila velha de acentuado sabor medieval e a vila moderna, em baixo com amplas ruas, avenidas e praças cujos edifícios de gosto regional lhe dão muita graça.

BORBA

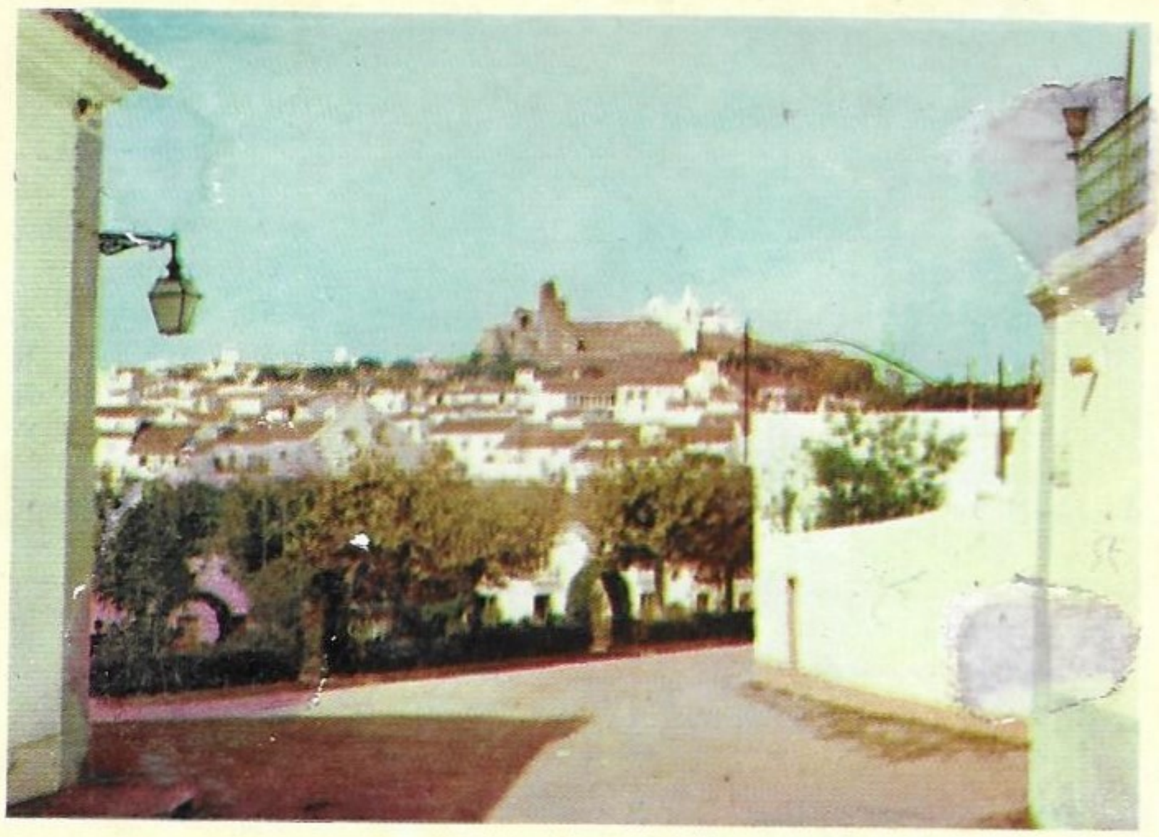
Borba está numa das zonas de refrigério e num dos pequenos oásis do Alentejo, podendo ser citada como uma das terras mais pitorescas do País. A proximidade das célebres pedreiras de montes claros, deu-lhe mais ainda que a Estremoz um alvo esplendor de mármores.

TERREIRO E PAÇO DUCAL (VILA VIÇOSA)

O terreiro é um vasto terraplano de 137 metros de comprimento no sentido E.-O., por 115 de largura N.-S., ladeada pela Igreja dos Agostinhos, Palácio dos Bispos, Templo das Chagas, Palácio Ducal, Torre da Capela e pelo Jardim do Bosque ou das Damas onde as senhoras da corte assistiam às Justas e Torneios. O Paço, solar definitivo dos Duques de Bragança, foi erigido em 1501 pelo Quarto Duque D. Jaime na sua Horta de Reguengo, indo habitá-lo no ano seguinte com sua primeira mulher que ali devia morrer às suas mãos. O exterior do palácio é importante com as suas fachadas de mármore no mais sóbrio e equilibrado estilo do Renascimento do princípio do séc. XVII.

INTERIOR DO PALÁCIO (VILA VIÇOSA)

O mobiliário é quase todo do tempo de D. Luís e de D. Maria Pia, dos famosos panos de rás, guadamecins tapeçarias que revestiam as câmaras por ocasião das festas e recepções que fariam a fortuna da Galeria mais faustosa da Europa, uns foram levados por D. João IV para o Paço da Ribeira e ali destruídos pelo terramoto, e outros para o Brasil por D. João VI. De tanta riqueza sobrevivem algumas belas tapeçarias francesas e flamengas que foram ainda um dos mais notáveis conjuntos existentes no País. Merecem especial menção a sala dos Duques, sala das Virtudes, sala Hércules, sala de Bilhar, sala de Jantar (representada no cromo), ornadas com armações de veado nas paredes, armaria, aposentos régios, e sala de Medusa.



MONTEMOR-O-NOVO

Destaca-se pelo seu interesse arqueológico, em Montemor, o antiquíssimo castelo que ao Sul domina de grande altura a povoação. Ao Norte, para o lado da vila, a Torre do Relógio, a Este e a Oeste, respectivamente, duas fortíssimas torres, a de Má Hora e a do Anjo; ao Sul, as ruínas do Palácio do Alcaide com as suas altas muralhas em quadrado, fortalecidos os ângulos por fortes cubelos. Das construções que se erguem dentro da cerca da muralha, restam apenas duas ou três igrejas desmoronadas, de paredes hiantes, e o mosteiro de Nossa Senhora da Salvação. Na vila baixa citaremos as duas inscrições embebidas no chafariz e na parede fronteira à câmara. O convento de S. João de Deus, erigido em 1625.

ERMIDA DE S. BRÁS (ÉVORA)

Edificada após 1482 no reinado de D. João II, sendo a licença para a construção, no antigo outeiro de Corredoura, do ano 1480. É um exemplo notável do carácter atarracado que a arquitectura gótica tomou por vezes entre nós e que se acha repetido em vários pontos do Alentejo. Fortes bataréus cilíndricos sobrepujados de coruchéus, como os da Sé. No extremo, alpendre ameado como o resto do beiral assente sobre arcos ogivais. Estas ameias são do tipo chanfrado corrente na maior parte dos edifícios de Évora (Sé, São Francisco, etc.) e característico da arquitectura dos séc. XV e XVI. No extremo Oeste, cúpula coberta de telha em linhas radiadas a modo das cúpulas bizantinas do séc. XII. A porta e janelas de entrada (Oeste) são recentes (séc. XVIII). Por fora havia um friso com os escudos de Portugal.

ARRAIOLOS

Nos princípios do séc. XIII já existia a povoação então denominada Arraiolos. O seu primeiro foral foi-lhe dado por D. Manuel em 1511. Nos séc. XVII e XVIII, escreve Fialho de Almeida, «tivemos em Arraiolos uma indústria caseira de tapetes fabricados à mão pelas mulheres a duas ou três cores de lã e mais ou menos inspirados sobre padrões de tapetes persas. O ponto de tapeçaria é muito simples, hieroglífico, amarelo em fundo azul ou fundo verde, com ramaria e florões de corte extravagante, cercaduras de pássaros hieráticos, mas tão originalmente decorativos que ainda hoje seria um gosto raro armar com panos de Arraiolos as recâmaras e salões de qualquer casa portuguesa...» Entre os seus monumentos destacamos a Igreja da Misericórdia, o pelourinho da vila, e finalmente, o velho castelo do tempo de D. Dinis.

TEMPLO DE DIANA (ÉVORA)

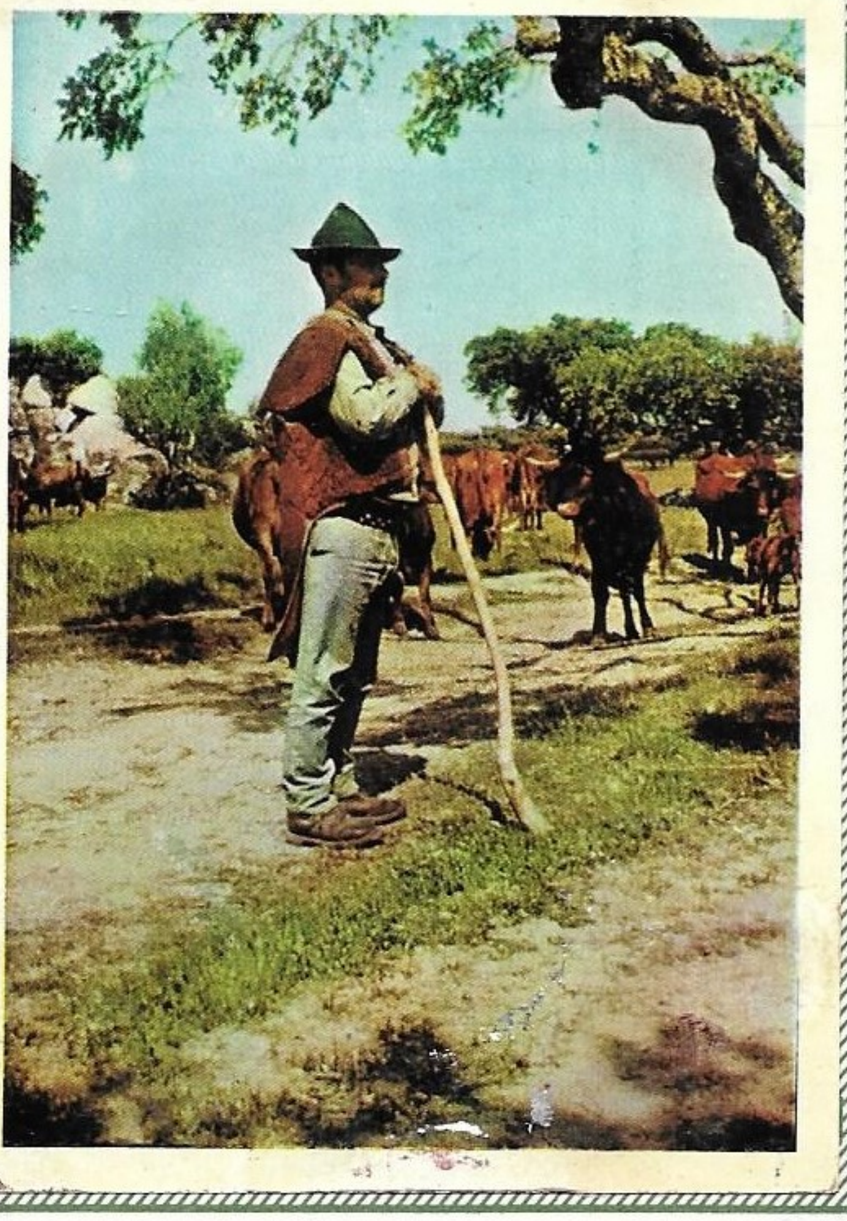
O Templo Romano, vulgarmente designado por Templo de Diana (embora se desconheça a que divindade era dedicado), é único no género e uma das mais bem conservadas ruínas romanas em toda a Península. É uma combinação de robustez e de graça, que havia de ficar tradicional na arquitectura da região. É atribuída ao fim do século II ou começo do século III. Assente sobre um envasamento de silharia, ergue-se uma colunata coríntia completa na face Norte incompleta, nas Este e Oeste. A colunata Sul desapareceu completamente. Sobre todas as colunas completas que medem $7^{m},68$ de altura firma-se ainda parte da arquitrave. Os fustes são de granito. As bases e capitéis coríntios de mármore de Estremoz.

LÓIOS (ÉVORA)

Também conhecido pelo nome de S. José Evangelista, mosteiro construido de 1485-91, em chãos doados por D. João II, em 1493. Sob um alpendre abobadado do séc. XVI, um portal ogival com arquivoltas todo de granito, excepto os lustres, que são de mármore; à esquerda, escudo dos duelos sob um dossel gótico (D. Afonso V).

CHAFARIZ QUINHENTISTA DA PRAÇA DO GERALDO (ÉVORA)

O ponto central da cidade é um dos lugares do País mais rico de sugestões históricas. Era aí onde ainda no século XVIII se erguiam o pelourinho e os Paços do Concelho e no século XVI um sumptuoso arco romano de colunas corintias, uma fonte de mármore mandada levantar por Afonso V e a ermida gótica de Santo Agostinho. O arco romano foi mandado demolir em 1570 assim como a ermida gótica e o chafariz para ser edificado o templo de Santo Antão. Era esse arco uma das mais famosas peças dos romanos que se conservavam não só na Península como em todo o mundo: era composto de três Arcos Triunfais e ocupava toda a largura de praça, que conserva certo carácter com a sua arcaria medieval.



PASTOR ALENTEJANO

O pastor, beduíno destes desertos, vivendo uma vida de nómada sob as inclemências do sol e dos relentos — com a sua samarra de pele de ovelha, o pelico e os safões, espécie de calças abertas ligadas por presilhas e que descem até à barriga das pernas, e o cajado com que impele os seus rebanhos pela amplidão da charneca.

FERREIRA DO ALENTEJO

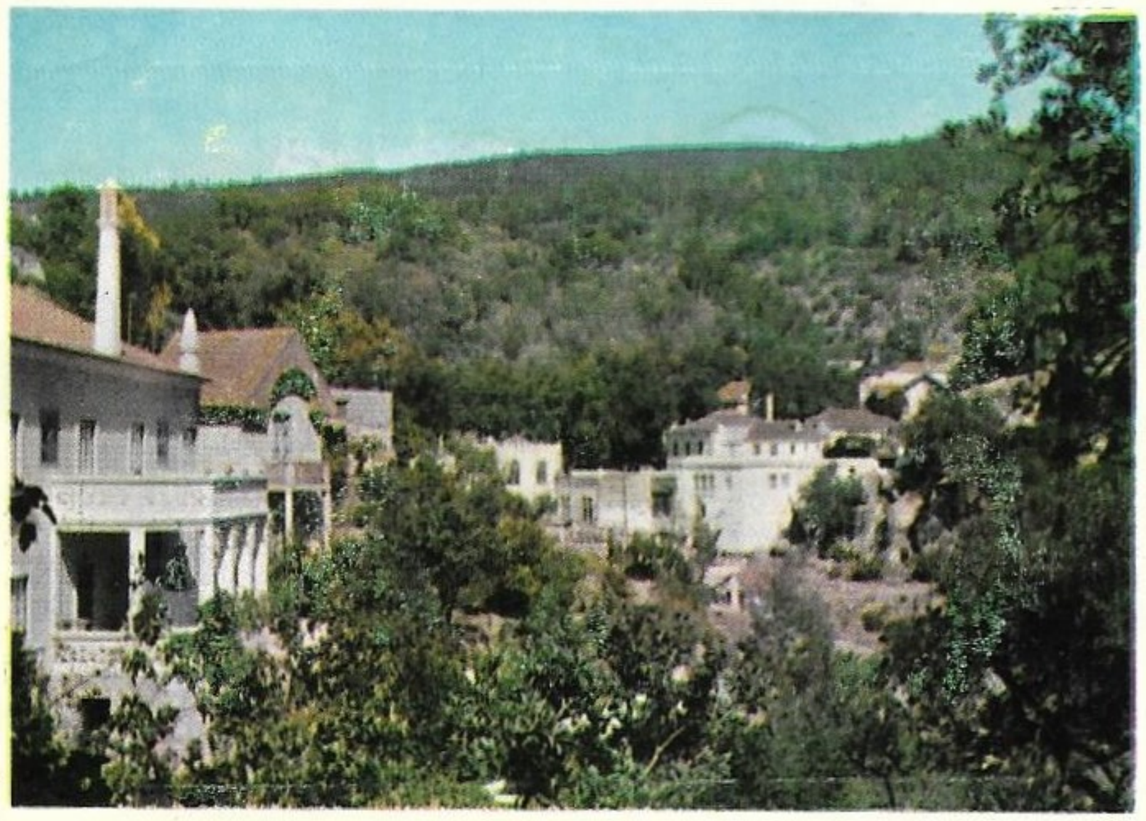
De destacar nesta típica vila alentejana a Igreja Matriz com a interessante abóbada artesoada do Baptistério. No altar de Nossa Senhora da Luz uma tábua do séc. XVI, a sepultura de João de Sousa e sua mulher com inscrição gótica e os brasões metidos em molduras lavradas. A Igreja do Espírito Santo com um belo portal manuelino e em frente dela, no cunhal duma parede, tampa de sepultura romana cupiforme. A Igreja da Misericórdia de abóbada reticulada (séc. XVI) e com um retábulo de tábua (com cenas da Vida de Cristo e da Virgem) proveniente da Igreja do Espírito Santo. Nas proximidades de Ferreira destacamos a Charneca da Asseiceira e o planalto das Neves, «ponto de vista impressionantíssimo pela largueza e pela solenidade».

TORRE DE MENAGEM (BEJA)

A Torre de Menagem com 40 metros de altura, em mármore, foi edificada por D. Dinis em 1310. Robusta mas airosa, com janela geminada ogival em cada face, a sua linda tribuna apoiada sobre uma fiada de cachorros que se ligam à muralha numa curva elegante, as aberturas redondas dos matacães e a coroa de ameias piramidais que rematam o edifício, fazem dela uma das mais belas de Portugal. Várias portas ogivais e uma escada gótica de chave, em caracol, com 183 degraus de cantaria, leva-nos ao mirante erguido no cimo da Torre. Três andares e em cada um, uma sala de abóbada retesoada. Beja, antiga Pax Júlia, possui valiosos restos romanos atestando a sua velha magnificência. Entre os seus monumentos post-romanos destacaremos o mosteiro da Conceição e a Igreja de Santa Maria.

RIO MIRA (ODEMIRA)

Odemira, na margem direita do rio Mira, entre o Cerco da Cabeça Gorda e os dos Pinheiros, é povoação importante e um dos mais notáveis centros corticeiros do País. Tomada aos mouros em 1166, D. Afonso III deu-lhe foral em 1250, renovado por D. Manuel em 1510. O rio Mira, que nasce na serra do Caldeirão, rega belas várzeas cultivadas próximo de Odemira, e nas encostas menos declivosas, olivedos e cereais. Seguindo o curso do Mira, chega-se a Vila Nova de Mil Fontes. Ali o Mira alarga-se consideràvelmente para formar um lindo porto. «É esta uma Terra verdadeiramente encantadora, com as suas casas pequenas e muito caiadas, levantando-se sobre o espelho claro do rio».

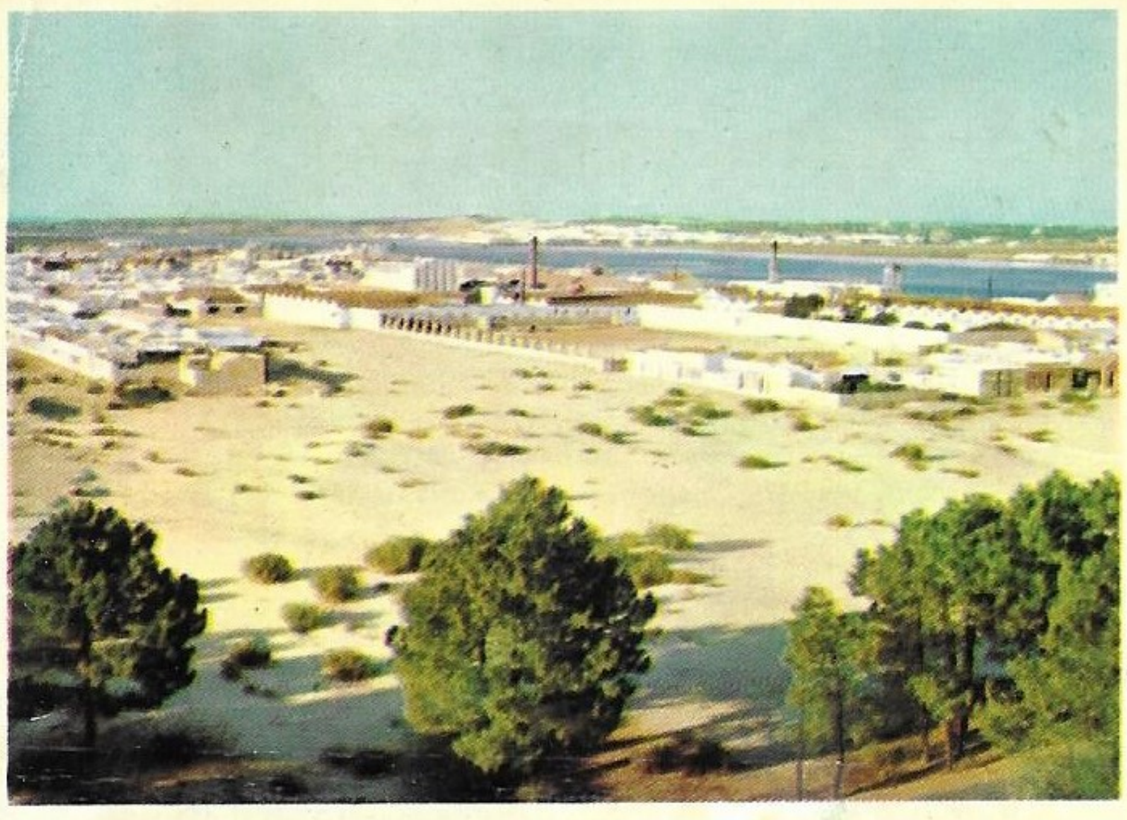


CALDAS DE MONCHIQUE

Encontram-se entaladas numa apertada ravina da serra de Monchique e nela brotam seis fontes minerais muito recomendadas. No centro, encontramos o parque sombreado de acácias, eucaliptos e chorões. No fundo do vale apertam-se as laranjeiras, os castanheiros, os inhames e as bananeiras. Nas encostas muito abruptas, dispõem-se em terraços sustentados por grandes muros de pedra os milharais, os batatais, as hortas, os pomares, até cederam lugar aos pinheiros e mais acima dos medronheiros, às estevas e aos rosmanos. Descobrimos um panorama soberbo que em cada momento se torna mais extenso. No primeiro plano, florestas verdejantes, no segundo um verdadeiro mar de montanhas.

PORTIMÃO

Portimão, é o primeiro porto de pesca do Algarve depois de Vila Real de Santo António, sendo também, uma cidade muito industrial que se alastra numa grande extensão até ao estuário do rio. Em 1924 foi elevada a cidade, e entre os seus monumentos há a destacar a Igreja Matriz reconstruída em 1755 e em 1852, com um interessante portal gótico e interior de três naves de azulejos (séc. XVII e XVIII) de quatro tramos, tectos de madeira, arcos de volta redonda e colunas dóricas. Os arredores são dos mais belos do País e o seu grande desenvolvimento industrial e comercial fizeram dela uma das cidades mais importantes da nossa costa sul.



VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Está situada numa planície arenosa na margem direita do Guadiana e junto à sua foz no Oceano. Quando D. José subiu ao trono, em 1570, a margem portuguesa do Guadiana, de Castro Marim ao Pontal da Barra, e toda a costa desde a foz até ao Monte Gordo, estava completamente deserta. Foi só em 1774 que o Marquês de Pombal deliberou fundar ali uma grande povoação a que deu o nome de Vila Real de Santo António, por ter sido edificada próximo do local onde se erguia a antiga vila de Santo António da Arenilha, que nos fins do séc. XVI foi tragada pelas ondas. Toda a vila foi edificada em cinco meses, abrindo-se largas ruas cortadas em esquadria. Os locais mais interessantes são a Avenida à beira do rio, com o belo panorama Aymonte e a praça Marquês de Pombal.

LOULÉ

Loulé é uma das terras mais interessantes de todo o Algarve. Dos seus Terraços colhe-se um panorama encantador da Terra e do mar para copados arvoredos, hortedos e pomares, que em linha unida vão até ao Oceano, banhadas numa luz maravilhosa enquanto a nossos pés ostenta a arte singelamente enternecida das suas rendadas chaminés. A Igreja Matriz que data pelo menos do reinado de D. Dinis, pois vem de 1280 a sua doação à Ordem dos Cavaleiros de São Tiago, e ainda a Igreja da Misericórdia. No cromo o monumento erguido em memória do saudoso filho de Loulé, eng.º Duarte Pacheco, ministro das Obras Públicas, autor de algumas das profundas e vastas transformações do Portugal actual.

TAVIRA

Como quase todas as cidades do Algarve, Tavira é uma terra pacata e melancólica. Conserva ainda, porém, certo carácter com as suas casas apalaçadas de muros brancos, gelosias, chaminés pitorescas, janelas por vezes sumptuosamente lavradas e telhados mouriscos de quatro abas. A ampla Avenida 5 de Outubro e a Rua da Liberdade levam à Praça da República, no centro da cidade, com a sua arcaria medieval onde num cunhal do lado Este se vê uma cabeça de guerreiro que a tradição diz representar D. Paio Peres Correia. No alto da povoação a Igreja de Santa Maria do Castelo erguida, segundo se supõe, no local da antiga mesquita muçulmana e doada em 1244 por Sancho II à Ordem de Santiago.

LAGOS

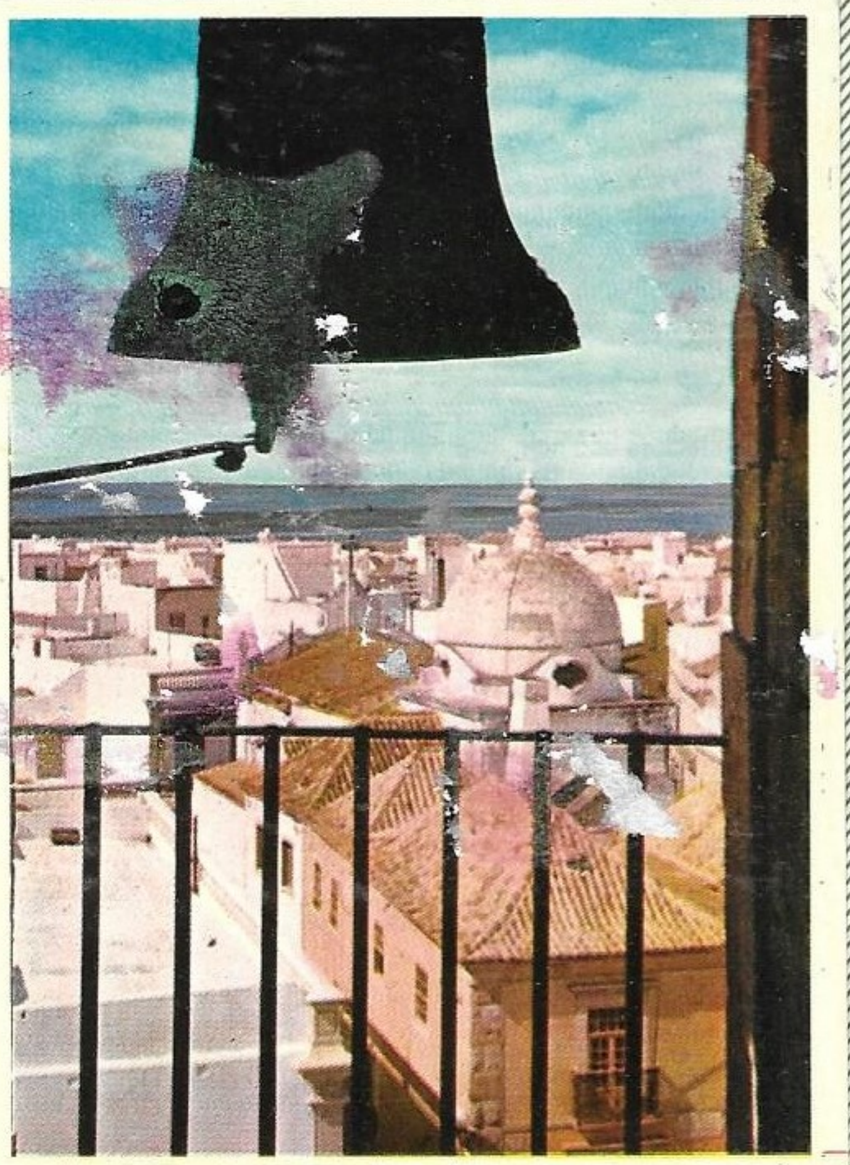
Os arqueólogos identificam a actual Lagos com a velha Lacobriga, de que fala Pompónio Mela. Um grande terremoto teria destruído a povoação primitiva, sendo fundada a nova Lacobriga por Bahodes, capitão cartaginês enviado como sucessor do primeiro Hannon no governo de Espanha, em 350 anos a. C. No ano 76 a. C. foi sitiada pelos romanos, libertando-a Sertório com 2 000 cavaleiros. Os moiros deram-lhe o nome de Zawaia ou Zawia (lago ou poço). Abderraman, califa de Córdova, reedificou as muralhas de Lagos, dotando-a com duas ordens de grossos muros e torres. Tomada por D. Sancho I aos moiros em 1189, reconquistou-a em 1191 Yacub, emir de Sevilha, e só 50 anos depois foi recuperada pelos portugueses, sob o comando de D. Paio Peres Correia. No período das descobertas partiram dali as primeiras caravelas.

BUÇACO

Floresta prodigiosa e densa de incomparável vigor, cheia de fontes, de silvados e de essências dos mais afastados climas, a mata do Buçaco é, a par de Sintra, uma maravilha no nosso País, apontada de qualquer ponto da terra como se aponta Fontaineblau, Potsdam, Windson ou Aranguez. Sob três aspectos, porém, o Buçaco excede os arvoredos mais afamados do centro e do norte da Europa: é, quanto a variedade das espécies vegetais, aliada à grandeza monumental da sua árvore característica, o chamado cedro do Buçaco; e ainda a vastidão panorâmica do seu ponto culminante: a Cruz Alta; e, finalmente, a clareza atlântica da luz suspensa sobre os seus maciços de folhagem. De destacar o edifício do Palácio Hotel e os restos do Mosteiro dos Carmelitas Descalços.

ALBUFEIRA

A vila surge-nos de surpresa numa volta do caminho. Os olhos dão quase de chofre na ofuscante alvura das suas paredes caiadas de um branco rude e agressivo, que à chapa do sol possui requintes de violência. Agrupam-se as casas em torno da colina que se ergue a pique sobre o mar e onde remotos pescadores se aconchegaram à muralha protectora da antiga cidadela. Em princípio do séc. VIII caiu sob o domínio dos árabes que lhe chamaram Albuar (Castelo do Oceano) e era tão inexpugnável este castelo que foi o último reduto onde tremulou o pendão agareno. Foi em 1250 que D. Afonso III subiu até lá. Em 1755, uma grande vaga submergiu a parte baixa da vila, destruindo-a quase completamente.



FARO (1)

Faro é um nome árabe que lhe ficou do tempo em que Santa Maria (como era chamada pelos cristãos) constituia um pequeno Principado, governado por príncipes daquele nome (Os Beni-Harum) na primeira metade do séc. XI da nossa era. Conquistada aos mouros por D. Afonso III em 1249, dando-lhe foral em 1266, confirmado por D. Manuel em 1504. De destacar nesta cidade a sua interessante Sé com vestígios góticos na porta principal e nas duas capelas laterais. Interiormente a Sé é uma Igreja de Renascença quinhentista com três naves de quatro tramos divididas por colunas dóricas e cobertas de tectos de madeira. Em volta do corpo da igreja corre um belo azulejamento policromo.

OLHÃO

Olhão, dentro da sua categoria, é considerada como uma das localidades mais importantes e progressivas de Portugal. À indústria de conservas e da pesca deve a vila o seu desenvolvimento. Olhão Velho, dédalo de ruas e becos estreitos em que se acotovelam casas brancas de um só piso com açoteios à mourisca. «Vila Cubista» chamaram a Olhão devido à projecção do seu casario.

FARO (2)

O Arco de Faro, mandado construir por D. Francisco Gomes e do risco do arquitecto italiano Fabri, é todo de cantaria com duas colunas jónicas, cimalha corrida e um nicho que resguarda a estátua de S. Tomás de Aquino, de mármore branco de Itália. Ainda em Faro está o antigo convento de Nossa Senhora de Assunção, fundado pela rainha D. Leonor com o seu curiosíssimo claustro de tipo que poderíamos chamar coimbrão (1640). A capelinha em Santo António do Alto. O singelo monumento a Ferreira de Almeida, natural de Faro. Obelisco de mármore de 15 metros de altura de autoria do arquitecto Adolf Haussmann. Os arredores de Faro distinguem-se pelo exotismo da sua paisagem e o viço e a frescura das suas hortas.

PRAIA DA ROCHA

A 2 km de Portimão encontramos a Praia da Rocha, larga varanda aberta, de um lado para o deslumbramento do Oceano, do outro para o azulado vulto do Monchique que lhe barra o horizonte numa perspectiva incomparável. A Praia da Rocha estende-se do Forte de Santa Catarina até ao Buraco do Avô e os Leixões do Castelo no caminho do Vau e de João do Arém, com o casario novo suspenso à beira da arriba e os modernos hotéis que abrem as suas janelas para o mar. Será talvez exagero chamar-lhe a mais bela praia de Portugal, mas é uma das mais extensas e das mais planas, a areia fina e mais doirada, e pelo desenho e colorido dos leixões e dos fraguedos, certamente a mais decorativa.

CHAMINÉ ALGARVIA

Fechado em si, o algarvio vive exclusivamente para o seu lar. É por isso que ele pinta a todas as horas esses «montes» e casais de uma brancura deslumbrante, sobre os quais paira a graça etérea da chaminé rendilhada, esbelta e esguia, fendida e trabalhada como um brinquedo.

CABO DE S. VICENTE

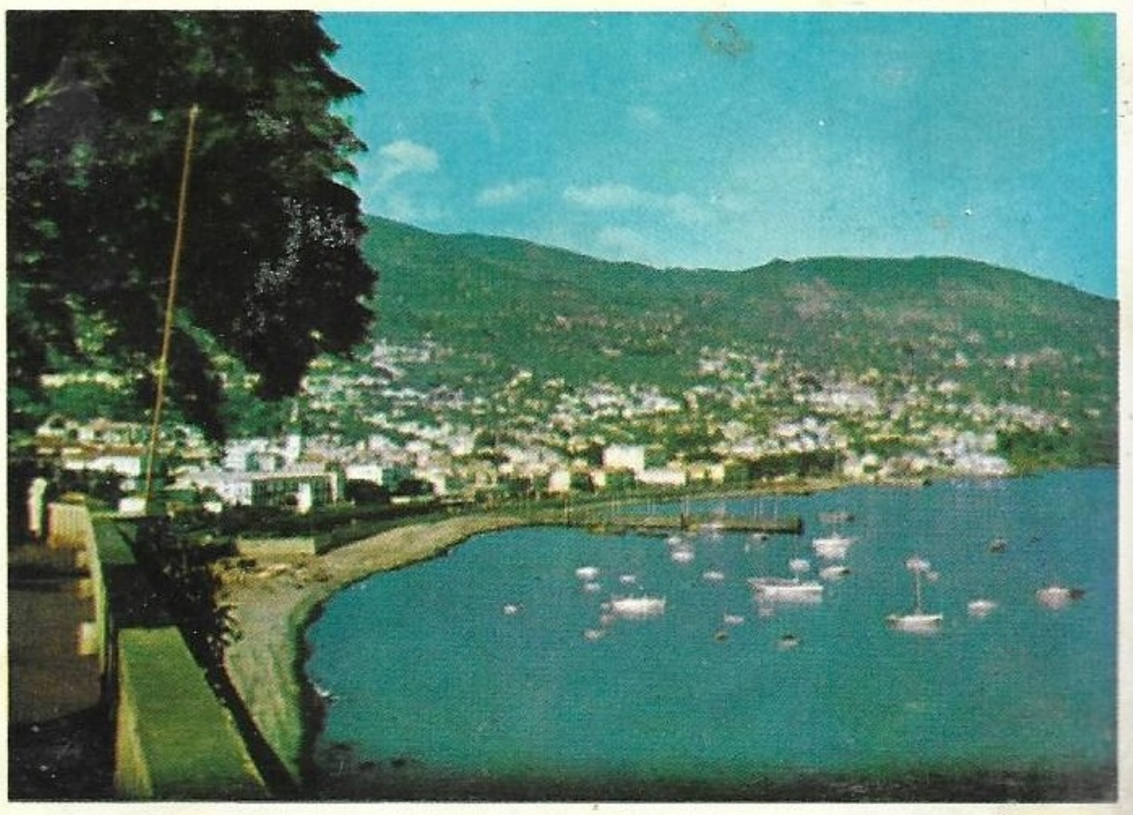
O cabo de S. Vicente, na extremidade SW da Europa, é um cerro de rocha cortada a pique, atingindo nalguns pontos a altura de 60 metros e com um comprimento de 100 m o qual liga a uma pequena península, também de rocha abrupta, com um pouco mais de 1 quilómetro de comprimento e 0,5 de largura (península de S. Vicente). Poucos lugares se encontrarão no Globo a que se liguem tão grandiosas recordações da mítica e da história. Segundo uma antiga tradição, foi aqui que S. Vicente foi martirizado, muito antes de Portugal ser um reino independente, tendo ali erguido os cristãos o Templo do Corvo. Aqui viveu os seus últimos anos, aqui dirigiu a obra da navegação e de conquista, e aqui morreu a 13 de Novembro de 1640, o Infante D. Henrique.

PROMONTÓRIO DE SAGRES

O Promontório de Sagres avança numa pequena peninsula, plató rochoso duns 300 metros de largura, que forma a ponta de Sagres pròpriamente dita. Como diz Oliveira Martins: «É uma pequena língua de terra, de superficie penhascosa, sem outra vegetação mais do que uns zimbros enfezados medrando na areia solta. É um pequeno porto, ninho marítimo que foi de águias e gaviões do mar. De aí ensaiaram voo, depois estendido por todos os céus do mundo, essas aves de larga envergadura que nas asas brancas levavam o vermelho de sangue e cruz de Cristo, brasão de Portugal». À entrada e a toda a largura ergue-se a muralha fronteira da velha fortaleza, e à direita deste recinto o local onde a tradição diz ter vivido o Infante D. Henrique.

BAÍA DO FUNCHAL (MADEIRA)

A Baía do Funchal fica situada na parte Sul da Ilha da Madeira, e nela assenta a cidade do Funchal. Constitui por si só a parte mais importante de um vasto e formosissimo anfiteatro estendido em vale que, no seu conjunto se apresenta como um panorama de rara e inexcedível beleza. «Como que servindo de espaldar à cidade e sobranceira a ela levanta-se uma cordilheira ininterrupta de montes e colinas, coberta da mais opulenta e variada vegetação e polvilhada das mais pitorescas habitações, que ainda maior realce, maior encanto e maior deslumbramento imprime a tão maravilhoso cenário. A baia do Funchal é a mais ampla do arquipélago e tem uma curvatura e reentrância regulares.



CABO GIRÃO (MADEIRA)

O Cabo Girão, partindo do Funchal, avista-se em toda a sua beleza impressionante, esmagadora, falésia gigantesca desafiando o mar, que a envolve, porém, no seu rendilhado de espuma. No alto descortina-se a pequena capela de Nossa Senhora de Fátima com a sua escadaria de penitência. Atingidos os 550 metros da altitude (o Cabo Girão é o segundo da Europa), o olhar perde-se na vastidão do Altântico. Em redor, uma poalha de ouro rubro cobre as montanhas, fendidas aqui e além pelos fios de água das levadas e das correntes; um que outro fraguedo gresífero salienta-se da fragrância da terra, prenhe de cultura, de longos relvões matizados de magnólias e de flores silvestres.

CAMACHA (MADEIRA)

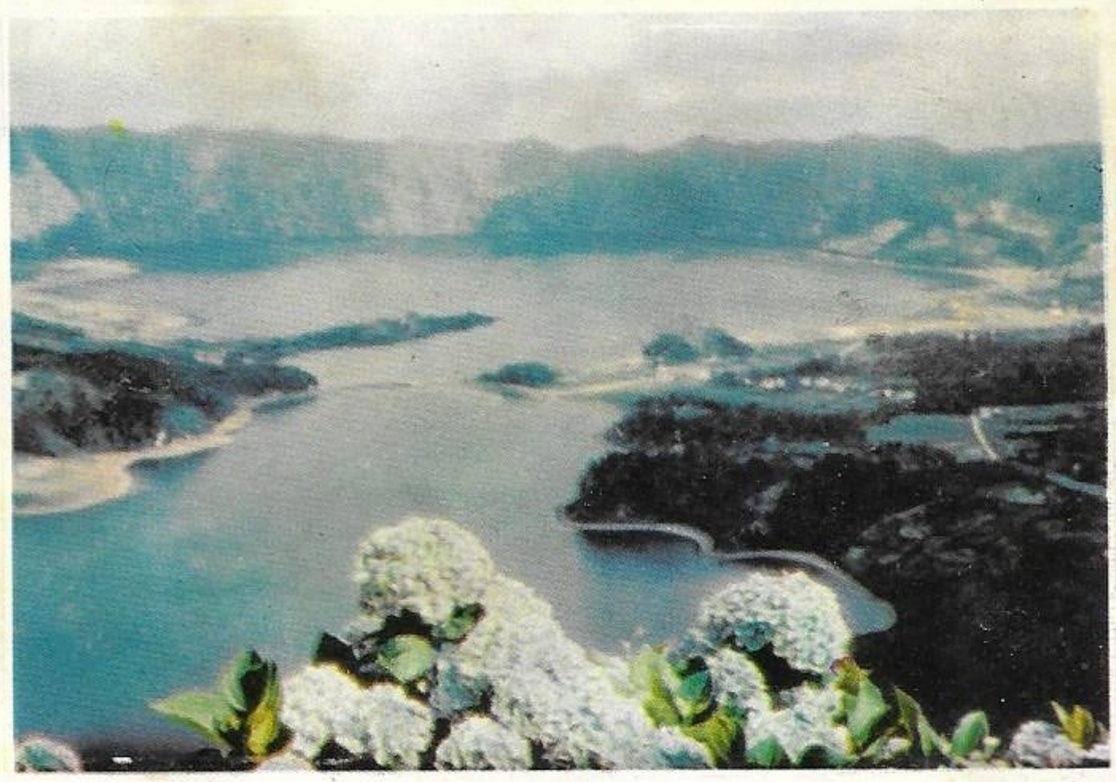
Camacha é uma povoação e freguesia de S. Lourenço, do distrito administrativo do Funchal, na Ilha da Madeira. A sua situação é elevada, encontrando-se uma parte considerável da sua população numa altitude superior a 700 metros acima do nível do mar. Nesta freguesia que é das mais pitorescas e das mais encantadoras paisagens de toda a Ilha, encontram-se belas quintas com excelentes casas de habitação. É marginada por uma vereda, que constitui um aprazivel passeio e donde se desfrutam surpreendentes panoramas. Encontra-se nesta paróquia o mais largo centro produtor da importante indústria chamada «obra de vimes» ou artefactos de verga, que ocupa muitos trabalhadores, tendo-se irradiado deste lugar para outros pontos da Madeira. Daí o nome de Camacheiras.

TRANSPORTE REGIONAL (MADEIRA)

Há diversos meios de transportes na Madeira, entre os quais se podem contar os de caminhetas, que chegam a marcar itinerários de longo percurso. Mas para o visitante, sobretudo do Funchal, o que adquire graça especial são os transportes regionais, tais como os carros de bois, os característicos trenós, conhecidos pelos «carros do Monte», sem motor e sem rodas, empurrados e guiados por possantes carreiros que, feito o serviço, os conduzem ao ponto de partida, encosta acima, sobre os ombros, nota bem primitiva e impressionante.

LAGOA DAS SETE CIDADES (AÇORES)

As lagoas de S. Miguel, nos Açores, são celebradas pela sua extensão e beleza. A maior é a das Sete Cidades, que ocupa o fundo de uma enorme e extinta cratera, na parte Oeste da ilha. Tem o aspecto geral de uma ampulheta, constituída por duas lagoas, unidas a meio. A do Norte, a maior, é a lagoa Azul; a do Sûl é a lagoa Verde. A primeira tem a profundidade máxima de 30 metros e a segunda pouco mais de 26 metros. No conjunto, a Lagoa das Sete Cidades constitui um espectáculo de beleza incomparável.

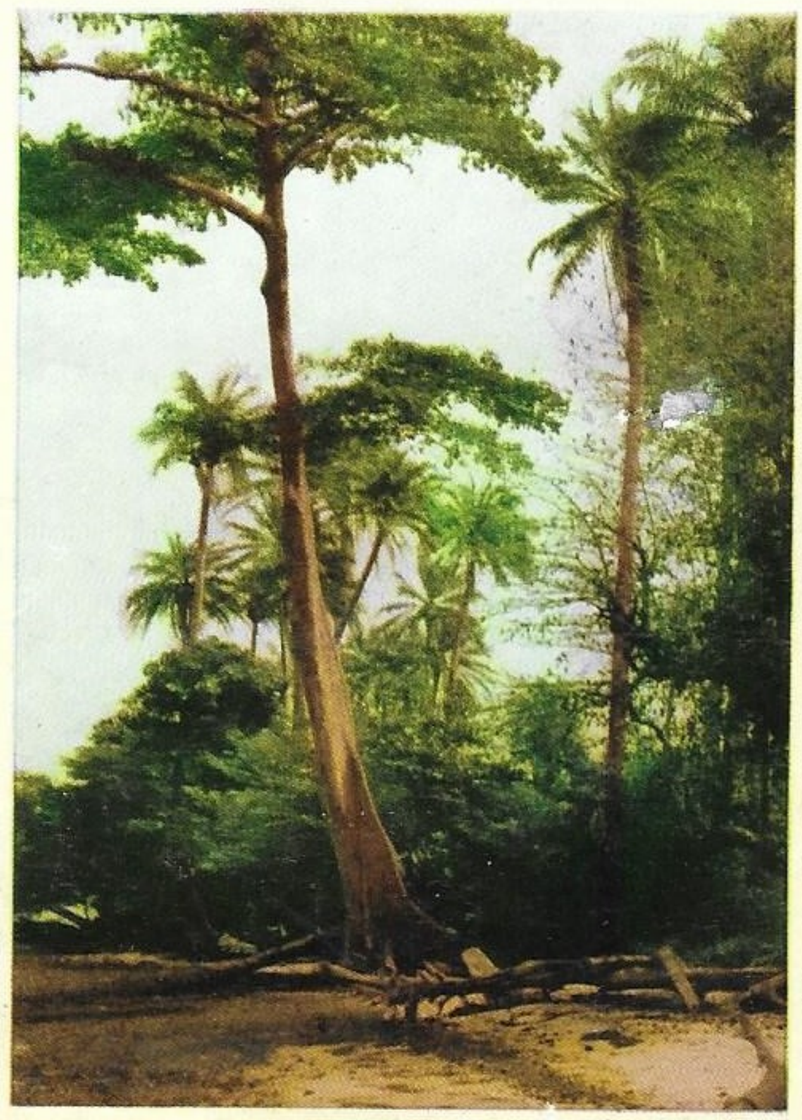


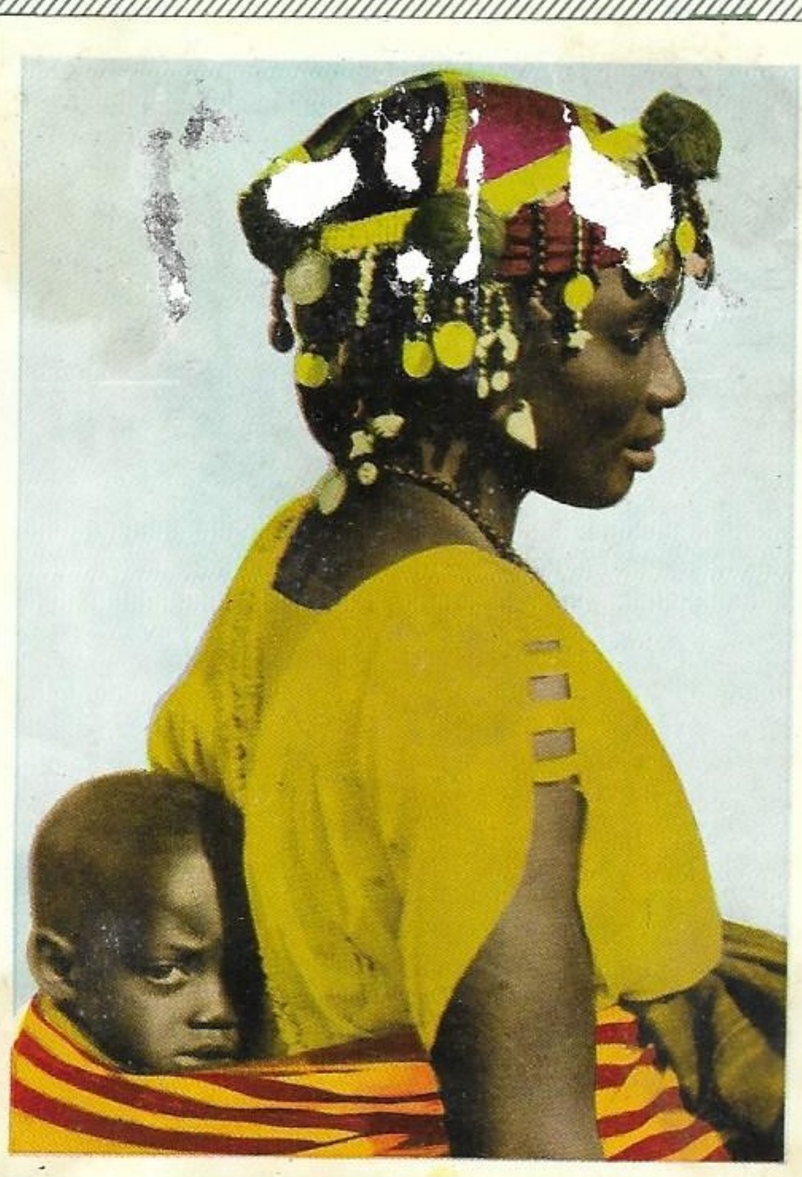
CANHABAQUE (GUINÉ)

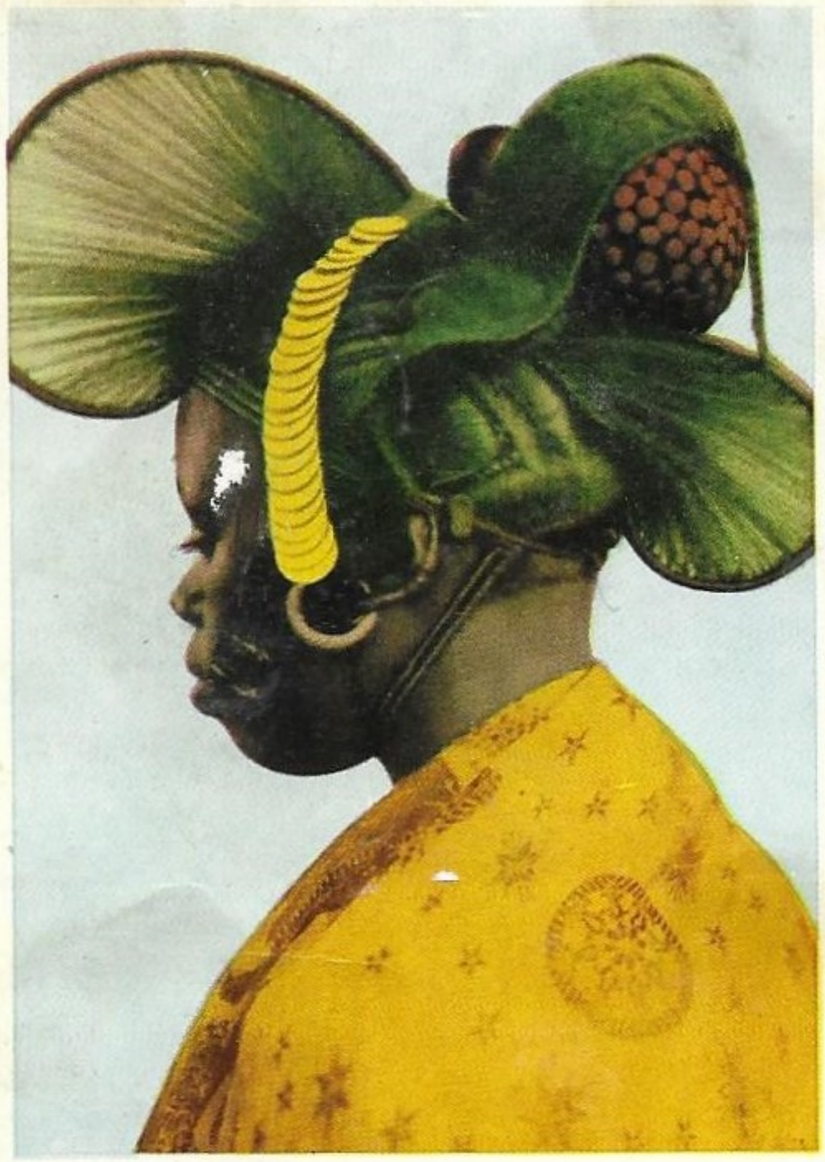
Canhabaque é uma ilha do arquipélago de Bijagós, na Guiné Portuguesa. Também se chama Ilha Roxa. Constitui posto administrativo da circunscrição de Bijagós. Tem ambulância e guarnição militar. Os indígenas desta ilha, que se mantiveram muitos anos em permanente rebeldia, fizeram em 1937 acto de submissão perante o governador Carvalho Viegas. Canhabaque conta com uma paisagem exuberante de beleza, embora dotada das características próprias da região.

MULHER BIAFADA (GUINÉ)

Os Biafadas habitam principalmente as regiões de Guinala, Jubadá e Budino, desde o rio Corubal até à foz do Gepa, as margens do rio Grande e o Cubisseque, até ao rio Nalú. Ocupam também, juntamente com os Mandingas, parte da margem direita do Geba.

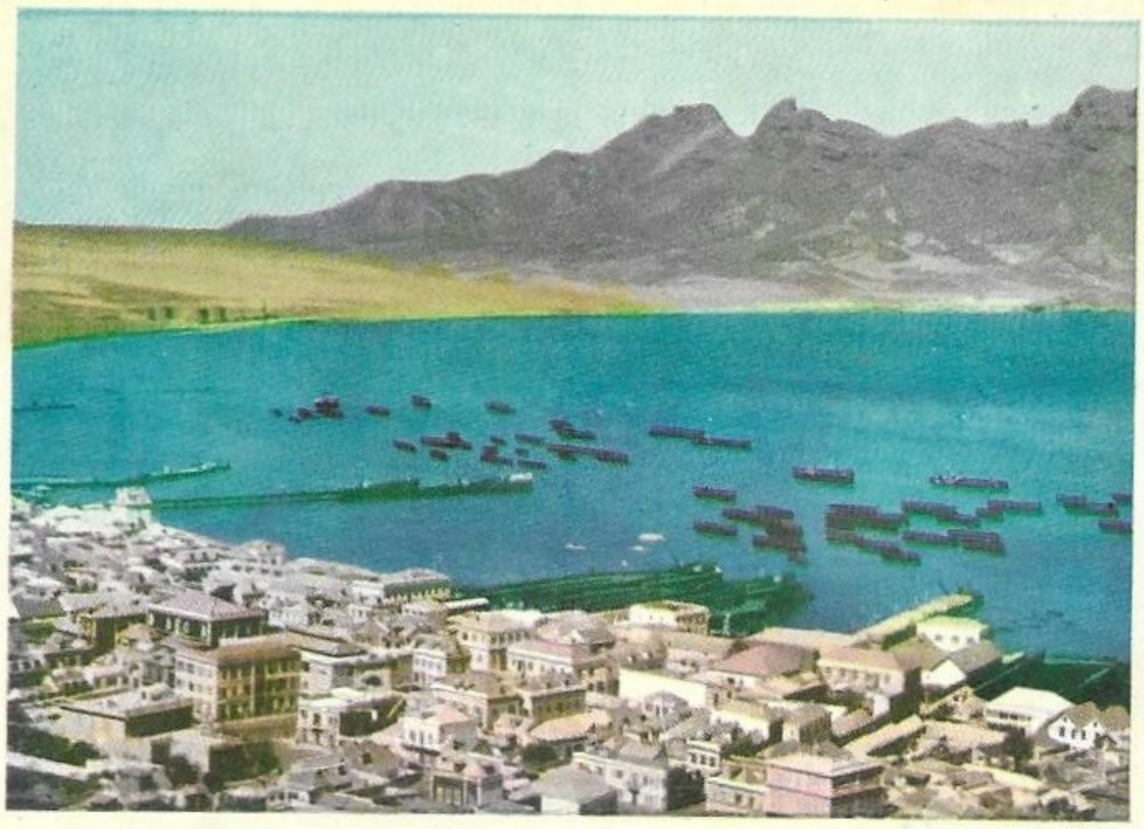






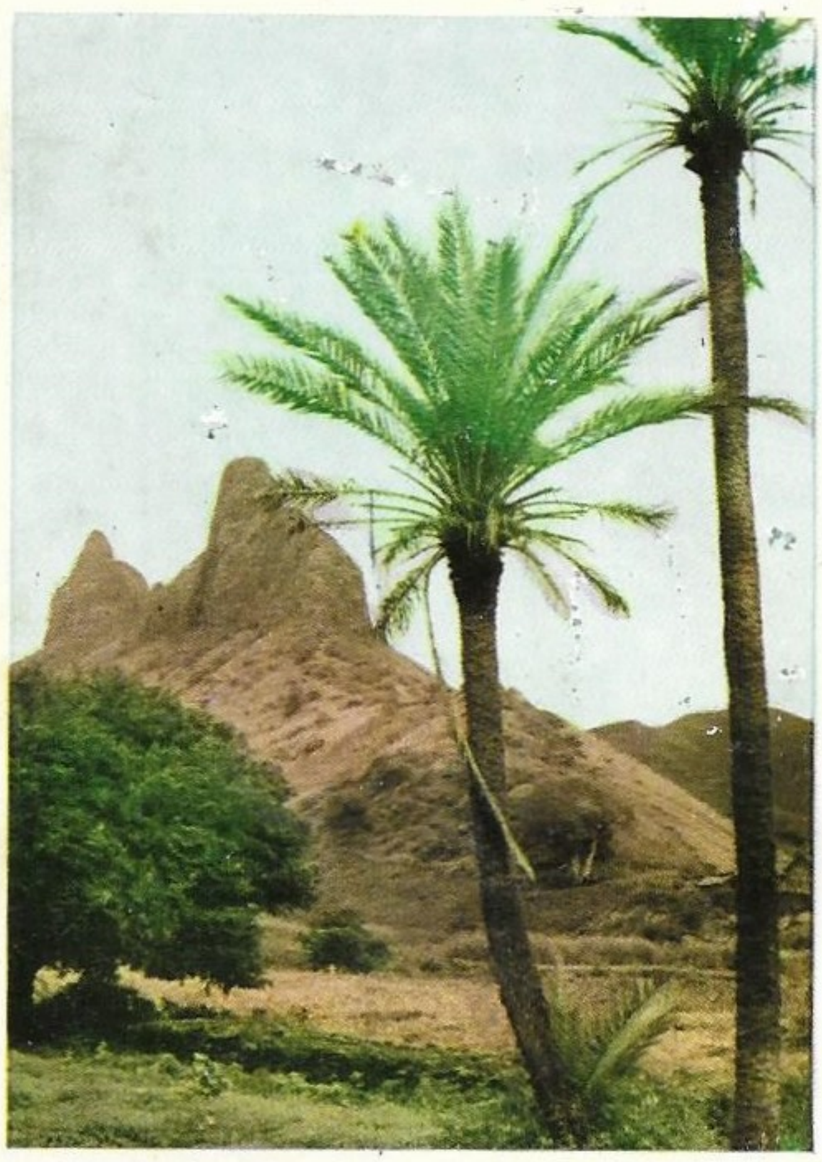
MULHER DA RAÇA FULA (GUINÉ)

Os Fulas vieram do interior e encontraram já estabelecidos na Guiné os Mandingas e os Biafadas. Parece que o fula é produto de uma migração vinda do Leste. As mulheres fulas são consideradas tipos de formosura. O Fula usa um vestuário composto de cabaia flutuante, babú, calção em forma de saco, apertado nos joelhos e na cintura, e um barrete cónico.



S. VICENTE (CABO VERDE)

A Ilha de S. Vicente pertence ao grupo de Barlavento do arquipélago de Cabo Verde. Situada a Sudoeste da Ilha de Santo Antão, de que a separa um canal com cerca de 15 km na parte mais estreita, e a Noroeste da Ilha de Santa Luzia, de que dista 9 km, tem 25 km de comprimento, no sentido Este-Oeste, e 20 km de largura, com uma superfície de 219 km². A ilha é muito montanhosa. O ponto mais alto da ilha é o Monte Verde com uma altitude de 700 m. O clima é quente e seco, mas salubre. A chuva é incerta e muito irregular. As produções naturais e culturais são: milho, feijão, algodoeiro, anil, purgueira, papeira e frutas. Na pecuária conta apenas com gado vacum, ovino e caprino. Na costa aparece com frequência a baleia.



SANTIAGO (CABO VERDE)

Santiago, é uma das ilhas do arquipélago de Cabo Verde, no grupo de Sotavento, entre as ilhas do Maio e do Fogo. A ilha de Santiago é das mais montanhosas do arquipélago, sendo atravessada de Norte a Sul por uma cordilheira basáltica, ao centro da qual se levanta o famoso pico da Antónia, com 1 392 m de altitude.

S. TOMÉ E PRÍNCIPE

A ilha de S. Tomé foi descoberta por João de Santarém e Pero Escobar no dia do Apóstolo S. Tomé do ano de 1470. As duas ilhas são formadas de rochas vulcânicas, oferecendo algumas formações particular curiosidade como no caso do Cão Grande (pico da ilha de S. Tomé). Desabitada à data do descobrimento, a ilha de S. Tomé já no final do séc. XV começara a ser povoada. A província compreende dois concelhos, o de S. Tomé e o do Príncipe. e ainda a residência de S. João Baptista de Ajudá. O bispado de S. Tomé é hoje inerente ao arcebispo de Luanda, que ao seu titulo acrescenta o de bispo de S. Tomé. A principal riqueza da província é a agricultura. Iniciada ao mesmo tempo da colonização, desenvolveu-se progressivamente. No cromo, a Sé Catedral de S. Tomé.

LUANDA (ANGOLA) (1)

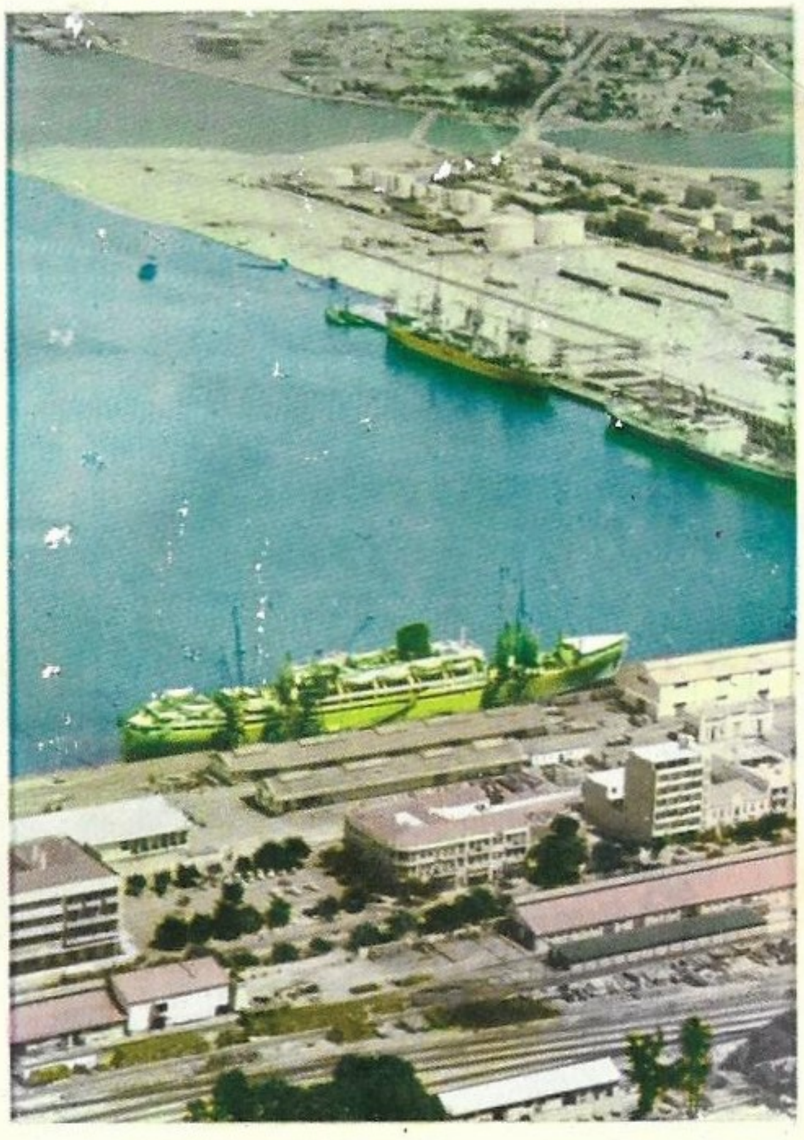
Luanda é a capital de Angola, cabeça de concelho do mesmo nome, e sede de arcebispado. Estende-se ao longo da beira-mar, galga as escarpas e prolonga-se por um plató amplo donde se disputa larga vista sobre o Oceano. Foi fundada pelo primeiro governador de Angola, capitão Paulo Dias de Novais, em 1576, tendo-se iniciado pelo morro, onde, pouco tempo depois, tomava vulto uma povoação de gente de comércio. Em 1621 o porto já contava com a frequência de 20 e mais navios. (Actualmente, bem abrigado, com bons fundos e possuindo uma estação carvoeira, apresenta um movimento médio anual de 150 000 toneladas). Entretanto, em 1641, os holandeses apoderaram-se de Luanda, que já era um burgo importante e cabeça das vastas regiões do interior, cuja penetração se fizera ao longo da via fluvial do Cuanza.

LUANDA (ANGOLA) (2)

Luanda foi mal tratada e desbaratada durante a ocupação holandesa, e foi activamente restaurada pelo seu libertador, o governador Salvador Correia de Sá, que lhe deu o nome de «S. Paulo da Assunção de Luanda». Dominada definitivamente a resistência do gentio de Angola pela tomada de Pedras Negras, por Luís Lopes de Sequeira (1671), a cidade desenvolveu-se. Tornou-se um poderoso e activo centro de irradiação comercial e religiosa. Os anos passaram-se, Luanda atingiu o desenvolvimento que hoje a caracteriza, estando em vias de processo uma série de obras que a tornarão num futuro muito próximo, uma das maiores cidades portuguesas.

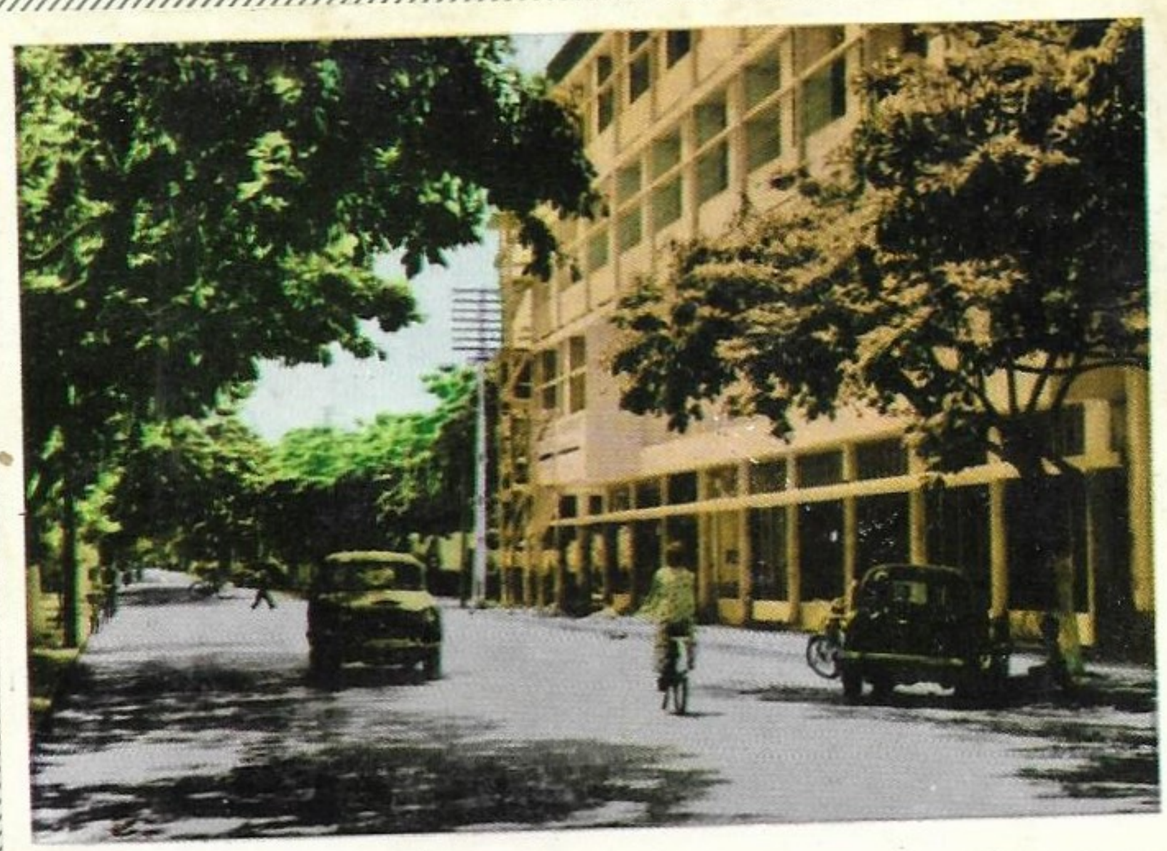
ILHA DE MUSSULO (LUANDA-ANGOLA)

Mussulo é uma povoação comercial do posto-sede da circunscrição de Songo (Nova Gaia), servida pela carreira de camionagem Malange-Portugália, na direcção Malange--Mussulo. Fica a 576 quilómetros de Luanda. 113 de Malange e 26 de Nova Gaia. Possui a missão católica de Santa Ana, fundada em 1937. Povoação excelente, de tradição, com vasta raiz. O seu horizonte não é limitado, e justamente apreciado devido às suas características singulares. Talvez pouco conhecida, Mussulo, possui, no entanto, um encanto muito natural, e embora muito repetido naquela província, tem a beleza das forças primárias, a autenticidade do real.



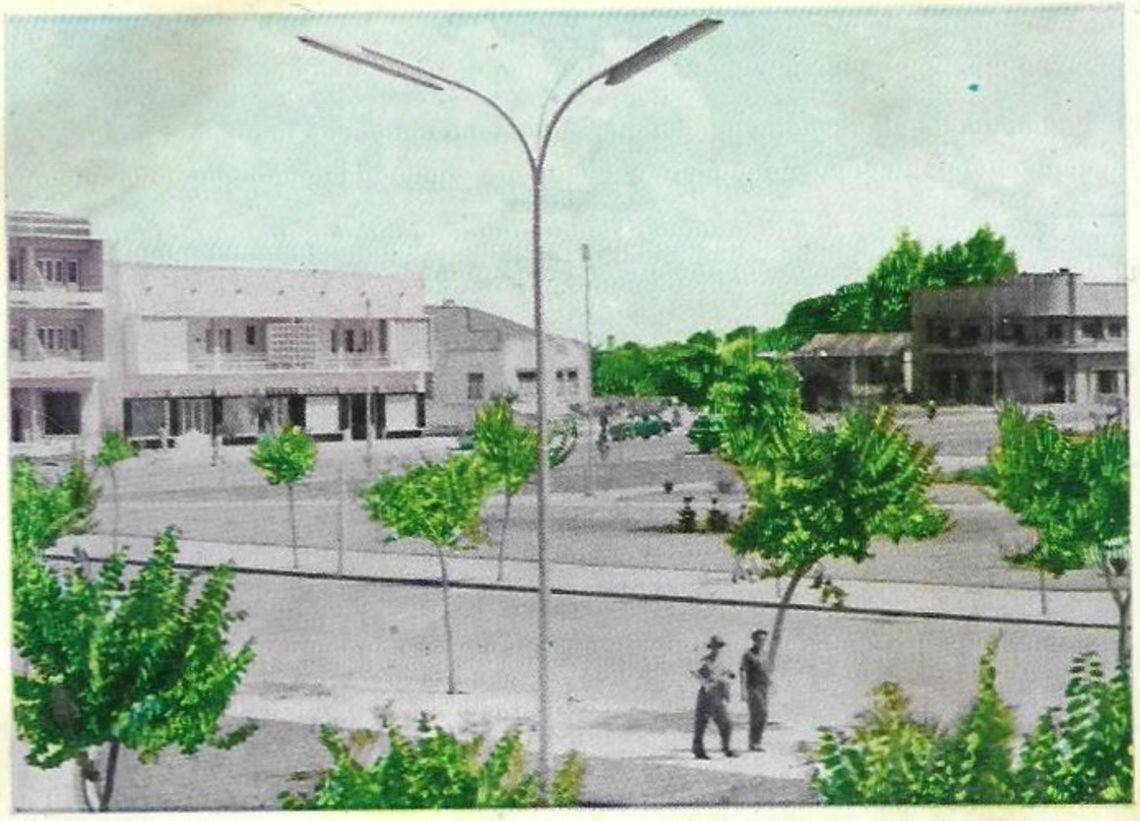
LOBITO

A cidade do Lobito, situada numa excelente baía, com muito bom clima, é a mais importante do Sul da província de Angola. Possui um formoso e magnífico porto, que aliado ao caminho de ferro de Benguela, constituem dois fortes esteios da cidade. Os primeiros navegadores que desceram a costa meridional africana, deviam ter passado sem fazer reparo na grande baía do Lobito.



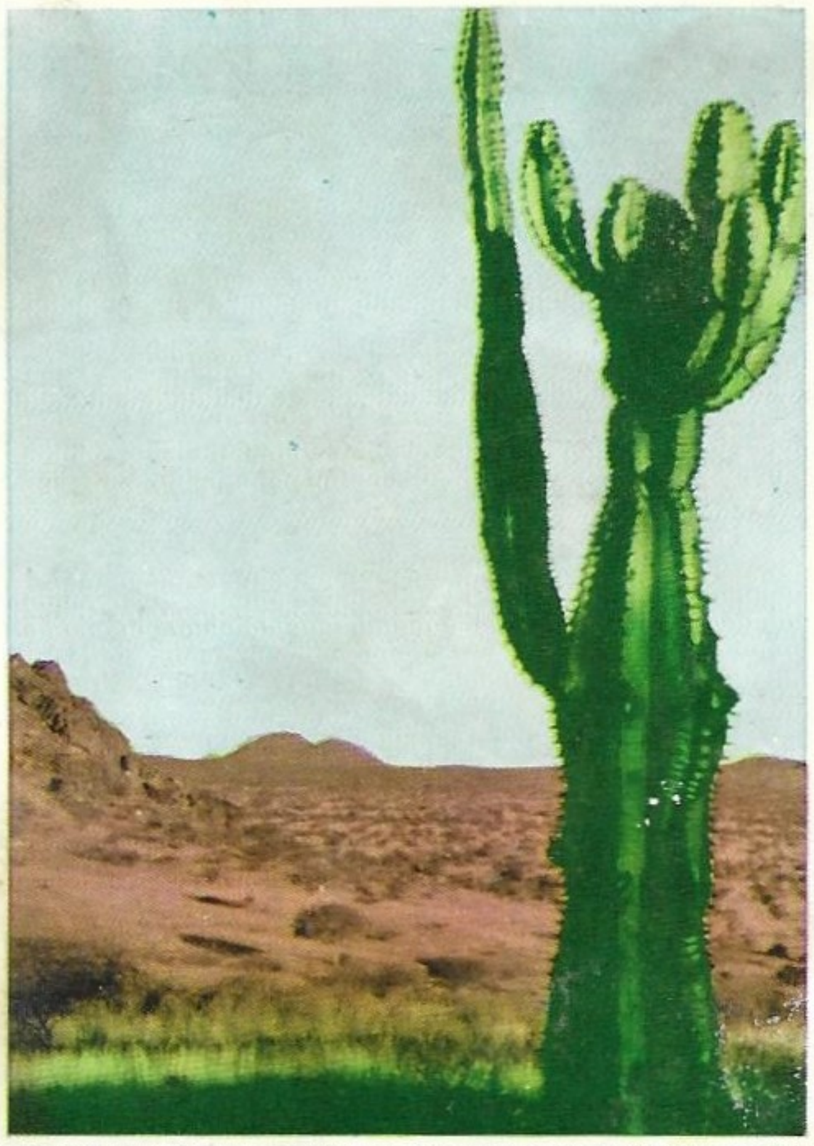
BENGUELA

Benguela é hoje uma cidade espaçosa, largamente arruada, arborizada e limpa. A baia de Santo António é ampla, podendo ser visitada por navios de alto bordo. Estabeleceram os portugueses os primeiros contactos com o reino de Benguela, ainda em tempos do primeiro governador de Angola, Paulo Dias de Novais. Mais tarde, em 1704, sofreu o ataque, saque e incêndio dos Piratas franceses. Em 1799 foi elevada a governo subalterno do governo de Luanda. Era daqui, entretanto, que partiam todas as explorações dirigidas para o interior. Benguela está ainda ligada à história das largas explorações geográficas realizadas no último quartel do séc. XIX. Quanto à província de Benguela, criada pelo decreto 23 848 (1934) abrange os distritos de Benguela, Cuanza-Sul e Huambo.



NOVA LISBOA

Nova Lisboa foi elevada à categoria de cidade em 21 de Outubro de 1912 com o nome de Huambo, passando a designar-se por Nova Lisboa apenas em 1928. É sede das repartições distritais e concelhias, como Intendência do Distrito, Administração do Concelho, Delegação Regional Agrícola, 2.ª Zona Florestal, Delegação Aduaneira, Repartição Provincial de Cadastro, Subdelegação da Junta de Exportação de Cereais, Delegação Veterinária, além de sede de 2.ª Inspecção de Infantaria, da 10.ª Companhia Indígena de Caçadores, da 2.ª Bateria de Artilharia Ligeira e do Depósito de Material de Guerra. É sede ainda de uma comarca e de um bispado, criado pela Concordata e Acordo Missionário.

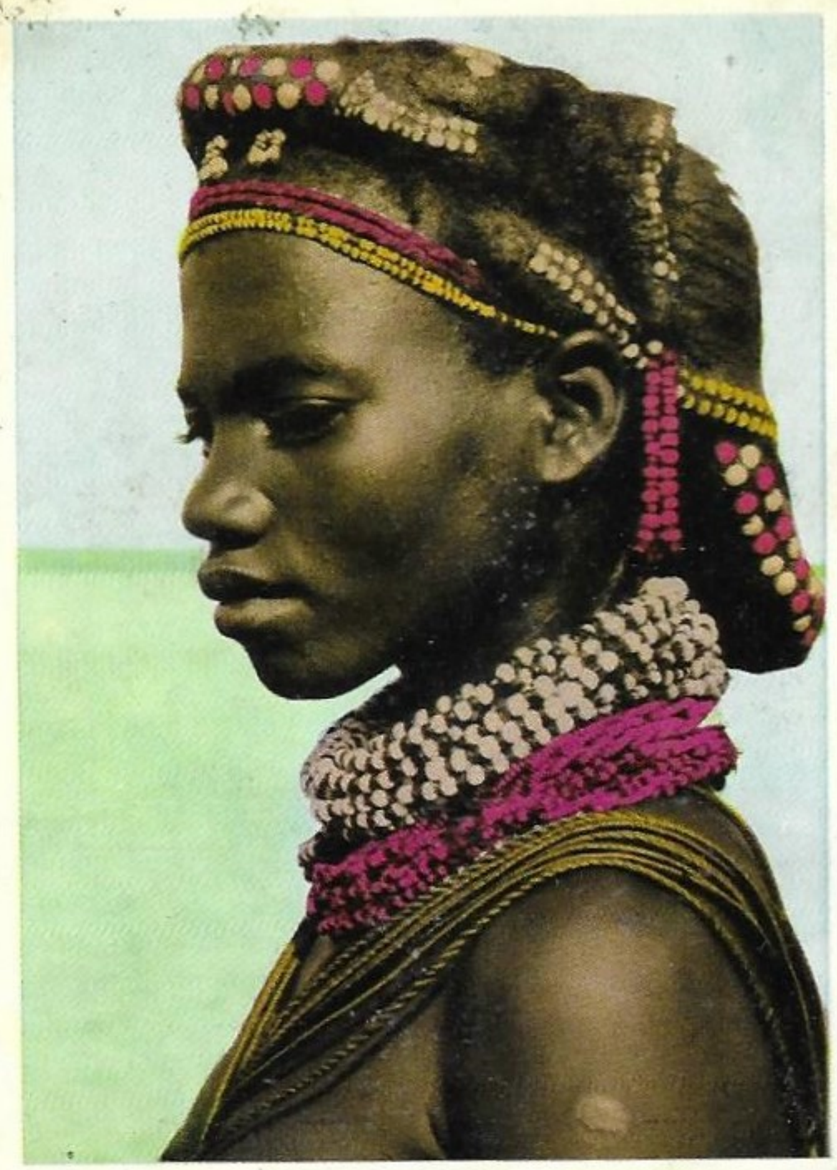


MOÇÂMEDES

As primeiras referências seguras a respeito da baía de Moçâmedes parecem encontrar-se no relato da viagem do governador Francisco Souto Maior, em 1645. De 1665 a 1770, foi o grande ancoradouro, conhecido por «Angra do Negro», muitas vezes visitado por embarcações que navegavam para o Sul. Por decreto de 19 de Abril de 1849 foi criado o governo de Moçâmedes. Em 1855, Moçâmedes foi elevada à categoria de vila, sendo nesse mesmo ano eleita a primeira vereação municipal. Em 3 de Setembro de 1907 Moçâmedes foi elevada à categoria de cidade. A pesca é a principal fonte da sua riqueza, completada pela agricultura. É testa da linha férrea de Moçâmedes, que liga ao planalto de Huíla.

QUEDAS DO DUQUE DE BRAGANÇA (ANGOLA)

As quedas de água do Duque de Bragança, situadas na povoação do mesmo nome na província de Malange, têm 108 metros de altura e 400 de largura, e são, sem dúvida, das mais notáveis do Mundo, a que já Capelo e Ivens chamaram «formoso lençol espumante». O acesso, tanto à parte superior como à inferior, é feito por boas estradas de automóvel. O panorama é surpreendente.

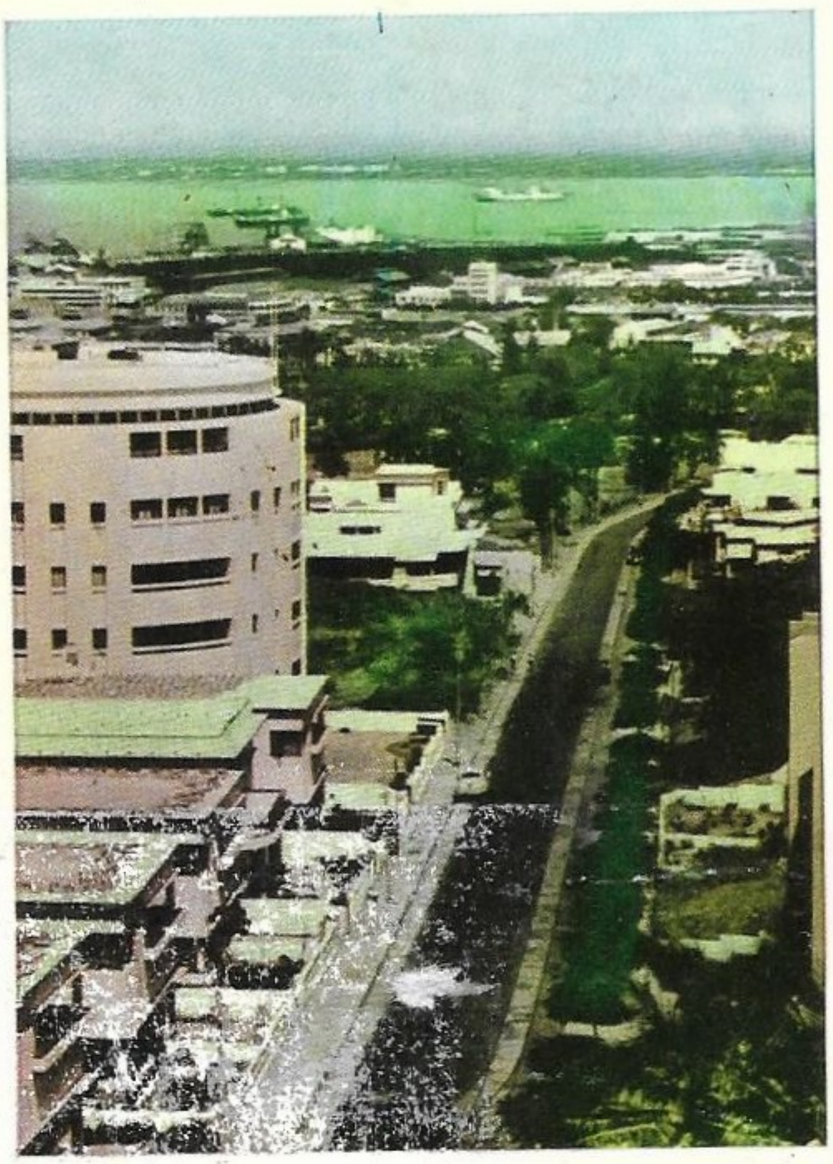


RAPARIGA MUÍLA (ANGOLA)

No cromo vemos uma rapariga Muíla, membro de uma tribo do Sul de Angola, do grupo banhaneca, junto de Sá da Bandeira. Repare-se na beleza da composição, na riqueza pictórica, no conjunto harmonioso que forma o todo feminino. É um dos tipos caracteristicos da província.

SERRA DE CHELA (ANGOLA)

A Serra de Chela, forma o bordo do planalto central de Angola. É constituída por uma extensa cordilheira que, prendendo as suas primeiras raízes nas cabeceiras dos afluentes da margem esquerda do rio Zaire, prolonga-se para o Sul, paralelamente à costa, fendendo a sua cumeada para dar passagem ao rio Cuanza. Ergue-se de nove e forma o maciço de Caülulo (Jamba), Huambo, que para Sudoeste se prolonga com os nomes de serras de Bongo e de Hanha. Ligado à ramificação meridional desta última serra forma-se o nó orográfico de Cavita.



LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE)

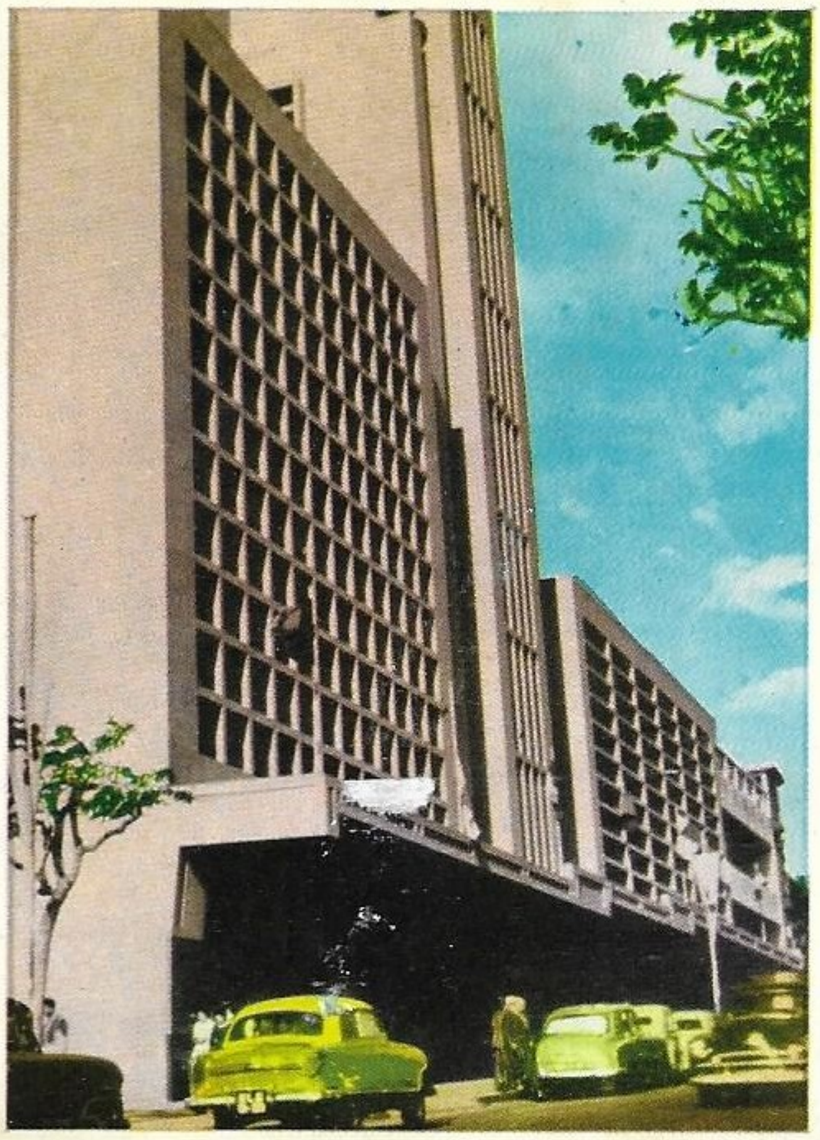
Lourenço Marques é a capital de Moçambique. E tem este nome porque Lourenço Marques foi o português que explorou as terras onde mais tarde se ergueu esta cidade. Inicialmente a baia foi chamada de «Boa Paz» ou da «Boa Morte». Quando Lourenço Marques ali chegou chamava-se «Baia da Lagoa». D. João III mudou o nome para Lourenço Marques, em homenagem àquele comerciante.

SÉ E ESTÁTUA DE MOUZINHO DE ALBUQUERQUE (LOURENÇO MARQUES-MOÇAMBIQUE)

Lourenço Marques não é rica em monumentos, embora possua uma grandeza natural que lhe vem da sua condição geográfica. Além do monumento equestre de Mouzinho de Albuquerque, tem ainda a Sé, que lhe fica contigua, solenemente inaugurada por S: Ex.ª o Cardeal de Lisboa, obra de estilo moderno mas de vistosa imponência, o Museu Álvaro de Castro, o edificio do Aeroporto, a estátua de António Enes, o monumento comemorativo da visita do Presidente Carmona e o padrão da Grande Guerra.

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE)

Lourenço Marques tem a sua Câmara Municipal, e para além dos seus serviços e interesses pela conservação da cidade e segurança dos munícipes, tem ainda a defender o nome da cidade pelo restante espaço português, território que tem a caracterizá-lo o seu brasão, que é assim composto: um escudo esquartelado em aspa, tendo no primeiro quartel, em campo de ouro, um galeão preto sobre as ondas; no segundo, em campo de prata, uma palmeira verde; no terceiro, em campo vermelho, uma esfera de prata, sendo visível o continente africano; e no quarto, em campo azul, o sol nascente de ouro. Sobre o escudo, a legenda «Descoberta e soberania portuguesa».



EDIFÍCIO DO RÁDIO CLUBE (LOURENÇO MARQUES-MOÇAMBIQUE)

Lourenço Marques conta hoje com os seus escritores, os seus actores e dramaturgos. No campo radiofónico, Moçambique possui serviços completos. No cromo, o edifício do Rádio Clube.

EDIFÍCIO RUBI (LOURENÇO MARQUES-MOÇAMBIQUE)

Lourenço Marques é uma cidade moderna. Desdobra-se em edifícios modernos, como o Rubi representado no cromo, e ainda o do Polana Hotel, e outros, alguns mais modestos, mas perfeitamente integrados dentro do plano de grandeza que dará a Lourenço Marques a representação de grande cidade num futuro próximo.

CATEDRAL E ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS (BEIRA-MOÇAMBIQUE)

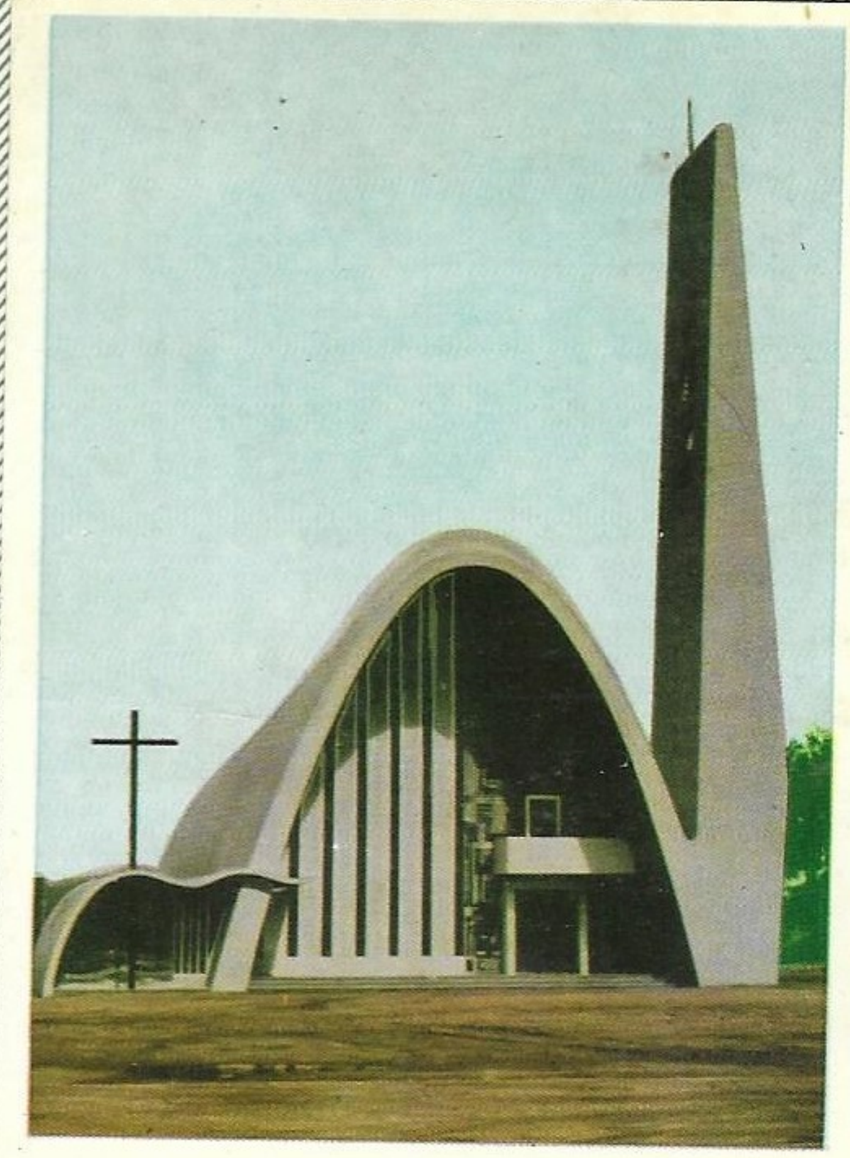
A Beira teve a sua origem na criação dum posto militar no Aruângua. Em 20 de Agosto de 1887, no sítio de Chivere, foi içada a bandeira portuguesa por João Eduardo Coelho Barata. Em 21 de Março de 1887 nascia o príncipe da Beira, Luís Filipe, e em sua honra, a povoação adoptou oficialmente o nome de Beira.

LICEU PEDRO DE ANAIA
(BEIRA-MOÇAMBIQUE)

Pedro de Anaia, do qual se ergue, em sua memória, um liceu naquela nossa província, foi o primeiro governador de Sofala, tendo saído de Lisboa na armada de D. Francisco de Almeida, que ali o deixou em 1505. Ele foi mandado por D. Manuel I, que por sua vez havia sido informado de que Sofala era a celebrada Ofir de Salomão. Pedro de Anaia, de facto, tomou posse da ambicionada região e, para a garantir, levantou a fortaleza planeada, assegurando o comércio local do ouro. As obras da fortaleza começaram em 21 de Setembro de 1505, sendo um dos mestres um abexim de nome Yacote. Pedro de Anaia faleceu de febres africanas em 1508, sucedendo-lhe seu filho, Francisco Anaia, que exerceu o governo da fortaleza até à chegada de Nuno Vaz Pereira.

IGREJA PAROQUIAL N.ª S.ª DO LIVRAMENTO
(QUELIMANE, MOÇAMBIQUE)

Quelimane é a cidade da Zambézia, em Moçambique, situada na margem esquerda do rio dos Bons Sinais ou Quelimane e também chamada S. Martinho de Quelimane. A povoação é servida por um bom porto. Começou, no entanto, em 1544, por uma feitoria à beira-mar, e teve a sua fortaleza, que infelizmente o tempo destruiu. A abertura do seu porto data de 1853. A sua elevação a cidade data de 21 de Julho de 1942. Entre os edifícios que enobrecem conta-se a residência do Governo, a estação postal e telegráfica, a sede da Companhia Boror, o hospital e a igreja paroquial, que embora modesta é o reduto da Fé e o símbolo da presença religiosa.



IGREJA MATRIZ DE MANGA
(MANGA-MOÇAMBIQUE)

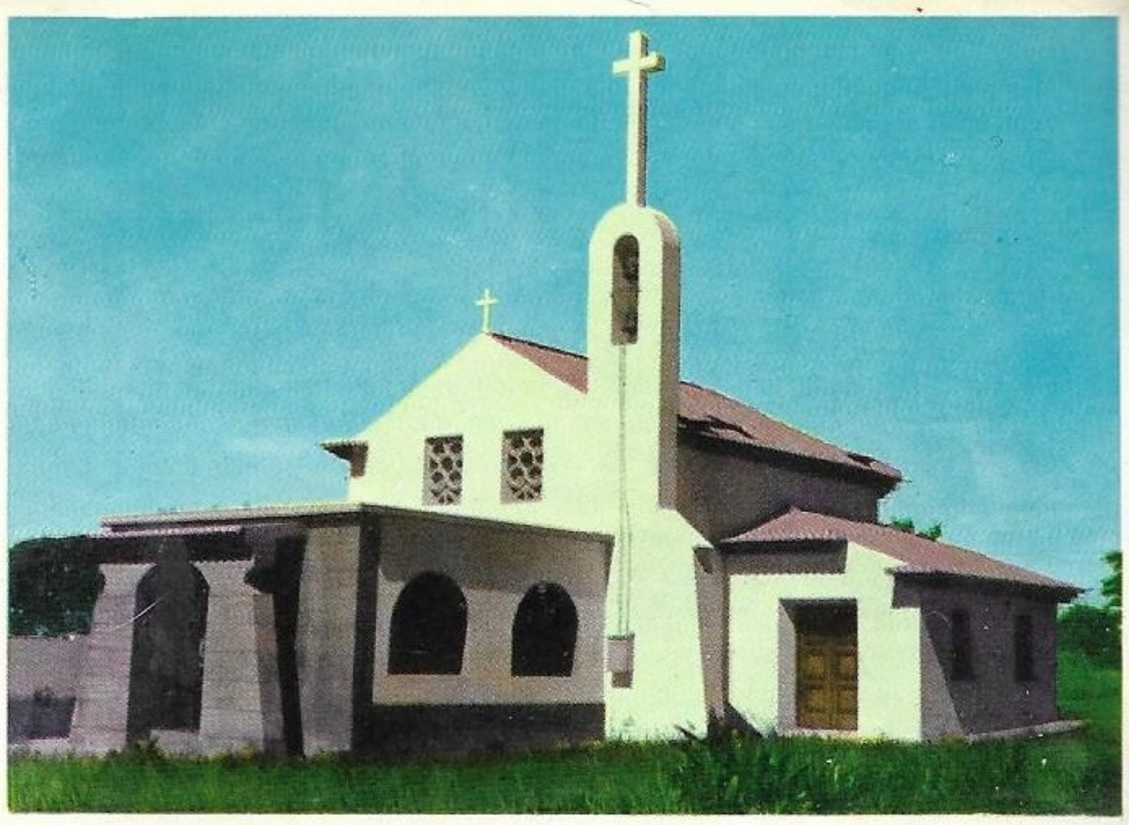
Manga é uma serra de Moçambique, situada a 15 quilómetros da margem esquerda do Reno. A igreja Matriz de Manga é um edifício de características próprias, que tem o encanto da beleza própria.

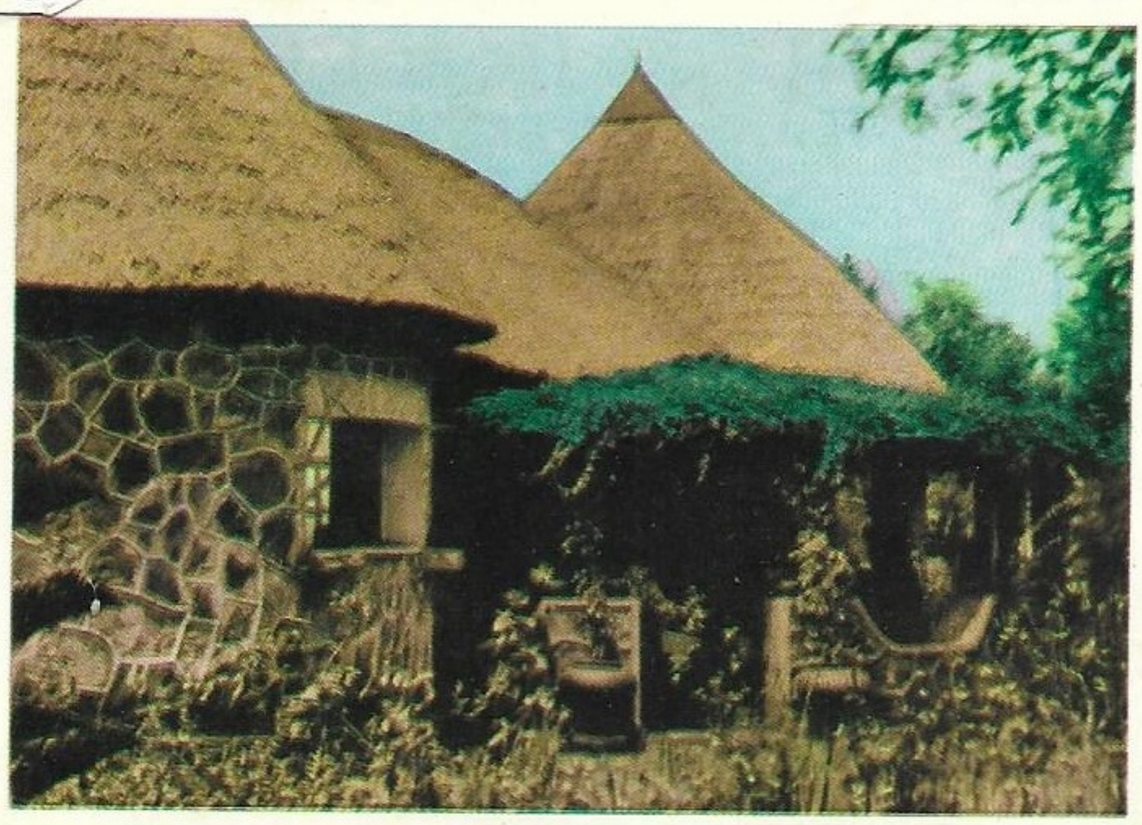
QUELIMANE (MOÇAMBIQUE)

Quelimane é a cidade da Província da Zambézia, situada na margem esquerda do rio dos Bons Sinais ou Quelimane, e também chamada S. Martinho de Quelimane. A povoação começou em 1544 por uma feitoria à beira-mar, e teve a sua fortaleza que o tempo destruiu. A abertura do Porto de Quelimane ao comércio foi decretada em 1853. Em 1854 passou momentos muito dificeis, chegando ao último grau de decadência. Mas através de si própria, servindo-se dos seus meios naturais, conseguiu sobreviver tornando-se na importante povoação que é hoje. Quelimane foi elevada à categoria de vila em 9 de Maio de 1761, e à de cidade em 21 de Agosto de 1942.

BOANE (LOURENÇO MARQUES-MOÇAMBIQUE)

Boane está situada na circunscrição de Marracuene, distrito de Lourenço Marques, Moçambique. É sede de importantes empresas agrícolas e comerciais e é servido pela linha férrea de Goba. Está distante de Lourenço Marques apenas 37 quilómetros. Ergue-se ali a Capela do Beato Nuno Álvares Pereira, que nas suas linhas espirituais traduz uma fé presente em todos os territórios portugueses ultramarinos. Aliás, essa fé vem do tempo em que Portugal servindo o Mundo e a Humanidade desbravava os mares e as terras ignorados, trazendo para a luz da Civilização e da Fé, povos esquecidos pelo tempo.





NAMAAXA (MOÇAMBIQUE)

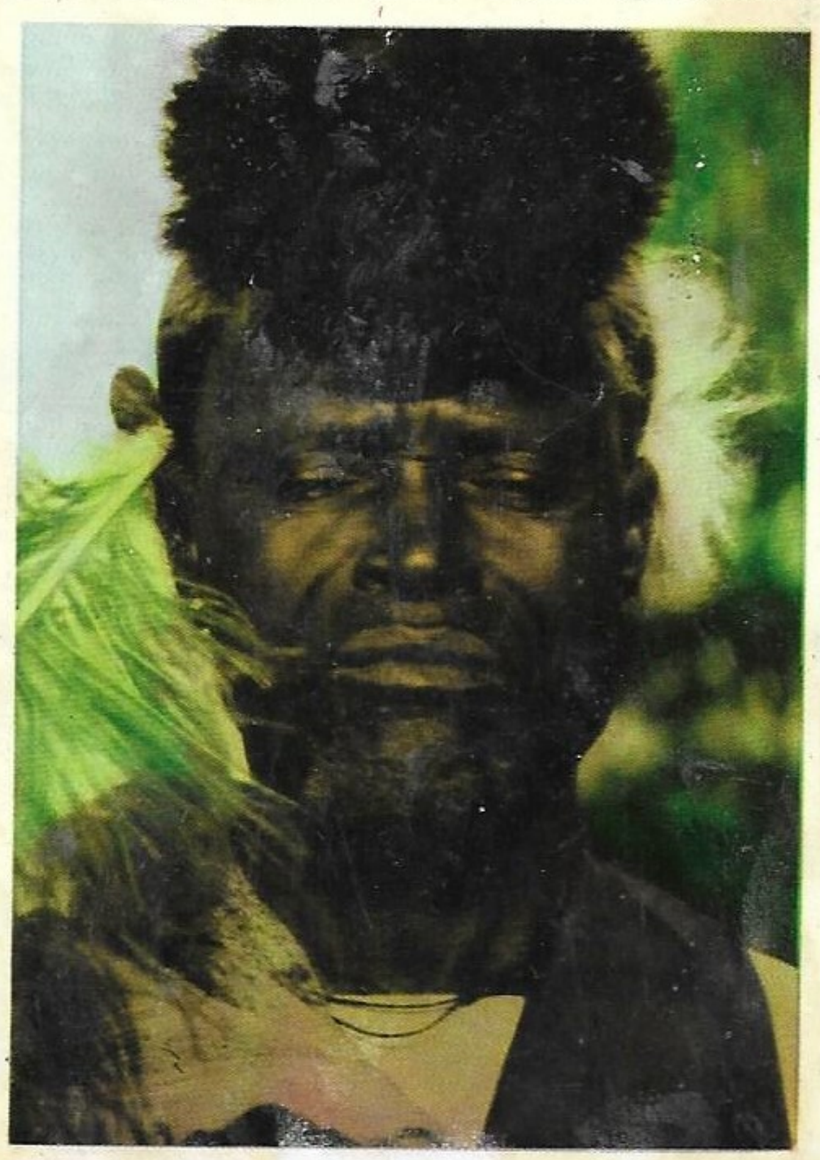
Namaaxa é um posto administrativo de Marracuene. Tem um posto fiscal, escola e institutos de ensino, estação postal, posto zootécnico e delegação de saúde. Situada a 594 metros de altura, é ligada por estrada a Lourenço Marques, da qual fica distante apenas 74 quilómetros. Possui um clima próprio, e para além das residências e outros edifícios próprios que o compõem, tem ainda a distingui-lo um panorama, que embora repetido na província, adquire aqui uma expressão própria, pelas suas características naturais.

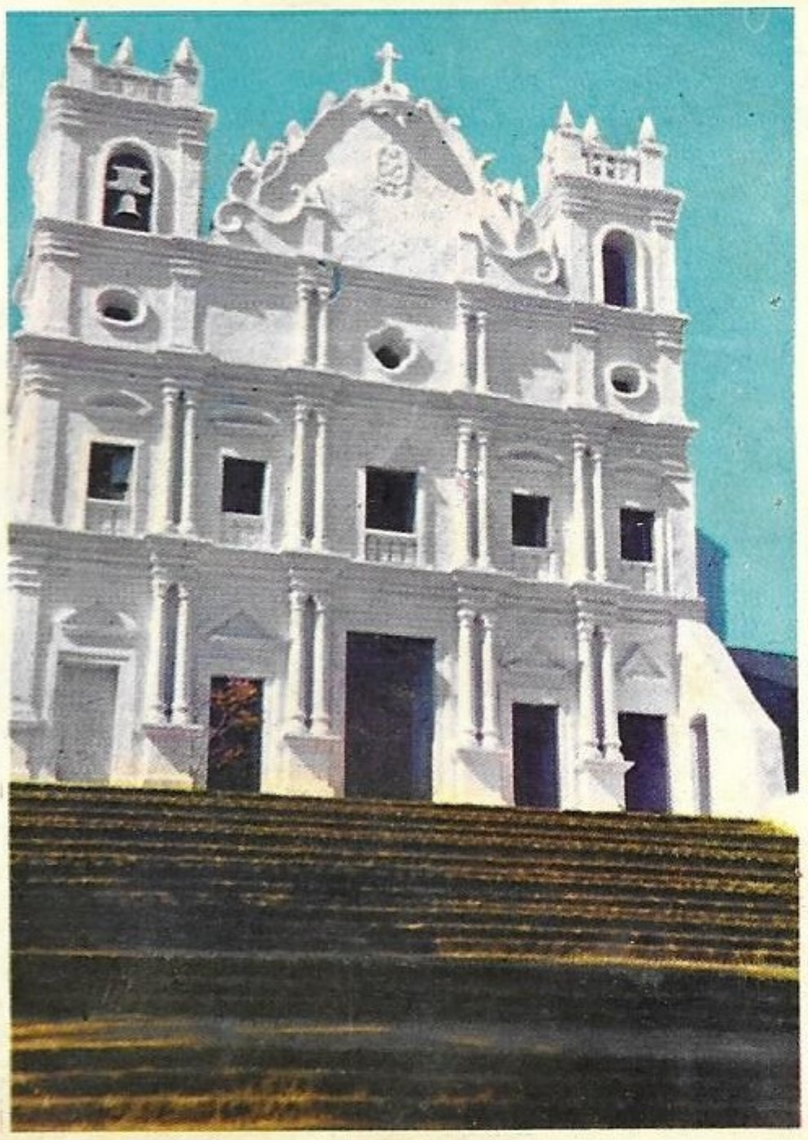
BILENE (MOÇAMBIQUE)

Bilene é uma província do Sul do Save, em Moçambique, Em 1810 um chefe indígena de nome Manicusse emigrou para Bilene com alguns dos seus partidários e ali se estabeleceu. Foi aqui, em 8-9-1895, que se deu o combate de Magul, em que 600 soldados europeus venceram os 6 000 homens de Gungunhana.

IGREJA REIS-MAGOS (ÍNDIA PORTUGUESA)

O primitivo nome de Reis-Magos vem de um galeão comandado por João Gago de Andrade, que saiu do Tejo com destino a Malaca, em 29 de Dezembro de 1585. Depois surge como freguesia do concelho de Bardez, e por último na igreja do mesmo nome, que o cromo representa. Peça de património português, «bocado de fé ali levado», ela tem um significado bem profundo nas raízes lusitanas, porque corresponde a algo de grandioso e sublime: símbolo como tantos outros espalhados pelo Oriente da coragem e fé civilizadora dos portugueses.





DIO (ÍNDIA PORTUGUESA)

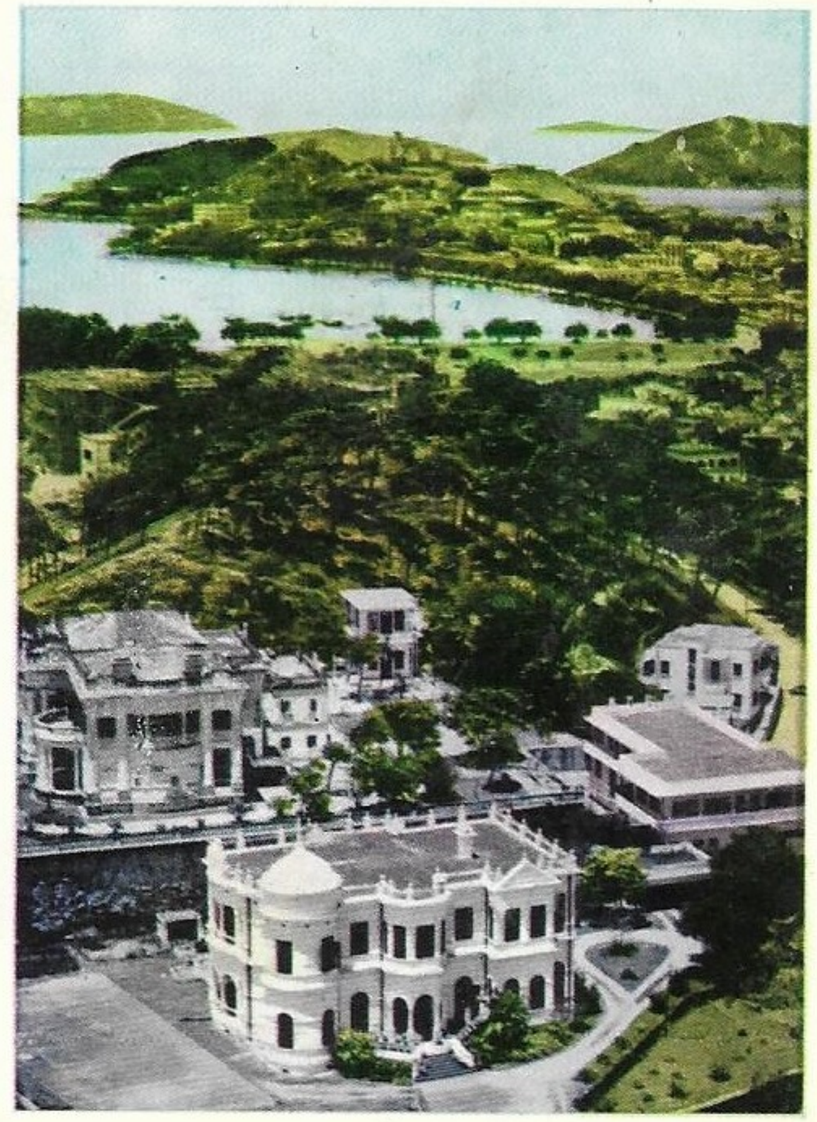
Dio é distrito; ilha e cidade da Índia Portuguesa, ao Sul da península de Guzerate. A primeira edificação portuguesa ali a erguer-se foi uma fortaleza, em Novembro de 1535, mandada construir pòr D. Nuno da Cunha. Dio é composta por três partes: a ilha de Dio, a aldeia de Gogolá, e o território de Simbor. A ilha de Dio tem 15 por 15 quilómetros. Na parte Este fica situada a cidade e no extremo oposto a povoação de Brancavará. A barra de Este é fechada pelo «forte do mar», que fica situado numa restinga e pela ponta da ilha onde está o castelo de Dio. O porto, que vemos no cromo, é demandado por patmaris e outras embarcações de pequena cabotagem e tem quatro farolins. A constituição geológica do terreno é vulcânica.

REIS-MAGOS (ÍNDIA PORTUGUESA)

Reis-Magos é a freguesia do concelho de Bardez, distrito de Goa, Índia Portuguesa. Está situada a Sudoeste do concelho na margem direita do rio Mandovi, dentro da barra de Auada. Teve uma fortaleza, situada no ponto mais estreito do Mandovi, que dominava grandes extensões das duas margens, e chegou a montar 27 bocas de fogo. Região de características próprias, vale por isso mesmo. Dotada de ambiente particular, possui o sortilégio próprio das parcelas orientais, onde o exotismo da paisagem dá mãos à graça do ambiente onde a presença portuguesa tem profundas raízes.

DAMÃO (ÍNDIA PORTUGUESA)

Damão é uma cidade da Índia Portuguesa, com uma freguesia (Bom Jesus), e capital do distrito do mesmo nome. A praça de Damão é um decágono irregular do sistema abaluartado à entrada do rio de Damão, e a 160 quilómetros ao Norte de Bombaim. Tem duas portas, a da Terra e do Mar, e em frente desta um cais que data do tempo em que o porto floresceu o comércio do anfião. Foi em 1511 que Diogo de Melo acossado por uma tempestade arribou a Damão, e data desse tempo o conhecimento da terra pelos portugueses. Em 1529, António da Silveira recebeu do governador D. Nuno da Cunha ordem de conquistar a fortaleza ali existente, a qual tomou.



MACAU

Macau é uma provincia portuguesa na China Meridional. É constituída pela cidade de Santo Nome de Deus de Macau e um arquipélago. Foi Fernão Peres de Andrade que, em 1568 ali levantou uma feitoria com 900 homens. Em 1848 foi nomeado governador o oficial de Marinha, João Maria Ferreira do Amaral, e em 1887 estabeleceu-se o tratado entre Portugal e a China, que estipula Macau como território português.

HOSPITAL CONDE DE S. JANUÁRIO (MACAU)

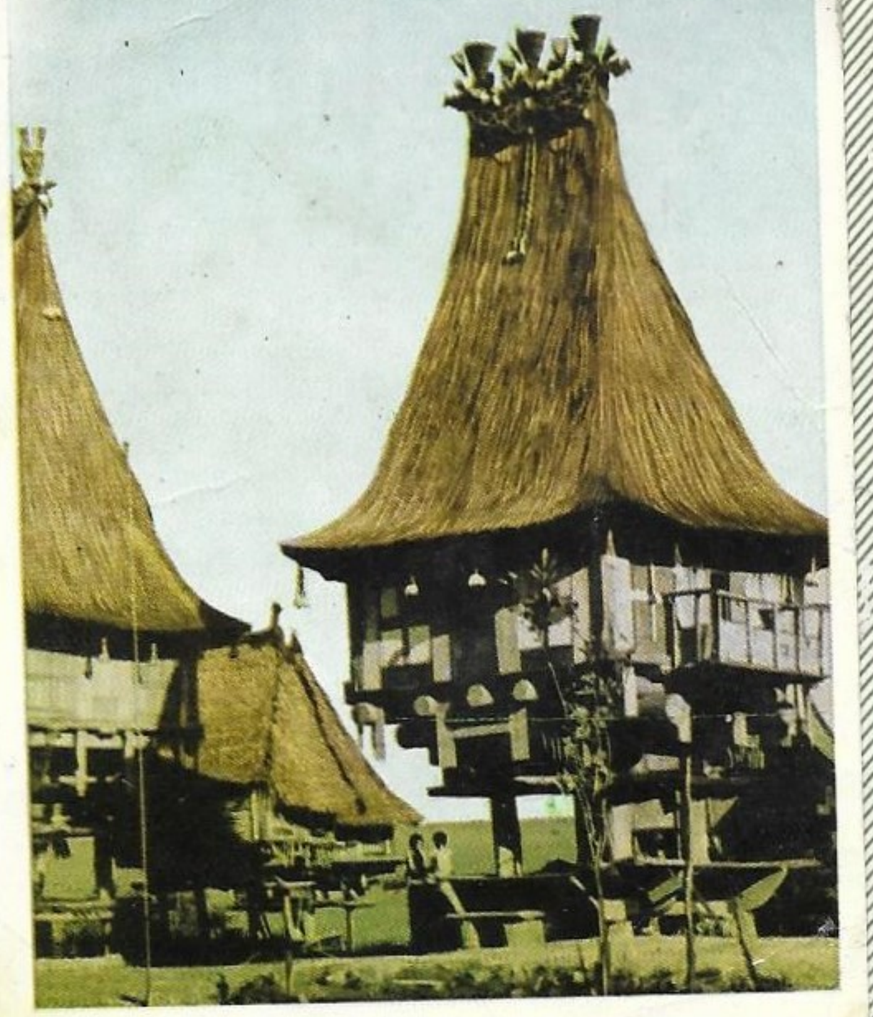
O Hospital do Conde de S. Januário é um estabelecimento onde é prestada assistência através das suas modelares instalações, sendo servido por um corpo clínico especializado e material técnico de qualidade. Mas a assistência também é prestada pelos hospitais de S. Rafael e Keng-Wu, este chinês, sem falar de numerosos asilos religiosos e laicos e ainda mais numerosos postos médicos. Pode-se dizer que atendendo à extensão do território, Macau dispõe de uma aparelhagem sanitária completa: Conta ainda no seu activo duas gafarias, uma na ilha Coloane e outra na ilha de D. João, sem contar com um asilo de infância e muitas associações de socorros.

LICEU INFANTE D. HENRIQUE (MACAU)

Estabelecimento escolar de características modelares, que serve o território português, e prepara mancebos para ingressarem nos cursos superiores na Metrópole. Macau possui também um seminário, onde estudantes portugueses e chineses se preparam para a actividade missionária em todo o Extremo Oriente. Tem ainda uma escola comercial, um colégio de meninas, e numerosas escolas municipais. Macau foi considerado como um dos territórios mais cultos de todo o Portugal. Dentro desta afirmação, reside o facto de possuir cinco órgãos de informação, publicados em português, e em trilingue: português, chinês e inglês, além de contar com mais de duas dezenas de livrarias.

DILI (TIMOR)

Dili é a capital de Timor. Está situada na costa setentrional da ilha, na baía do mesmo nome que constitui o principal porto de mar de toda a ilha. Está edificada junto de grandes e extensos pântanos, na maior parte reduzidos por obras de drenagem e aterro. Dili é centro de missionação. Tem escolas masculinas e femininas, e possui centros hospitalares dotados de todos os requisitos. Quanto à exportação da região faz-se pelo porto de Dili, sendo os principais produtos exportados: sândalo, mel e cera, laranjas, café e sobretudo arroz. Na área do concelho de Dili ficam a cidade e as freguesias de Maquila, Manorrone, Beloi, Mamete, Miqyuele e Macadale.



HABITAÇÕES TÍPICAS (TIMOR)

As habitações nativas ou típicas de Timor constituem ainda hoje motivo de interesse para quem visita a ilha. É curioso recordar que foi entre 1512 e 1522 que a ilha de Timor foi descoberta. E a primeira autoridade portuguesa ali instalada foi Fr. António da Cruz, que converteu ao cristianismo um grande chefe gentílico e ali se instalou para decisiva influência espiritual entre o gentio.

Lisbo

As armas e os barões assinalados
Que, da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
E em perigos e guerras esforçados,
Mais do que permetia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram desvastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando:
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

LUÍS DE CAMÕES («OS LUSÍADAS»)

EDITORIAL IBIS, LIMITADA

PREÇO: 7$50